

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS**

**O ESPAÇO COTIDIANO DA PRAÇA SALDANHA
MARINHO – SANTA MARIA/RS: UM OLHAR SOBRE
AS FORMAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cláudia Regina Rodrigues Ferraz

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**O ESPAÇO COTIDIANO DA PRAÇA SALDANHA MARINHO
- SANTA MARIA/RS: UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE
INTERAÇÕES SOCIAIS**

por

Cláudia Regina Rodrigues Ferraz

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Área de Concentração Produção do Espaço e Dinâmica Regional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Ana Bolfe

Co-orientador: Prof^o. Dr^o. Benhur Pinós da Costa

Santa Maria, RS, Brasil

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ferraz, Cláudia Regina Rodrigues.

O Espaço Cotidiano da Praça Saldanha Marinho – Santa Maria/RS:
Um Olhar sobre as Formas de Interações Sociais / Cláudia Regina
Rodrigues Ferraz. -2013.

139 p.; 30 cm

Orientador: Sandra Ana Bolfe

Co-orientador: Benhur Pinós da Costa

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria,
Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em
Geografia e Geociências, RS, 2013.

1. Apresentando o tema - o espaço público urbano; território
e territorialidade 2. Meandros de uma investigação 3. Praça
Saldanha Marinho: espaços e tempos 4. Praça Saldanha Marinho: as
Formas de interações sociais e suas microterritorializações I. Bolfe,
Sandra Ana II. Costa, Benhur Pinós da III. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Mestrado em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada
aprova a Dissertação de Mestrado

**O ESPAÇO COTIDIANO DA PRAÇA SALDANHA MARINHO –
SANTA MARIA/RS: UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE
INTERAÇÕES SOCIAIS**

elaborada por
Cláudia Regina Rodrigues Ferraz

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Sandra Ana Bolfe, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Benhur Pinós da Costa, Dr^o. (UFSM)
(Co-Orientador)

Bernardo Sayão Penna e Souza, Dr^o. (UFSM)

Elsbeth Léia Spode Becker, Dr^a. (UNIFRA)

Santa Maria, 11 de outubro de 2013.

*Aos meus pais, José e Tereza, pelo
amor incondicional e verdadeiro.*

As minhas irmãs Eliane e Viviane, pelo companheirismo.

E a minha sobrinha Márcia Elisa, te amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as oportunidades que tive, pois foram elas que me impulsionaram a chegar a este momento.

Sou grata aos meus pais José e Tereza pela vida, pelo amor e dedicação e especialmente pelos seus exemplos de honestidade e de conduzir a vida.

As minhas lindas irmãs Eliane e Viviane pelo companheirismo e pelas longas conversas frutíferas, que foram nos construindo como pessoas, e especialmente a minha princesa, afilhada e sobrinha Márcia Elisa que com seu sorriso me faz mais forte e humana. A minha nova irmã Janaina espero que nossa amizade cresça a cada dia, seja bem vinda à família.

Aos orientadores Prof^ª. Dr^ª. Sandra Ana Bolfe pela confiança, incentivo e carinho no decorrer de minha vida acadêmica e aluna do Programa de Pós-Graduação e ao Prof^º. Dr^º. Benhur Pinós da Costa pela disponibilidade e, sobretudo, pelo respeito às minhas dificuldades.

A Prof^ª. Dr^ª. Elsbeth Léia Spode Becker e ao Prof^º. Dr^º. Bernardo Sayão Penna e Souza, membros da Banca Examinadora, que se disponibilizaram avaliar este estudo.

Aos meus colegas: Carmem, Cibele, Cleusa, Geani, Marcelo, Marcos e Patrícia pelo companheirismo e amizade durante este curto mais intenso período de formação.

As minhas amigas Dalvana, Lenir e Márcia pela amizade sincera e verdadeira.

E a todos os habitantes da cidade de Santa Maria/RS, pois grande parte esteve presente ou representado no ir e vir no espaço da Praça Saldanha Marinho.

*O solo é o que faz nascer,
é o que permite o crescimento,
é o lugar onde jazem todas as agregações sociais
e suas sublimações simbólicas.
(Michel Maffesoli, 2006)*

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós- Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

O ESPAÇO COTIDIANO DA PRAÇA SALDANHA MARINHO - SANTA MARIA/RS: UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS

AUTORA: CLÁUDIA REGINA RODRIGUES FERRAZ

ORIENTADORA: SANDRA ANA BOLFE

CO-ORIENTADOR: BENHUR PINÓS DA COSTA

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 11 de outubro de 2013.

Este trabalho traz um estudo sobre as formas de interações sociais e suas microterritorializações no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, localizada na cidade de Santa Maria/ RS. Através da metodologia do formismo sociológico de Maffesoli, procurou-se investigar as formas e os conteúdos sociais, buscando compreender as microapropriações do espaço pelos diferentes grupos de convivência. Dessa maneira, buscou-se investigar os aspectos simbólicos, relacionais e estéticos, os quais definem as fronteiras de convivência entre os agregados sociais. Nesse sentido, verificou-se que a Praça Saldanha Marinho configura-se por apresentar diversos tipos de agregações que se relacionam de formas distintas e que necessariamente territorializam partes específicas do espaço. Pode-se dizer que a praça, nessa dimensão caracteriza-se por apresentar territórios justapostos representando diversos estilos de vida, formas simbólicas e expressões culturais e estéticas. Assim, constataram-se duas grandes territorializações, as quais representam formas de interações sociais bastante específicas, definidas pelo compartilhamento em comum de expressões estéticas e simbólicas entre os indivíduos. Ou seja, no período da manhã, o espaço configura-se pela presença de agregações de convivência entre idosos, as quais se conformam por apresentar múltiplas formas de interações sociais verificáveis no espaço diante das práticas sociais realizadas pelos indivíduos. Trata-se de indivíduos em sua maioria homens, que, devido o tempo ocioso, deslocam-se diariamente para o centro da cidade, especificamente para a praça em busca de convívio social. No período da tarde, principalmente nos finais de semana, verificou-se que a configuração do espaço altera-se pela presença visível de microterritorializações de grupos de jovens, sendo estes estudantes e militares. Assim, trata-se de jovens que buscam durante o tempo livre, realizar práticas de lazer e entretenimento no centro da cidade, onde a Praça Saldanha Marinho constitui o principal ponto do circuito de lugares microapropriados pelos grupos no espaço urbano da cidade de Santa Maria. Além disso, observou-se no espaço a presença de outras formas de interações as quais representam múltiplos interesses subjetivos dos indivíduos microterritorializados. Assim sendo, a Praça Saldanha Marinho compreende um espaço de coexistência de múltiplas formas de interações que ao se espacializarem formam diante dos grupos microterritorializados fronteiras de convivências, produzindo microespaços de convivência resultado das segregações dos grupos/agregações sociais.

Palavras-chave: Microterritorialidade. Cotidiano estético. Formismo. Espaço público. Praça Saldanha Marinho - Santa Maria/RS.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Geography and Geosciences Graduate Program
Federal University of Santa Maria

O ESPAÇO COTIDIANO DA PRAÇA SALDANHA MARINHO - SANTA MARIA/RS: UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS

**THE DAILY SPACE OF SALDANHA MARINHO SQUARE – SANTA
MARIA/RS: A LOOK ON THE FORMS OF SOCIAL INTERACTIONS**

AUTHOR: CLÁUDIA REGINA RODRIGUES FERRAZ

ADVISOR: SANDRA ANA BOLFE

CO- ADVISOR: BENHUR PINÓS DA COSTA

Date and Place of Defense: Santa Maria, 11 October 2013.

This study is about forms of social interactions and their microterritorialization in the daily space of Saldanha Marinho Square, in Santa Maria/RS. Using Maffesoli's sociological formism methodology it was tried to investigate the forms and social contents, seeking to understand the microappropriation of space by different coexistence groups. So it is sought to investigate symbolic, relational and aesthetic aspects which define the boundaries of coexistence between social aggregates. In this sense, it was verified that Saldanha Marinho Square sets up itself by presenting several types of aggregations which relate in different ways, and that necessarily territorialize specific parts of space. It is verified that the square, in this dimension, characterizes by presenting just past territories representing several life styles, symbolic forms and aesthetic and cultural expressions. So, two major territorializations were found, and represent ways of social interactions quite specific, defined by sharing in common of aesthetic and symbolic expressions among the individuals. In the morning, the space sets up by the presence of coexistence aggregations among elderly, which present several forms of social interactions in the space on social practices carried out by individuals. They are, mostly men due to idle time, go daily to the city center, specifically to the square in search of social life. In the afternoon, mainly on the weekends, it was found that the configuration space is altered by the presence of visible youth groups micro-territorializations and these are students and military. Thus, these young groups seek, during free time, to conduct practices of leisure and entertainment in the city center, where the Saldanha Marinho Square is the main point of the micro-appropriate places by the groups in the urban space of Santa Maria city. Furthermore, it was noted in the space the presence of other forms of interactions which represent multiple subjective interests of the multi-territorialized individuals. Therefore, the Saldanha Marinho Square comprises a coexistence place of multiple forms of interactions that, when spatialized, form groups before micro-territorialized groups cohabitation borders, producing micro-spaces of coexistence groups which result from social segregation or aggregation groups.

Key-words: Microterritoriality. Aesthetic daily. Formism. Public space. Saldanha Marinho Square - Santa Maria/RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta da cidade de Santa Maria, 1861	50
Figura 2 - Praça Saldanha Marinho em meados de 1890	51
Figura 3 - Vista da Praça Saldanha Marinho em 1904	52
Figura 4 - Inauguração da Praça Saldanha Marinho em 1907	53
Figura 5 - Festa de Carnaval no espaço da Praça em meados de 1908	54
Figura 6 - Primeiro quiosque, 1909	55
Figura 7 - Segundo quiosque, 1925	56
Figura 8 - Fotografia e sua clientela em frente ao quiosque. Foto de 1925	57
Figura 9 - Homem com sua quitanda, 1925	57
Figura 10 - Desfile militar, 1930	58
Figura 11 - Formatura do Batalhão Flores da Cunha, do Colégio Santa Maria, em 1932	59
Figura 12 - Vista aérea da Praça Saldanha Marinho, após a reforma em 1935	60
Figura 13 - <i>Footing</i> na Primeira Quadra da Dr. Bozano esquina com a Praça, em 1947	61
Figura 14 - Vista aérea da Praça Saldanha Marinho, após a reforma de 1982	62
Figura 15 - Quiosque, 1982	63
Figura 16 - Vista aérea da Praça Saldanha Marinho, após a reforma de 1992	64
Figura 17 - Camelódromo localizado na Avenida Rio Branco	65
Figura 18 - Bancas de artesões localizadas na Praça Saldanha Marinho	66
Figura 19 - Barracas da Feira do Pequeno Produtor localizadas na área central da Praça Saldanha Marinho	67
Figura 20 - Praça Saldanha Marinho, espaço de convivência e lazer	70
Figura 21 - Imagem que expressa a dimensão de espaço público da Praça Saldanha Marinho, a partir da perspectiva da diversidade cultural	72
Figura 22 - Feira do Livro de Santa Maria, vista da movimentação das pessoas entre as bancas	72
Figura 23 - Pessoas aguardando o início das apresentações da 24ª Semana da Consciência Negra realizada no mês de novembro de 2012	73
Figura 24 - Associação Capoeira de Rua Berimbau, apresentando uma roda de capoeira na Praça Saldanha Marinho	73
Figura 25 - Croqui: As formas de interações sociais microterritorializadas na Praça Saldanha Marinho	78
Figura 26 - Idosos sentados em uns dos bancos na Praça Saldanha Marinho	81
Figura 27 - Idosa sentada, fumando um cigarro, cena rara de se ver no espaço da praça, mais ao fundo da imagem, pode-se ver duas idosas sentadas conversando	84
Figura 28 - Idosas sentadas conversando com mulheres de meia idade, nos bancos na Praça Saldanha Marinho, em frente ao Teatro Treze de Maio	87
Figura 29 - Reunião de idosos e homens de meia idade	89
Figura 30 - Casal de idosos sentado em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho. A praça como espaço de estar - junto à toa	94

Figura 31 - Grupo de estudantes microterritorializados no espaço da praça, que no período da manhã é territorializado pelos idosos	99
Figura 32 - Grupo de jovens estudantes de cursinho pré-vestibular, após o período de aula, territorializam parte do espaço da praça	100
Figura 33 - Grupo de jovens negros, territorializando o espaço da praça, sábado à tarde	102
Figura 34 - Grupo de jovens sentados na beira de um dos canteiros na Praça Saldanha Marinho	104
Figura 35 - Croqui: A territorialidade do Circuito Jovem em Santa Maria/RS: Praça Saldanha Marinho o nó da rede	110
Figura 36 - Homem embriagado dorme em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho, cena cotidiana no espaço	116
Figura 37 - Em destaque dois homens (o da direita é catador) vistos constantemente no espaço, realizando práticas voltadas para o consumo de bebidas alcoólicas	117
Figura 38 - A microterritorialidade da prostituição na Praça Saldanha Marinho	119
Figura 39 - Reunião de catadores, sentados na beira de um dos canteiros na Praça Saldanha Marinho	120
Figura 40 - A própria praça como espaço de coleta dos catadores	121

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de Entrevista: Informações sobre o entrevistado idoso	134
Apêndice B - Roteiro de Entrevista: Informações sobre o entrevistado jovem	135
Apêndice C - Roteiro de entrevista: Informações subjetivas dos frequentadores idosos e jovens sobre a Praça Saldanha Marinho	136
Apêndice D - Perfil dos entrevistados idosos.....	137
Apêndice E - Perfil dos entrevistados jovens	138

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 APRESENTANDO O TEMA	15
2.1 Pensando o espaço público urbano	15
2.2 Território, territorialidade e a dimensão das microterritorialidades urbanas	19
2.3 O espaço na perspectiva de Massey	24
2.4 O cotidiano estético de Mafessoli	26
2.4.1 O mundo imaginal	32
2.5 Identidade e diferença	34
3 MEANDROS DE UMA INVESTIGAÇÃO	38
3.1 O formismo sociológico como método de investigação	38
3.1.1 Observação participante: primeiro passo em direção ao objeto de estudo	41
3.1.2 Fotografia: o clique de um instante	44
3.1.3 Entrevista: a fala como fonte de saber	45
4 PRAÇA SALDANHA MARINHO: ESPAÇOS E TEMPOS	49
4.1 Os primeiros anos	49
4.2 As décadas de 1920 a 1950	55
4.3 As décadas de 1980 a 2000	61
4.4 As políticas públicas e suas implicações quanto ao uso da Praça Saldanha Marinho	65
4.5 Praça Saldanha Marinho: espaço de convergência da diversidade cultural	70
5 PRAÇA SALDANHA MARINHO: AS FORMAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS E SUAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES	75
5.1 As formas de interações sociais encontradas na Praça Saldanha Marinho	75
5.1.1 Praça Saldanha Marinho: espaço de convivências	79
5.1.1.1 Localizando outras microterritorializações de convivência entre idosos no espaço urbano de Santa Maria	94
5.1.2 Praça Saldanha Marinho: espaço de lazer e diversão	97
5.1.2.1 O circuito jovem na cidade de Santa Maria: a Praça Saldanha Marinho – o nó da rede	107
5.1.3 Outras formas de interações microterritorializadas na Praça Saldanha Marinho	114
5.1.3.1 A microterritorialidade do álcool e da droga	115
5.1.3.2 A microterritorialidade da prostituição	118
5.1.3.3 Espaço de descanso	120
5.1.3.4 Os microterritórios da sobrevivência	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	133

1 INTRODUÇÃO

O interesse desse estudo converge na necessidade de entender o processo de produção do espaço urbano contemporâneo, considerando as microapropriações espaciais cotidianas dos agregados/grupos sociais, os quais representam uma diversidade de expressões culturais materializadas no espaço. Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo investigar as formas de interações sociais, a partir das microterritorializações urbanas, o que implicou compreender os processos relacionais, estéticos e de identificações subjetivas entre os indivíduos agregados.

Desse modo, ao assumir, nesta pesquisa, a temática do cotidiano e das microterritorialidades urbanas, procurou-se analisar os principais textos relacionados aos pressupostos do estudo. Assim, para a construção de uma perspectiva sobre o cotidiano buscou-se nas obras de Maffesoli, principalmente, nos livros “*Contemplação do Mundo*” (1995) e “*O Tempo das Tribos*” (2006), o embasamento teórico e epistemológico, sobre o cotidiano estético para o qual as formas sociais não constituem um conjunto de ações banais e insignificantes, mas, conformam-se a partir de uma empatia, sentimental e emocional orientando para um estar-junto em comum. O presente estudo adota essa perspectiva sobre cotidiano, por considerar que a construção de microterritorializações no espaço urbano advém de um sentimento em comum de pertencimento a determinada agregação social/grupo, que por sua vez necessita de espaço para efetivar suas interações de convivência.

Nos livros “*O Mito da Desterritorialização*” (2004) e “*Territórios Alternativos*” (2002) ambos de Haesbaert e o texto “*O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*” de Souza (2001), contribuíram para verificar as maneiras pelas quais o território pode ser investigado e interpretado, que para fins desse estudo, procurou-se pelas linhas teóricas que buscam explicar o território a partir dos aspectos subjetivos de apropriação do espaço. Finalmente, os livros “*A Condição Urbana*” de Gomes (2002) e “*Pelo Espaço*” de Massey (2008), contribuíram para entender o espaço a partir da esfera da diferença, onde uma diversidade de perspectivas culturais está presente diante dos estilos e modos de vidas que coabitam no espaço urbano, cujas conexões e desconexões estão sempre em processo, resultando em trajetórias múltiplas.

Nesse sentido, considerados em conjunto, tais referenciais teóricos possibilitaram investigar as formas de interações sociais microterritorializadas no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho - Santa Maria/RS, assim como, compreender os aspectos simbólicos, estéticos e de identificações subjetivos entre os indivíduos no âmbito das microapropriações espaciais.

Como metodologia de investigação, adotou-se o formismo sociológico de Maffesoli categoria epistemológica que busca compreender o jogo das formas de interações estabelecidas no cotidiano das relações sociais. Assim, foi utilizado de maneira a colher os fenômenos encontrados “contentando-se em descrever, em registrar, em mostrar o que é”, (MAFFESOLI, 1995, p. 14), dos acontecimentos sociais observados no cotidiano. Nesse sentido, o formismo compreende uma ferramenta metodológica para o entendimento da realidade social. Para de fato, apreender os fenômenos encontrados no cotidiano foram realizadas observações sistemáticas e um ensaio fotográfico no espaço social do estudo, assim como elaborados roteiros de entrevistas para coletar informações subjetivas sobre os indivíduos em seu espaço vivido.

Assim sendo, no ensejo de identificar as formas de interações, para explicar as microapropriações espaciais urbanas, foi estabelecido como objetivo geral do estudo, investigar as formas de interações sociais presentes no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, a partir das microterritorializações urbanas produzidas pelos agregados/grupos sociais/indivíduos. Para que o objetivo geral fosse alcançado elaboraram-se os seguintes objetivos específicos: verificar os processos relacionais, as expressões estético-culturais e de identificações subjetivas entre os indivíduos; identificar as fronteiras de convivências produzidas entre os agregados/grupos sociais, e por fim, representar cartograficamente as formas de interações sociais microterritorializadas através de croquis representativos.

O resultado do presente estudo foi estruturado em sete itens. No presente item a introdução, no segundo, apresenta-se os referenciais teóricos elencados para o desenvolvimento da pesquisa, onde se procurou analisar os pressupostos teóricos, a fim de compreender a complexidade de fenômenos envolvidos na investigação das formas de interações sociais a partir das microterritorializações urbanas. No terceiro, tem-se a fundamentação metodológica e os procedimentos metodológicos utilizados para investigar os processos relacionais estabelecidos entre os agregados. No quarto buscou-se trazer um breve histórico do espaço público da Praça Saldanha Marinho – Santa Maria/RS, ao longo do tempo, a fim de contextualizar o recorte espacial que foi estudado, sendo que disso discorreu levantar a história da própria cidade de Santa Maria, assim como, os períodos de maior

crescimento e que de alguma forma refletiram no espaço da praça até os dias atuais, período de nossa investigação. No quinto item está à análise e interpretação dos resultados alcançados pelo estudo. No sexto, as considerações finais, e por fim, no sétimo item, são apresentadas as referências consultadas para a construção desta pesquisa.

2 APRESENTANDO O TEMA

Neste item do estudo, procura-se trazer os referenciais conceituais e teóricos necessários para a constituição dessa investigação. Nesse sentido, foi imprescindível buscar na literatura existente proposições que encaminhasse o desenvolvimento da pesquisa, como forma de melhor compreender os aspectos intrínsecos a realidade dos fenômenos encontrados.

Desse modo, acredita-se que os referenciais teóricos escolhidos possibilitaram apreender a complexidade que envolve o estudo sobre o espaço urbano contemporâneo, a partir da perspectiva do cotidiano, aspecto que esse estudo procurou analisar. Além disso, contribuiu para que os procedimentos metodológicos mais apropriados fossem utilizados, de maneira a alcançar os objetivos propostos pelo estudo.

2.1 Pensando o espaço público urbano

Sennet (1988) ao estudar o sentido da palavra público, destaca que este tenha passado por várias formulações, decorrentes das transformações sociais e econômicas especificamente na Europa.

No entanto, no século XIII, o estatuto de estar em público já estava definido, nesse sentido, designava um ambiente fora do espaço familiar, agregando uma diversidade de pessoas e conseqüentemente criando novas formas de sociabilidades. Nesse momento o espaço público urbano estava ligado necessariamente a um ideal cosmopolita, onde o “homem se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que está à vontade em situações sem nenhum vínculo nem paralelo com aquilo que é familiar” (SENNET, 1988, p. 31).

Nesse sentido, Gomes (2002) afirma que o espaço público, seja o lugar onde se processa diretamente a vida pública, pela co-presença dos indivíduos, que diante dessa base física pode dar publicidade e apresentar sua razão em público, sem que haja nenhum obstáculo. O espaço público urbano oferece a condição da sociabilidade, sendo necessários processos relacionais, que envolvem um discurso fecundo de trocas comunicacionais entre os indivíduos. Sendo, sobretudo, o lugar onde os conflitos sociais podem ser apresentados, tornados visíveis, através do diálogo entre os diferentes possibilitando sua resolução.

A esse respeito, Santos (1997, p. 40) destaca que o espaço urbano apresenta uma heterogeneidade, que envolvem diferentes dimensões da vida na cidade, apresentando assim, uma diversidade de “raças, culturas, credos, níveis de vida”, e valores distintos, repercutindo assim, uma infinidade de trocas relacionais.

Jovchelovitch (2008, p. 146) afirma que o espaço nessa dimensão possibilita a “comunicação e diálogo, onde o Eu e o Outro podem se encontrar, explorar suas identidades mútuas, enfim construir conhecimento e expressar seus afetos”. Nessa medida, os espaços públicos representam pontos de encontro, territórios de conexão e comunicação expressivos, engendrados pelos diferentes modos de interação e expressão dos grupos sociais através de seus rituais, crenças e necessidades individuais e coletivas. Para a autora (2008, 147) a esfera pública representa para os diferentes atores a possibilidade de experimentar “a imprevisibilidade intrínseca à multiplicidade de perspectivas singulares que eles encontram”.

Nesse caso, a cidade é palco significativo de embate entre diferentes perspectivas, sendo por isso, espaço onde se processa “igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência”. Rocha e Eckert salientam que:

[...] a vida cidadina é, portanto, agitada, vertiginosa mesmo, ou monótona e repetitiva, dependendo da adesão ou não dos seus habitantes aos tempos e espaços vividos, ritmados pelos movimentos incessantes das imagens de cidade que habitam seus pensamentos em constante mutação. (ROCHA; ECKERT, 2011, p. 1-2).

Assim, para Rocha e Eckert (2011) conhecer a cidade é apropriar-se de parte do conhecimento do mundo, através dos afazeres e saberes de seus habitantes, ou seja, estar atento as rotinas, as trajetórias, as práticas e usos que fazem da cidade o lócus das interações sociais entre os indivíduos e/ou grupos.

Dessa maneira, Jovchelovitch (2008, p.147) fala que os espaços públicos são orientados por uma pluralidade de perspectivas que constitui a sociedade, espelho cuja finalidade é fazer emergir questões de interesse comum, possibilitando “participação e voz em um fórum partilhado por todos”. Gomes (2002) comenta que:

O espaço público é assim a mise-en-scène da vida pública, desfile variado de cenas comuns onde nos exercitamos na arte da convivência. O lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e estes por sua vez reafirmam o estatuto público desse espaço, e dessa dinâmica surge uma forma conteúdo, núcleo de uma sociabilidade normatizada, o espaço público (GOMES, 2002, p. 164).

No entanto, para Gomes (2002), o espaço público contemporâneo está parasitado por uma passividade, onde os indivíduos que o utilizam são incapazes de agir criticamente, tornando-se prisioneiros de uma lógica niveladora, num cotidiano desvinculado de uma participação política ativa, conferindo apenas espaços de socialidade.

Nesse sentido, o espaço urbano é produto de inúmeras “diferenciações internas” sendo estas observáveis, nos diversos lugares que a cidade apresenta, a partir de vários elementos como “etnia, sexo, idade, função” ou qualquer outra característica que possibilite certa verificação (GOMES, 2002, p. 66). A partir disso, criam-se no espaço da cidade múltiplas possibilidades de interações.

Assim, para Gomes (2002, p. 124-5) a cidade é “palco” de inúmeros comportamentos relacionais e de sociabilidades conformadas por trocas sociais diárias, nessa medida, o espaço urbano é produto de uma multiplicidade de significados e relações, ou seja, “a cidade é uma máquina de transformar matéria em símbolos”.

Nessa perspectiva, Gomes (2002) afirma que o espaço público deve ser visto a partir de duas acepções, imaterial e material, ou seja, de um lado o espaço abstrato que se constrói pela comunicação entre dois interlocutores, do outro espaço físico sensível que permite a co-presença de dois estrangeiros.

A ideia de estrangeiro colocada por Gomes (2002) concatena com a definição de Oliveira (2005, p. 67) onde coloca que este seja a “reunião de pessoas com fraco sentimento grupal e frouxamentos aglomerados. Mesmo assim, conseguem manter entre si um mínimo de comunicação e de relações sociais, sendo as pessoas que dele participam relativamente anôminas”. Pode-se ainda destacar o conceito de agregado social que diz respeito à mesma configuração relacional que Oliveira exemplifica claramente.

Retomando as reflexões sobre o espaço público, Gomes (2002) afirma que é necessariamente um espaço físico delimitado, destacando a praça, a rua, o parque, o shopping, ou seja, lugar onde não haja nenhum tipo de obstáculo permitindo o acesso livre das pessoas, conferindo possibilidade de expressão e interação entre as pessoas.

Notadamente para o autor, o que se estabelece nesse momento seria a condição primordial da co-presença e coabitação entre os indivíduos, através de um “pacto social/formal” constituído: a cidadania. Social porque advêm simultaneamente, de uma

relação de pertencimento a um grupo e conseqüentemente a um determinado território e formal porque assegura os direitos e deveres dos indivíduos implicados nessas relações. Conformando-se assim numa relação direta entre “a configuração física, seus usos e sua vivência efetiva” (GOMES, 2002, p.172).

Gomes (2002, p. 163) salienta que nesse espaço diverso se processa uma mistura social significativa, verificado pelos “diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses nutrem-se da co-presença ultrapassando suas diversidades concretas, transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade¹ e do diálogo”.

Diante da perspectiva de Gomes (2002, p. 164) esta “cena”, ou melhor, esse “discurso” [...] “se constrói por meio de certos gestos, pela maneira de se apresentar (em grupo, sozinho, com a família)”, pelas práticas sociais realizadas, “pelas imagens criadas e lidas” através de elementos como o vestuário, os acessórios e etc.; pelo comportamento dos indivíduos “modo de falar e se conduzir em meio à diversidade de circunstâncias desse espaço”. Essas diferentes formas de ser no espaço são significativas, demonstrando “uma escolha, uma forma de particularizar e valorizar”, os diferentes itinerários, percursos criados.

Essa compreensão de espaço público traz a tona o caráter essencial de diversidade social que esse conceito agrega, e que permitiu ao longo do tempo desvendar as características essenciais de cada período que a sociedade passou. Pode-se verificar diante disso, que os espaços públicos exercem um papel primordial como espaços de sociabilidades.

Portanto, cada espaço público pode assumir múltiplas formas, conforme os diferentes tipos de comunidades, grupos e/ou indivíduos que dele fazem uso, nesse sentido compreende uma ferramenta diagnóstica para entender determinada realidade.

Diante disso, fica evidente a pertinência desse estudo, pois a Praça Saldanha Marinho, expressa todas as dimensões destacadas e que por sua vez permite compreender o espaço urbano da cidade de Santa Maria, assim como, da condição do espaço urbano na contemporaneidade.

¹ Deve-se lembrar que civilidade, é derivada de civis que em latim quer dizer cidadão (GOMES, 2002, p. 163).

2.2 Território, territorialidade e a dimensão das microterritorialidades urbanas

O conceito de território é muito importante para a Geografia, desse modo, foram vários os teóricos que em seus estudos debateram o conceito e o tentaram (re) defini-lo, analisando tendências que dessem conta das dinâmicas espaciais contemporâneas. No entanto, é de consenso entre as diferentes abordagens existentes, que no centro do conceito de território está a dimensão do poder. Nessa medida, o território é um conceito político por excelência denotando relações de poder que se dão no espaço.

Assim, de acordo com Haesbaert (2002), a ideia de poder pode estar ligada desde a esfera que diz respeito ao poder entre Estados - Nação (as grandes estratégias da geopolítica mundial) até aos micropoderes de Foucault (pequenas táticas do cotidiano), pois é a partir dessas diferentes escalas que os territórios podem ser organizados, controlados e dominados.

Nesse contexto, Souza (2001, p. 78), salienta que o território “é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, onde as questões primordiais são: quem domina e influencia esse espaço e como faz? Quem domina ou influencia quem, a partir do controle e domínio do espaço?

Contribuindo com essa perspectiva Haesbaert (2002, p.121) afirma que o território, “é o produto de uma relação desigual de forças envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e articulados”.

A partir dessa análise denota-se que os territórios são formados por múltiplas escalas desde as questões espaciais (locais/globais) até as que envolvem questões simbólicas, identitárias, afetivas e relacionais entre os diferentes agentes sociais. Com relação às questões relacionadas à escala, Souza (2001) afirma que:

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); Territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses, ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (SOUZA, 2001, p. 81).

Conforme Souza (2001, p.86) o território é um “campo de forças”, uma rede pela qual as relações sociais se estabelecem acabando por traçar limites e alteridades que se projetam

espacialmente, nesse sentido, delimita e define “a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*”).

Nesse sentido, Souza (2001) menciona que o território não necessariamente envolve a produção concreta/material de um espaço, mas se faz diante da apropriação dos espaços já construídos pelos diversos grupos sociais, os quais projetam relações de controle, delimitando assim os espaços apropriados. Esses limites são facilmente observáveis na produção dos espaços sociais urbanos, da mesma maneira, são comunicados e compreendidos, sobretudo pelos indivíduos que se colocam no quadro das relações que demarcam tais territórios. Ou seja:

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos [...] podem [...] formar-se e dissipar-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido [...] ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos - e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (SOUZA, 2001, p. 87).

A partir disso, deve-se considerar que na perspectiva de Souza, a delimitação de um território, perpassa pela consideração dos grupos sociais que envolvidos com tais e tais situações se territorializam. Assim, é a partir do estudo dos grupos sociais que temos acesso ao território, e aos tipos de configurações que os constituem que, diga-se de passagem, são tão diversos e flexíveis quantas forem às relações de poder assumidas pelos grupos.

Nesses termos Souza (2001) traz dois exemplos de territorialidades flexíveis, de onde se pode notar a diversidade e a complexidade que esses territórios podem adquirir por conta das relações de poder estabelecidas pelos agentes sociais (grupos, pessoas, organizações).

O primeiro caso diz respeito aos territórios da prostituição, onde os “outros” são propriamente o mundo onde o cliente está situado ou ainda grupos concorrentes os quais podem entrar em conflito. A característica essencial desse tipo de território se estabelece por localizar-se em áreas de obsolescência ou espaços deteriorados, onde a noite é apropriada pelos agentes da prostituição e durante o dia pelas atividades formais ligadas ao comércio e serviços, adquirindo um “caráter cíclico”. Além disso, são territórios bastantes “flutuantes e moveis”, ou seja, os limites são instáveis conforme as condições de realização de tais territorialidades.

O segundo exemplo está relacionado ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro, onde seus territórios se acham distribuídos no tecido urbano: bairros e favelas constituindo uma rede,

onde o comando parte de uma única organização. Nota-se que existem outras organizações que se reproduzem da mesma forma.

Ao fazer referência a essas duas territorialidades, Souza estabelece a ideia de territórios descontínuos, formado por um conjunto de pontos, conectados entre si dando a ideia de fluxos na escala da cidade, como no caso do crime organizado, que numa escala micro se convertem em territórios contínuos, como no caso de uma favela territorializada por única uma organização do tráfico de drogas.

Essa abordagem conceitual pode ser ativada para pensar outras territorialidades no âmbito dos espaços urbanos contemporâneos, os quais podem ser territórios descontínuos e contínuos. Nesse sentido, a concepção de territorialidade utilizada por Souza (2001, p. 99) é definida por um processo de “interação entre homem e espaço”, ou seja, “sempre uma interação entre seres humanos mediatizadas pelo espaço”.

Haesbaert (2004, p. 86) amplamente inspirado com as ideias de Sack, afirma que a territorialidade é a “qualidade necessária para a construção de um território”, ou seja, a territorialidade é “[...] incorporada ao espaço quando este media uma relação de poder que efetivamente o utiliza como forma de influenciar e controlar pessoas, coisas e/ou relações sociais”. Tratando-se assim de uma “estratégia espacial” podendo ser ativada e desativada, como forma de influenciar, afetar, controlar coisas e pessoas, fenômenos e relacionamentos pelo controle de um espaço específico.

Para Haesbaert (2004, p. 89), território e territorialidade estabelecem uma “comunicação por fronteira”, ou seja, o território internamente é padronizado e classificado em relação aos demais territórios. “Por isso, toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais”. Com relação aos que estão dentro/fora dos limites do território, o autor salienta que:

Todos os que vivem dentro de seus limites tendem assim, em determinado sentido, se vistos como ‘iguais’, tanto pelo fato de estarem subordinados a um mesmo tipo de controle (interno ao território) quanto pela relação de diferença que, de alguma forma, se estabelece entre os que se encontram no interior e os que se encontram fora de seus limites (HAESBAERT, 2004, p. 89).

Nesse sentido, Haesbaert (2004) concorda com Souza (2001) ao destacar que os territórios se constroem pelo viés da diferença, sendo cada um deles é resultado de processos

de identificação entre os indivíduos entre si e com o espaço pelo qual suas práticas sociais são desenvolvidas, definindo assim fronteiras de convivências entre os grupos.

No plano das territorialidades urbanas, Campos (2002, p. 03) em seu estudo sobre as áreas centrais da cidade do Recife, salienta que esta pode ser “entendida como conjunto de ações, comportamentos de indivíduos ou grupos que tendem a afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações”, o que sugere o estabelecimento de territórios distintos, justapostos e que tendem a se alterar ao longo do dia. Nesse sentido, Campos (2002, p. 6) lembra que tem surgido uma gama de “estudos geográficos sobre o comportamento e práticas sócio-espaciais, valorizando direta ou indiretamente, as territorialidades urbanas”, enfatiza dessa forma que “no âmbito da produção anglo-saxônica, destacam-se os grupos que abordam as ‘Geografias do corpo e da sexualidade’ ou os ‘gêneros’, os quais dão ênfase as espacialidades que grupos com atividades e práticas sócio-espaciais específicas estabelecem.

Especificamente na Praça Saldanha Marinho, este fenômeno se apresenta ao longo do dia, onde as territorialidades percebidas vão se modificando, constituindo a cada momento uma nova configuração espacial distinta, que vão desde os idosos amplamente visíveis nas primeiras horas da manhã até as microapropriações de grupos juvenis no final da tarde até início da noite. Além disso, destacam-se outras formas sociais que juntamente com as já mencionadas produzem o espaço cotidiano do lugar.

A autora afirma que são elementos fundamentais para isso “às representações sociais (visões de mundo dos diferentes agentes sociais, atribuições de significados e interpretação da realidade) e as práticas espaciais (ações espacialmente localizadas, materialização cotidiana da identificação dos grupos com o espaço [...])” (CAMPOS, 2002, p. 3).

Assim, a produção do espaço urbano não se dá de forma homogênea, “mas se estabelece por múltiplos processos de fragmentação relacional dos grupos humanos”, onde essa fragmentação “produz e é produto de diferentes formas de apropriação espacial dos agregados sociais que constituem a cidade” (COSTA, 2007, p.133). Ou seja, cada parcela pode ser identificada como um microterritório, expressando formas de convivências muito específicas, representado pelas distintas particularidades com que cada grupo de pessoas emprega ao fazer uso do espaço.

Nessa perspectiva, Costa (2007) afirma que essa microapropriação espacial representa um compartilhamento por parte dos indivíduos dos acontecimentos, expressões, eventos e experiências ali presentes, num contexto cultural e espacial únicos. A partir dessa análise, percebe-se que as territorialidades urbanas se estabelecem por um processo marcado pela identificação, pela tolerância ou pelo estranhamento entre os indivíduos, conferindo a esse

espaço uma complexidade relacional, resultado de uma lógica de atração/repulsa, o qual Maffesoli (2006) chama de “socialidade eletiva”.

Segundo Maffesoli (2006, p. 219) “a socialidade ou a proxemia é constituída por uma constante sedimentação que faz rastros, que faz território”, onde “o estrangeiro, o errante se integra ou recusa essa sedimentação; ele pode até mesmo criar uma outra, mas é obrigado a se definir com relação a ela”.

É nesse sentido, que nosso estudo se justifica, pois a partir da investigação das diferentes formas de interações sociais, presentes no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, é que se podem identificar as múltiplas microapropriações desse espaço, sendo que cada parcela condiz com distintas formas e conteúdos sociais.

Vale destacar novamente que Maffesoli (2006) em seus estudos ressalta que é possível perceber uma sucessão de territórios (reais e simbólicos) estabelecidos pelas tribos urbanas, em diversos pontos da cidade, constituindo verdadeiros repositórios de socialidades vividas no cotidiano urbano. Com efeito, esses territórios compartilhados expressam diferentes formas de estar- junto orientados por laços efetuais e territoriais, onde as pessoas de forma mais ou menos efêmera, se atraem, se retraem, se enraízam em determinados lugares na cidade. Maffesoli indica que

O espaço urbano será salpicado de uma multiplicidade de pequenos lugares de referência, desses pequenos “pontos altos” de uso tribal. Às vezes, um deles torna-se emblemático, ele reúne mais: na constelação urbana, torna-se uma estrela de primeira grandeza. Mas é o conjunto que faz sentido, é o conjunto que delimita o imaginário social, é o conjunto que faz da cidade o “ponto alto” privilegiado da estética integrada (MAFFESOLI, 1996, p. 278).

Maffesoli lembra que a cidade é percebida a partir de práticas cotidianas espacialmente localizáveis, onde os “pontos altos” podem adquirir n-formas desde uma avenida frequentemente territorializada por um grupo de jovens, uma praça de bairro que no final da tarde torna-se ponto de encontro dos moradores até os inúmeros espaços de “efervescências noturnas”, “exaltação religiosas”, “musicais”, “diversões cinematográficas e esportivas” ou práticas de “consumo de cultura ou vestimenta” etc (MAFFESOLI, 2003, p. 183).

Para o autor, a lista desses “pontos altos” é infinita, posto a variedade de práticas realizadas pelos indivíduos que vivem na cidade são múltiplas. Nesse sentido, para ele esses espaços são vividos em comum, os quais “circulam as emoções, os afetos e os símbolos”, enfim espaços que permitem a identificação entre os indivíduos (MAFFESOLI, 1996, p. 279).

Assim sendo, o estudo das formas de interações sociais presentes no cotidiano da Praça Saldanha Marinho consiste, em enfatizar as múltiplas microterritorializações estabelecidas pelos indivíduos ali localizados. Portanto, procura-se entender os processos relacionais inseridos nesse espaço específico, os quais se tornam elementos fundamentais para compreendermos outras realidades presentes nos espaços urbanos contemporâneos.

2.3 O espaço na perspectiva de Massey

Em seu livro *“Pelo espaço: uma nova política da espacialidade”*, Massey (2008) defende uma proposta alternativa para conceituar espaço.

Nesse sentido, apresenta três proposições para pensá-lo: primeiramente, reconhece o espaço como sendo “o produto de inter-relações, como sendo constituído através de relações”, observando que isso ocorra em diferentes escalas, “desde a imensidão do global até o intimamente pequeno”, o local; em segundo lugar, compreende “o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade”, ou seja, “sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço”. Se o espaço é, sobretudo o produto de inter-relações então este deve estar baseado na existência da pluralidade finalmente, reconhece o espaço como estando sempre em construção, ou seja, o espaço como “um produto de relações – entre”, o que vale dizer, “está sempre no processo de fazer- se”, num aqui e agora (MASSEY 2008, p. 29).

As ideias levantadas por Massey (2008) repercutem em novos modos de conceber a política progressista, pois as bases pelas quais o espaço é pensado influencia o modo como as questões políticas são formuladas.

Nesse sentido, pensar o espaço como produto de inter-relações combina com a emergência nos últimos anos, de uma perspectiva que tenta comprometer-se com uma política anti-essencialista, no que se refere a questões de identidades de grupos sociais e de lugares, enfatizando a construção relacional. Essa ideia coloca o espaço como esfera da existência da multiplicidade articulando-se com a ideia que salienta a “diferença e a heterogeneidade”. Trata-se de uma política que questiona as narrativas do Ocidente, do macho branco e heterossexual, muito presentes em recentes estudos feministas e teorias *queer*, cuja contribuição é bastante explorada por Massey.

Massey (2008, p. 31) argumenta que levar a sério a heterogeneidade e a multiplicidade depende necessariamente de reconhecer a espacialidade, nesse sentido, trata-se de reconhecer “a coexistência simultânea de outros, com suas próprias trajetórias e com sua própria história para contar”.

O espaço é imaginado como aberto e em processo, implicando num discurso sobre uma política genuína de abertura do futuro, ao invés da ideia baseada no progresso que emerge na Modernidade, onde o destino já está acertado, definido de antemão. A autora destaca que o espaço é aberto, porque há sempre inúmeras combinações relacionais possíveis a serem feitas.

Nesse caso, “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política”. (MASSEY, 2008, p. 95).

Massey traz com muita ênfase, os termos temporais: trajetória e história, pois além de salientar o processo de mudança, têm uma espacialidade intrínseca e necessária, contribuindo para dizer que há uma “pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de histórias - até - agora”, que coexistem no espaço e dependem dele para realizar-se. (MASSEY, 2008, p. 33). Assim, o espaço se coloca diante de inúmeras conexões e desconexões, construindo um aqui - agora do lugar, nesse entendimento, contradiz as concepções de espaço como morto, estático, fechado, imóvel e fixo, como fora pensado ao longo da história.

Em síntese, para Massey, mudança requer interação e essa requer espaço, assim o resultado disso, a multiplicidade comunga para a geração da temporalidade a qual necessita de espaço.

Ao se referir ao conceito de lugar, Massey, argumenta que este deve ser considerado juntamente com o conceito de espaço, sendo que o espaço seria o quadro mais amplo a ser considerado. Para a autora, o lugar é uma dimensão (aqui) e um momento (agora) precisos, por isso o lugar é uma eventualidade. Nesse sentido, o espaço configura-se como uma constelação de lugares. Massey (2008) argumenta que:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de histórias-até-agora, lugares são, portanto, coleções dessas histórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas articulações, dentro desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar. Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos (MASSEY, 2008, p. 190).

Dessa maneira, o lugar é entendido como uma constelação de estórias em processo, onde relações humanas e da natureza estão se fazendo constantemente, num encontro que é “conjuntural” onde o movimento pode resultar em novas conexões ou desconexões (MASSEY, 2008, p. 204).

Nesse quadro, “[...] o que é especial sobre o lugar é, precisamente, este acabar - juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora [...]” (MASSEY, 2008, p. 203). Trata-se de demonstrar que o lugar enquanto aberto, é múltiplo compreendendo um recorte essencial do tempo, onde os resultados obtidos não são coerentes.

2.4 O cotidiano estético de Maffesoli

Para iniciar nossa discussão sobre cotidiano, vamos conhecer um pouco sobre a vida e obra de Michel Maffesoli, pois nosso estudo terá como base o pensamento desse autor a respeito do tema, assim como a metodologia adotada para realizar esse estudo.

Formado em Sociologia sendo atualmente professor na Universidade de Sorbonne Paris V, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e Cotidiano (CEAQ) e também diretor do Centro de Pesquisas sobre Imaginário, Maffesoli é bastante conhecido no Brasil pelas dezenas de livros e artigos, onde aborda a temática do cotidiano, apontando para uma visão pós-moderna sobre a realidade social contemporânea. Assim, vem influenciando estudos em diferentes áreas do conhecimento, inclusive na Geografia.

Entre as principais obras publicadas e traduzidas para o português destacam-se: *O Tempo das Tribos* (2006); *A Contemplação do Mundo* (1995); *O Instante Eterno* (2003); *No fundo das Aparências* (1996) e *O Conhecimento Comum* (2010) dentre outras. Nestas publicações expõe seu pensamento sobre a sociedade contemporânea, a complexidade do cotidiano onde se realizam as ações interpessoais, chamando a atenção para uma microsociologia espacial, pois a partir dela pode-se apreender a constituição da sociedade em geral.

Assim, considera que o cotidiano, além das atitudes e regras sociais, é permeado por uma conformação empatia, emocional, onde o prazer de estar - junto, a intensidade do momento constrói-se a partir de um ideal comunitário, opondo-se ao ideal democrático enfraquecido diante das perspectivas individuais não alcançadas.

Em seu livro “*Contemplação do mundo*” (1995, p. 17), Maffesoli comenta que existe uma força, ou melhor, um reencantamento do mundo que permite compreender a ação desse comunitarismo. Ou seja, há um mistério que é partilhado entre as “tribos” que serve de “cimento, reforça o sentimento de pertença e favorece uma nova relação com o ambiente social e com o ambiente natural”, havendo uma correspondência entre ambas, onde o mundo material é atravessado por um vetor imaterial que lhe dá sentido.

Para nossos propósitos, esse “*cimento*”, o qual o autor se refere pode ser entendido como o lugar de convívio das diversas agregações humanas, espaço onde compartilham e desenvolvem suas práticas sociais cotidianas. Assim, como o “cimento” outros elementos metafóricos do pensamento de Maffesoli, expressa instintivamente o espaço onde a vida sem qualidade se dá a realizar, com suas “banalidades que é útil analisar no momento em que, tendo falido as grandes causas ideológicas”, se dão a ver no dia-a-dia das trocas sociais (MAFFESOLI 1995, p.15).

Maffesoli (1995, p.16) afirma que esse ideal comunitário pode ser evidenciado em múltiplas manifestações sociais como “os diversos fanatismos religiosos, as ressurgências étnicas, as reivindicações linguísticas ou outros apegos aos territórios”. Além disso, constitui a base de todos os entusiasmos vivenciados nas “efervescências esportivas, musicais ou festivas que pontuam a vida social, sem esquecer, naturalmente, as fúrias consumistas, que dão as grandes megalópoles o aspecto de um bazar perpétuo”.

Nessa perspectiva, encontram-se várias formas de solidariedade e generosidade, princípio que orchestra, as grandes causas humanitárias, a multiplicação das organizações não-governamentais, podendo ser verificáveis nos canais de comunicação ou simplesmente vividas discretamente na vida cotidiana. Para Maffesoli, essas manifestações inscrevem uma forma de estar - junto, que não está orientada para o longínquo, ou seja, para um devir, perfeito e repleto de realizações e sim para um presente prazeroso - o mais hedonista possível.

De acordo com Maffesoli (1995) esse comunitarismo re-nascente dá novamente sentido aos elementos arcaicos, que a perspectiva racionalista das instituições na modernidade tentou suprimir. Trata-se aqui de opor-se a visão positivista, que muitos teóricos teimam em nortear seus estudos, e que acabam por reduzir o conhecimento sobre o cotidiano, a

formulações consensuais, a partir de uma razão mecânica, previsível e utilitarista, alienando desse modo parte significativa de realização da vida².

Para ele, há um vitalismo que justifica e orienta as relações sociais, e que deve ser resgatado a partir das situações do cotidiano, com um viés de um imaginário que está carregado de simbolismos, de sensações, de recordações e de empatia.

Assim, Maffesoli aponta para uma aura estética, do sentir e experimentar em comum, que empiricamente podem explicar diversas formas de agregações humanas, que embora sempre tenham existido constitui hoje uma amplitude que haviam perdido durante o período da modernidade. De acordo com o autor, a noção de estética que utiliza não está situada no domínio das belas artes, nesse sentido, esclarece que:

A estética não mais obedece, forçosamente, aos diversos critérios de bom-gosto, elaborados durante o burguesismo, e que se afirme essencialmente como um vetor de socialidade, uma maneira de desfrutar junto de um presente eterno, o que é explicado pela expressão, um pouco paradoxal, de 'materialismo místico'. Hedonismo do corpo, dos objetos, das imagens, e do espaço, com tudo o que isso pode ter de concreto, mas isso se transmuta em misticismo, isto é, isso é partilhado, favorecendo assim uma visão misteriosa ou, mais próxima de sua etimologia, uma comunhão (MAFFESOLI 1995, p. 53).

Nesse sentido, a estética social está sustentada através de quatro pivôs bem definidos sendo estes essenciais e que parecem se organizar entre si: “a prevalência do sensível, a importância do ambiente e do espaço, a procura do estilo, e a valorização do sentimento tribal” (MAFFESOLI, 1996, p. 145). Trata-se de um lado, valorizar a aparência, ou seja, escrever as formas em jogo (estáticas) e de outro estar atento as suas articulações (dinâmicas), sendo que estas são as características essenciais do que o autor denomina “*formismo*” e que se presta para caracterizar um dado momento.

Verifica-se que o estilo estético está atento a complexidade da vida, á reversibilidade dos diversos elementos que tecem a rede de relações sociais, onde a conjunção do material com o imaterial, que tendem a fortalecer um estar - junto, não busca um objetivo em si, mas que engendra um instante eterno, procurando “encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns” (MAFFESOLI, 1995, p. 54).

Maffesoli (1995) fala que essa pulsão comunitária pode ser encontrada na forma estética do tribalismo pós-moderno, que se faz sentir tanto pelos efervescentes agrupamentos

² Sobre essa perspectiva analítica, pode-se citar os estudos de Agnes Heller (1991) no qual considera o cotidiano um emaranhado de práticas orientadas por uma rotina pré-estabelecida, onde o homem é considerado um ser ordinário e alienado perante as tarefas que realiza cotidianamente.

juvenis, quanto na multiplicação das agregações elaboradas a partir dos gostos comuns entre os indivíduos, sejam eles, culturais, sexuais, religiosos ou até mesmo políticos.

Segundo ele a forma que se processa nessas agregações, se diferencia pela não programação racional verificadas até então, mas advém de um desejo de estar - junto em comum, mesmo que possa de algum modo excluir o diferente, ou seja, deixar de fora aqueles que não compartilham os mesmos gostos e necessidades.

Trazendo isso para nosso interesse, esta atmosfera pode ser vivenciada no espaço urbano, pela apropriação de determinados lugares da cidade por grupos específicos, que produzem um estar - junto sensível as suas necessidades cotidianas de lazer, diversão, convívio os quais, produzem microapropriações espaciais.

Nesse sentido, os grupos estabelecidos desenvolvem um sentimento de pertença, criando assim territórios particulares, sendo que os que não se identificam com ele são excluídos, originando fronteiras de convivência nitidamente observável nos espaços públicos urbanos. O autor declara que esse fenômeno grupal permeia todas as esferas da sociedade e que é perfeitamente perceptível dado aos infinitos agrupamentos por afinidades que pontuam o interior das instituições sociais.

Em “*O Tempo das Tribos*” (2006) Maffesoli expõe com mais vigor a ideia de tribo como sendo uma metáfora para designar, o aspecto coeso da partilha dos sentimentos, de valores, de lugares ou de ideias que estão, ao mesmo tempo, circunscritos (localismo), e que são encontrados sob diversas modulações em numerosas experiências sociais. Desse modo, a tribo enfatiza aquilo que está próximo (pessoas e lugares), num “localismo” que inspira a existência de uma série de “reagrupamentos de amigos se fazem dentro de um perímetro bem preciso”. (MAFFESOLI, 2006, p. 227).

Maffesoli coloca que esse fenômeno é facilmente encontrado nas cidades, para ele existe uma:

[...] delimitação territorial (quero lembrar que é território físico e território simbólico) é estruturalmente fundadora de múltiplas socialidades. Ao lado da reprodução direta, existe uma reprodução indireta que não depende da vontade dos protagonistas sociais, mas desse efeito de estrutura que é o par ‘atração - repulsão’: a existência de um grupo fundamentado em um forte sentimento de pertença necessita, para a sobrevivência de cada um, que outros grupos se criem a partir de uma exigência da mesma natureza (MAFFESOLI, 2006, p. 228).

Conforme o autor, as manifestações desse processo são bastante banais, exemplo disso, é comumente observável na frequência de certos “bares, cafés, na especificidade de

certos bairros, ou mesmo na clientela de tal ou tal escola, de tal lugar de espetáculos ou de tal espaço público”, sendo que “no interior mesmo desses lugares podemos notar outros reagrupamentos igualmente exclusivos que se apoiam na consciência, sutil, mas enraizada, do sentimento de pertença e/ou do sentimento de diferença” (MAFFESOLI, 2006, p.228).

Assim, “a cidade é uma sucessão de territórios onde as pessoas, de maneira mais ou menos efêmera, se enraízam, se retraem, buscam abrigo e segurança”, havendo assim, certa delimitação que pode ser um espaço concreto, um território simbólico ou ainda uma *cosa mentale*. O tribalismo em si representa um sentimento de pertencimento a um grupo social, comunidade ou qualquer outro agrupamento e que não está reduzido à lógica racional pré-estabelecida, nesse sentido, parte de um aspecto vivido no cotidiano das relações interpessoais. Desse modo, cada tribo ao fazer-se adquire uma identidade própria através de seu modo de ser, de se comportar, das ideias que defende enfim, dos valores que lhes deram origem, fazendo com que haja um reconhecimento desses grupos uns com os outros e pela sociedade. “As tribos urbanas ‘fazem cidade’ porque são diferentes, e às vezes até mesmo opostas” (MAFFESOLI, 2006, p.228).

De acordo com Maffesoli, (2006, p. 8), o tribalismo é um fenômeno cultural, sendo consequência do “deslocamento do indivíduo à identidade estável que exerce sua função em conjuntos contratuais, à pessoa que representa papéis nas tribos afetuais”. Ou seja, a figura do indivíduo se dá a partir de uma identidade única enquanto a pessoa (persona ou máscara) é uma entidade plural que pertence a múltiplas identificações, por fim pode a pessoa a partir de sua máscara fazer parte de n-tribos dependendo do momento.

O papel da máscara é integrar a persona em um dado conjunto social, nesse sentido, “a máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora de moda, ou ainda o conformismo de um estilo de ‘bom-tom’, em qualquer uma dessas situações, a pessoa é subordinada a um determinado grupo afinitário escolhido, há dessa forma uma desindividualização do sujeito (MAFFESOLI, 2006, p.156).

Nessa perspectiva, o indivíduo é livre “ele contrata se inscreve em relações igualitárias, em contrapartida a pessoa é tributária dos outros, aceita um dado social e se inscreve em um conjunto orgânico” (MAFFESOLI, 2006, p. 119). Nesse sentido, o autor dá as características de dois elementos da construção social:

Característica do social: o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável.

Característica da socialidade: a pessoa (persona) representa *papéis*, tanto dentro de sua atividade profissional quanto ao seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (MAFFESOLI 2006, p. 133).

O social representa uma “visão dramática” da vida onde as coisas devem ter uma finalidade em si, enquanto a socialidade denuncia uma “visão trágica” onde os eventos dão a acontecer de forma a não visar um fim determinado, mas sim proporcionar um estar - junto. Na socialidade a pessoa representa um papel social, que pode ser alterado vista a seus gostos, desejos, emoções e preferências, isso inspira ao indivíduo participar de diversos tipos de agregação social ou tribos. Salienta-se nesses diversos arranjos grupais, o indivíduo necessita de uma indumentária própria, ou seja, uma nova fachada deve ser elaborada, demonstrando as marcas do grupo visualizadas por determinado tipo de roupa, corte de cabelo, modos de falar (gírias) de se comportar (gestos) diante de tal e tal situação. Em cada encenação desse teatro espontâneo da vida “cada um é ao mesmo tempo ator e expectador”. (MAFFESOLI, 2006, p. 133-4).

Maffesoli (2006, p.133) argumenta ainda que essa “autenticidade dramática do social corresponde à trágica superficialidade da socialidade”, no entanto é na superfície das relações que algo de profundo pode ser revelado, ou seja, a aparência toma um papel essencial que expressa elementos profundos e pessoais das agregações humanas.

O cotidiano como se refere Maffesoli, em “*O conhecimento comum- Introdução a sociologia compreensiva*” (2010, p. 226-8) denota estar atento “as experiências vividas coletivamente”, chamando a atenção para uma “sabedoria popular ou do bom-senso (*cinestesia social*)”, que seria um elemento estruturante de equilíbrio, que se tem a obrigação de observar. Desse modo, ainda que trivializada as práticas sociais por mais corriqueiras que pareçam: conversas jogadas fora, discussões típica de botequins ou ainda o simples frequentar de um banco na praça, despertam um saber que deve ser levado em conta.

Nesse sentido, o autor dá privilégio à “lógica do doméstico”, onde estão embutidos elementos, fatos e experiências banais, tudo isso fortemente associado a uma dimensão presenteísta, ou seja, é o aqui e agora que as coisas acontecem e se dão a ver e sentir, isso remete estar atento aos momentos de realização da vida: o cotidiano. Nesse aspecto, o cotidiano feito de banalidades, se posiciona entre o imaginário e o real, neste momento a aparência (a imagem) ganha uma nova importância.

2.4.1 O mundo imaginal

Para Maffesoli, o “mundo imaginal” corresponde às diversas manifestações que a imagem adquire através do imaginário, do simbólico e do jogo das aparências, que para ele ocupa lugar primordial em todos os domínios na contemporaneidade.

Com respeito à imagem Maffesoli (1995; 2010) nos lembra da desconfiança que ela despertava na iconoclasta tradição judaico-cristão e que veio impregnar a tradição científica que, diante disso, desconfiava da expressão dos sentidos que se faziam mediante as imagens. Nessa perspectiva, Maffesoli (1995) fala que:

[...] a imagem é relativa, no sentido de não pretender o absoluto, e ela coloca em relação. É esse mesmo relativismo que a torna suspeita, pois não permite à certeza, a segurança que engendra o dogma, ou mesmo o bom raciocínio abstrato, que não se confunde com as contingências factuais, sensíveis, emocionais, ou com outras situações frívolas, das quais é forjada a existência quotidiana (MAFFESOLI, 1995, p. 92).

Na perspectiva maffesoliano tributário da imagem, do jogo das formas sociais, da aparência, e do movimento que tudo isso indica, argumenta que a imagem nada mais é que um vetor de contemplação, da comunhão de um estar - junto, pois “ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz partilhar”, ela faz parte, orgânica, de um *stricto sensu* passional, ou estético favorecendo um sentir coletivo (MAFFESOLI, 1995, p. 93).

Maffesoli (1995, p. 96) afirma que “a perspectiva imaginal permite por um lado, estar atento aos objetos, os eventos por si mesmos, em toda a sua concretude, sua presença e sua dinâmica própria”. De outro lado, “nega a separação, em todos os domínios: as palavras e as coisas, a natureza e a cultura, o corpo e o espírito empenhando-se em considerá-las em sua totalidade”.

Nesse sentido, o “mundo imaginal” constitui um vetor de conhecimento relevante para compreender a sociedade complexa na pós- modernidade, pois se trata de uma matriz onde todos os elementos do mundo mundano entram em interação numa constante reversibilidade, correspondendo ao que está mais próxima da realidade. Maffesoli explica que quando uma pessoa adere às imagens ela reconhece na sua forma estereotípica os arquétipos do “mundo imaginal”, como um social que se enraíza no imaginário da existência coletiva,

sendo a “aparência” um conjunto de realidades que pode ser “verificada” na reflexão sobre este conjunto (MAFFESOLI, 1996, p. 151).

Assim, a aparência faz parte de um jogo simbólico, onde este simbólico se pratica com o cuidado com o corpo, com o vestuário, com a arquitetura e a ambientação e que para Maffesoli, “é causa e efeito de uma intensificação da atividade comunicacional”, desse modo, exprime uma forma de estar em relação ao outro, sendo por isso elemento primordial das relações sociais (MAFFESOLI, 1996, p. 161).

Nesse jogo de formas simbólicas, onde há prevalência da estética, a pessoa através da teatralidade comunga “um experimentar - junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores”, perdendo-se, enfim, em meio a infinitas encenações possíveis, permitindo que todos esses elementos que fazem parte da superfície das coisas e das pessoas façam sentido (MAFFESOLI, 1996, p. 163).

Assim, o modo de aparecer perante os demais inspira uma escolha, um modo de ser, ou seja, o indivíduo passa dessa forma a se identificar com este ou aquele agrupamento, fazendo parte de um grupo específico aceitando assim as deliberações de tal agregação em determinado momento da interação social. Por isso, Maffesoli destaca a importância de se tentar entender o que chama de “sociologia da pele”, ou seja, as várias formas de “pintar-se, tatuar-se, enfeitar com adereços” e demais maneiras de tornar visível uma força invisível do estar - junto, procurando assim a profundidade das coisas através do que se deixa a ver.

Consequentemente, Maffesoli (1995, p.107) diz que existe uma “religação”, em torno das imagens que compartilhamos com os outros e que se torna importante elemento de um estar - junto, podendo se tratar de uma “imagem real, de uma imagem material ou mesmo uma ideia em torno da qual se comunga algo”.

Maffesoli (1995, p.108) destaca como exemplo que em determinado agrupamento, elementos conhecidos como no caso a “bandeira ‘farrapo multicolor’”, vai suscitar naquele momento, um intenso sentimento coletivo”, em outros momentos “aquela palavra, bastante comum vai cumprir uma função signo, tornando-se meio de reconhecimento ou servindo de grito de reunião”, O autor argumenta que em cada uma dessas situações uma imagem é acessada e revigora um vínculo social, que só ser compreendido mediante uma disposição de tentar captá-la no ato de sua realização.

Para Maffesoli deve-se tentar resgatar as situações que lhe permite desvendar o cotidiano das interações sociais, com um viés imaginário que está carregado de simbolismos, de sensação, de recordações, de sentimentos e seus contrários e também de empatia. A abordagem maffesoliana para um fazer geográfico, fica por conta da identificação de locais

como espaços de socialidade e interação, sendo estes muitas vezes efêmeros, espontâneos, não definidos claramente e que ganham sentido e importância em situações cotidianas.

Nessa geografia das formas de interações sociais, tudo é importante como objeto de análise social, onde os gestos, a forma de se comportar em público, as maneiras de se vestir, de falar, enfim, os modos como às situações se apresentam colaboram para diversas microapropriações de diversos espaços na cidade, os quais ganham particularidades conforme os grupos que deles fazem uso.

Diante disso, um olhar geográfico sobre o cotidiano requer lançar mão das espacialidades, ou seja, das dimensões de localização de certas práticas sociais pelos indivíduos, denotando assim tentar compreender as intencionalidades das práticas sociais realizadas em determinado lugar. Nesse contexto, a Praça Saldanha Marinho, torna-se palco de encenações onde os grupos e indivíduos se colocam como atores a representar papéis, realizando práticas sociais diante de pessoas muitas vezes desconhecidas, mas que agregadas nesse lugar criam formas e modos diferenciados de utilizá-lo.

De acordo com Maffesoli (2006, p.57) deve-se estar atenta a “cultura vivida no dia-a-dia”, pois é o “conjunto de pequenos ‘nadas’ desenvolvidos pelas múltiplas interações entre os indivíduos, que se constitui o ‘cimento’ essencial da vida societal”. Para o autor, o que essa cultura do cotidiano privilegia é um estar - junto emocional onde o que está em jogo é a exaltação da vida, a alegria dos sentidos, traduzidos num hedonismo tribal, que não está mais interessada num por vir distante, mas que quer acontecer “aqui e agora”, num “*presenteísmo*”.

Enfatiza-se que a abordagem de Maffesoli sobre o cotidiano, seja a que melhor descreva a realidade do espaço da Praça Saldanha Marinho, pois faz emergir todos os elementos intrínsecos a esse espaço vivido em comum. Ou seja, enfatiza os aspectos relacionais, simbólicos, representativos e subjetivos que marcam a produção cotidiana desse espaço público.

2.5 Identidade e diferença

Tanto Souza (2001), como Haesbaert (2002; 2004) e Gomes (2002) dentre outros, ressaltam que as territorialidades urbanas advêm de relações de diferença, onde cada grupo e/ou indivíduo territorializado possui uma identidade própria, definindo espacialmente os que estão dentro ou fora dessas relações.

A respeito disso Gomes (2002, p. 181) salienta que o espaço da cidade é “fragmentado nas divisões impostas” por “grupos de afinidade”, o que “significa a afirmação de sua diferença em oposição com os demais” fenômeno denominado de “tribalização”, o qual representa a “imagem da cidade” contemporânea. Para o autor a cidade “traduz a ideia de mosaico, de unidades independentes e justapostas”, contrariando o discurso anterior fundado de “cidade unitária, coesa e hierarquizada, por funções, classes ou usos, em benefício de uma noção de simples ajuntamento demográfico”.

Nesse sentido, Costa (2007, p. 45) defende que o “espaço urbano não se dá de forma homogênea, como tanto foi o interesse do projeto moderno de controle social, mas se estabelece por múltiplos processos de fragmentação relacional dos grupos humanos”. Correspondendo a uma fragmentação espacial do espaço urbano, constituído pelas diferentes formas de apropriação do espaço pelos agregados sociais na cidade e que corresponde aos distintos tipos de identificação social.

Cuche (1999, p. 182) salienta que a identidade se faz no interior dos contextos sociais, os quais irão determinar a posição dos agentes, orientando suas representações suas escolhas, produzindo efeitos reais. Nessa medida “a identidade é uma construção relacional que se elabora em uma relação, que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato” e que só pode ser entendida no âmbito das trocas sociais entres os indivíduos.

Nesse processo que perpassa a questão da identidade, observam-se claramente nos espaços urbanos que os grupos sociais e/ou indivíduos atuam em pequenas porções deste espaço, “identificando e se identificando com tais partes” a partir das relações que realizam (COSTA, 2002, p. 68).

Partindo da ideia que a identidade só existe em relação. Essa ação identificatória esta dialeticamente ligada à questão da alteridade, que se dá pela diferença e/ou distinção. Esse sentido promove atitudes segregacionistas com relação ao uso dos espaços urbanos, sendo que o indivíduo que não se identifica segrega-se ou torna-se indiferente, conformando as chamadas *fronteiras de convivências*, as quais são efêmeras e imprecisas, ao passo que essas fronteiras não serem demarcadas nitidamente.

Cuche (1999, p. 183) afirma que “a identidade é sempre resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional, na medida também em que ela é relativa, pois pode evoluir se a situação mudar”. Diante disso, talvez fosse preferível falar de identificação ao invés identidade. No que se refere a isso a identificação é “o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela a ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades [...]”, ao contrário da identidade,

onde as fronteiras de diferença estão nitidamente demarcadas entre os sujeitos. (HALL; WOODWARD, 2009, p. 18).

Sob este aspecto, as formas de interações sociais construídas na Praça Saldanha Marinho, advêm dos processos de identificação entre os indivíduos que em grupos ou sozinhos territorializam lugar. Nessa perspectiva, Maffesoli (2006) argumenta que “a identidade em suas diversas modulações consiste antes de tudo, na aceitação de ser alguma coisa determinada, é a aquiescência em ser isto ou aquilo [...]”. O autor sustenta a tese de que há no âmbito das sociedades contemporâneas há um deslize da identidade única, para sucessivos processos de identificação, isso não significa que haja um desaparecimento daquela para dar lugar a esta.

Nesse sentido, o aspecto identitário é marcado pelo caráter simbólico, havendo uma “associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a pessoa usa”, prática ou representa, (HALL; WOODWARD, 2009, p. 11), possibilitando o “reconhecimento” ou enquadramento, a determinada estrutura social (MAFFESOLI, 2006, p. 163). Nota-se que:

A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais (HALL; WOODWARD, 2009, p. 14).

O social repousa na associação racional de indivíduos que têm uma identidade precisa e uma existência autônoma; a socialidade, por sua vez, se fundamenta na ambiguidade básica da estruturação simbólica (MAFFESOLI, 2006, p. 163).

Diante disso, no estudo das formas de interações sociais presentes no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, as questões que envolvem a identidade são de extrema importância. Pois, percebe-se nesse espaço uma multiplicidade identitária com relação aos indivíduos que a frequentam, sendo que o processo de identificação entre os sujeitos definem as práticas sociais ali realizadas.

Neste contexto das relações sociais, Hall e Woodward (2009 p.39-43) lembram que a identidade é marcada pela diferença, sendo que está ocorre a partir de “sistemas simbólicos de representação” ou “formas de exclusão sociais”, sendo que ambas são estabelecidas por meios de sistemas classificatórios: *a cultura*. Ao se falar em identidade, estamos nos remetendo a um contexto cultural específico, o qual irá determinar o sentido e os significados que iremos atribuir ao mundo social.

Ao se referir ao conceito de cultura, Guatarri e Rolnik (1986, p.16) salientam este pode ser considerado, um conceito que “pretende garantir uma função hegemônica em todos os campos” da vida social. Dessa maneira, os autores destacam que o uso desse conceito de cultura pode ser uma cilada, dependendo dos usos e dos entendimentos, podendo assim variar conforme a perspectiva considerada.

Diante disso, o conceito de cultura adquiriu ao longo do tempo várias formulações teóricas, sendo que Guatarri e Rolnik (1986, p. 17) consideram três concepções sendo elas as mais difundidas:

- *Cultura - valor*: corresponde “a um julgamento de valor”, onde se determina e distingue aqueles que têm cultura daqueles que não tem, ou seja, para o censo comum implica dizer o ser culto e o inculto. Segundo o autor, este conceito é o mais antigo e representa algum tipo de trabalho realizado no âmbito do saber propriamente dito (cultura clássica, cultura científica e cultura artística etc...).

- *Cultura - alma coletiva*: corresponde a uma concepção democrática do conceito de cultura posto que todos possam reivindicar sua identidade cultural, por exemplo: “a cultura negra, cultura *underground*³, cultura técnica etc.”. Para o autor essa concepção do conceito, incorpora em muitos casos, um sentido etnocêntrico que se constitui como um instrumento de exclusão social, na qual em certas ocasiões é utilizado para a subjugação racial e a manutenção do poder, como podemos verificar em numerosos movimentos de emancipação e nas expressões do cotidiano. Nesse sentido, implica um sentimento de pertencimento a determinado grupo social.

- *Cultura - mercadoria ou cultura de massa*: diz respeito à cultura produzida e distribuída com fins comerciais, nesse sentido, são todos os bens, equipamentos, pessoas, todas as referências teóricas e ideológicas relativas à manutenção do capital, onde não são levadas em conta as bases materiais e expressões identitárias vinculadas aos territórios.

Para Guatarri e Rolnik (1986), esses três sentidos do conceito de cultura, continuam a funcionar concomitantemente havendo uma complementaridade entre ambas as concepções. É relevante mencionar que no âmbito desse estudo, considera-se o conceito de cultura que está ligada à ideia de pertencimento, a qual está fortemente relacionada aos aspectos simbólicos e identitários.

³ A cultura *underground* é formada por grupos de pessoas que não está preocupada em seguir padrões normais estabelecidos pela sociedade, estando relacionadas à música, as artes plásticas, a literatura e toda forma de expressão, notadamente representando a cultura urbana contemporânea.

3 MEANDROS DE UMA INVESTIGAÇÃO

Este item discorre sobre os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para apreender a complexa trama de fenômenos relacionais, estéticos e comunicacionais expressos pelos indivíduos no âmbito das interações sociais microterritorializadas no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, localizada no espaço urbano da cidade de Santa Maria/RS.

3.1 O formismo sociológico como método de investigação

No intuito de apreender a complexidade do espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, localizada na cidade de Santa Maria, escolheu-se, como linha metodológica, o “formismo sociológico” de Michel Maffesoli. Nesse sentido, considera-se que essa metodologia consiga captar a complexa trama de relações sociais estabelecidas no espaço, tentando-se descrever “o vivido naquilo que é/está, contentando-se, assim, em discernir visadas de distintos atores” (MAFFESOLI, 2010, p. 30), aspectos que envolvem questões simbólicas, identitárias e comunicacionais entre os indivíduos, em suas práticas sociais cotidianas e que resultam em microapropriações espaciais no espaço urbano.

Maffesoli (2010), ao propor a noção de formismo, neologismo que parte da ideia de forma de Georg Simmel, para designar o procedimento que permite colocar em relevo características da vida social com a preocupação de não as deformar em demasia, ou seja, procurando apresentá-las como elas dão-se a ver ao seu observador, procura dar importância às banalidades da vida cotidiana, ao movimento incessante do jogo das formas sociais, das imagens, enfim, das aparências que dão forma aos diversos fenômenos sociais, aspectos que, para ele, foram negligenciados nas análises científicas na modernidade.

Para Maffesoli (2010, p. 114), a realidade da vida não deve ser submetida a um julgamento de um “dever-ser”, ao contrário, deve ser aceita como ela é, em sua incompletude, sua parcialidade e efemeridade. Nesse sentido, afirma que:

[...] a atitude Formista respeita a banalidade da existência, das representações populares e das minúsculas criações que pontuam a vida de todos os dias. Ela não é doadora de sentido; ela nada inscreve em certa finalidade religiosa, política ou econômica; ela não formula imperativos categóricos. À sua maneira, ela se contenta em dizer seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que, a seu próprio respeito, uma sociedade produz (MAFFESOLI, 2010, p. 114).

A forma, por não ser algo estático, não pode ser definida *a priori*, pelo fato de ser o produto de intensos processos relacionais. Nessa perspectiva, para Maffesoli (1995, p.14), a forma inscreve uma postura epistemológica para compreensão da vida cotidiana e do conhecimento ordinário produzido nela, acolhendo o fenômeno estudado, “contentando-se em descrever, em registrar, em mostrar o que é”, ou seja, sem a preocupação de explicá-la ou de justificá-la. Nesse sentido, Maffesoli destaca:

Em lugar de uma ciência que, para existir, reduz, elimina e amputa o que julga não essencial, o ‘formismo’, como aqui o delineamos, propõe uma cientificidade mais generosa, que pode integrar à pesquisa parâmetros tradicionalmente postos de lado. Tudo recobra importância: tanto o anedótico quanto o evenemenial [relativo aos acontecimentos] encontram seus lugares em configurações que podem vir a ser assinaladas. Enquanto o conceito encerra uma função de exclusão, a forma agrega. Ela germina. Ela dá origem a uma multiplicidade de radículas que, por sua vez, se dissemina infinitamente (MAFFESOLI 2010, p.117-8).

Diante disso, o autor faz uma crítica às abordagens sociológicas que reduzem o mundo social ao mundo da produção que tenta racionalizar o conhecimento desprezando situações do cotidiano que não se encaixam na lógica dos conceitos. Para Maffesoli, a forma, no formismo sociológico, é virtual, imprevisível, contraditória, dinâmica e processual, seria uma “forma formante”, estando sempre em construção numa reversibilidade incessante, enquanto a forma no formalismo é impregnada da ideia de “forma/ formada”, fixa e imóvel.

O autor argumenta que, para tentar entender a trama de interações moventes e imprevisíveis, necessita-se de uma *sociologia compreensiva*, como forma de tentar compreender a vida como ela dá-se a ver. Para isso, a pesquisa sobre o cotidiano requer um deslocamento do pesquisador em direção ao objeto estudado, como forma de penetrar nos fios invisíveis que se revelam diante do jogo das formas. Nessa perspectiva, Maffesoli afirma:

O método compreensivo permite uma abordagem indutiva, toda feita ela de discernimento e rica em matizes. O ‘conhecimento ordinário’ chama a baila a surpresa e abalo que, há muito, instituem e constituem os fundamentos de toda obra de pensamento. Ela prepara as armas, polindo-as para ‘sutis partidas de caça’ que aqui e agora, dizem respeito ao que se vem procurando: a vida em seu eterno recomeço, a vida em sua dimensão eterna (MAFFESOLI, 2010, p. 19).

A abordagem compreensiva está radicada em velha tradição filosófica de Max Weber, em sua “ideologia”, e Vilfredo Pareto, em sua noção de “resíduo”, onde tais teorias pretendiam nada rejeitar daquilo que constitui o desenvolvimento das interações sociais e que, de algum modo, criam especificidades sociais significativas.

Para Maffesoli (2010, p. 93), no campo das análises sociais, a abordagem compreensiva sobre os fenômenos relacionais encontrados “ressurgem com grande força em nosso tempo” vão se afirmar nos próximos decênios, sendo de extrema importância saber “apreender seus contornos” para enfim “compreender suas manifestações”. Nessa perspectiva, o formismo permite revelar as minúsculas situações da vida cotidiana, dando sentido às diversas agregações humanas e suas preferências territoriais.

Destaca-se que essa metodologia dá atenção ao fragmento, ao detalhe das inúmeras expressões do viver, aos múltiplos rituais das relações interpessoais, pois, através da integração do minúsculo, dá-se privilégio ao conjunto, ou seja, a estrutura social, o que, para o autor, estaria aí às chaves para compreender o desenvolvimento da sociedade contemporânea (MAFFESOLI, 2010)

Nessa visão, conforme o autor, “cada fragmento é em si significativo e contém o mundo na sua totalidade” sendo a forma, em sua frívola aparência um elemento essencial de “escolha para compreender um conjunto social”, pois, a partir de suas diversas modulações, vão, em determinado momento, particularizar certo ambiente, ressaltando, assim, as sensações, os sentimentos, as emoções das agregações humanas, as quais produzem microterritorializações no espaço urbano. Para o autor, esse “efeito de composição” permite estudar as características de uma constante, de um dado espaço-tempo, onde nenhuma forma sensível escape à análise (MAFFESOLI, 1996, p. 141).

Tedesco (2005, p.121), em seu estudo em que resgata as principais teorias sobre o cotidiano, ressalta que o formismo maffesoliano, ao deter-se numa lógica do instante, propõe estar atento à “*respiração social*”, ou seja, a experiência do mundo vivido, como forma de tentar apreender a pluralidade da vida, dando conta, assim, da realidade social que se apresenta na sociedade contemporânea.

No entanto, de acordo com Tedesco (2005, p. 138), a abordagem maffesoliana sofre críticas apresenta o cotidiano como “se autoproduzindo, desvinculado das referências apriorísticas da estrutura e dos sistemas de racionalidade que lhe são subjacentes”, não levando em conta “os conflitos, as tensões e os grandes temas e movimentos que perpassam a sociedade”. Entretanto, para Maffesoli, não tem mais sentido reduzir todos os fatos sociais, a ótica da razão pura, sendo que ela não está dando conta de dizer a realidade como ela

apresenta-se, nesse sentido, deve-se considerar os elementos da ordem do imaginativo, do sensível, do jogo das formas e da imagem e de localizados formação social.

Nesta via, Maffesoli argumenta que o formismo, em suas várias modulações sendo uma delas o cotidiano, acentua a “forma” destacando a polissemia dos gestos, ou seja, os aspectos variados da vida de todos os dias, valorizando “as cores, a complexa arquitetura, a ambiência intensa e banal ou numa só expressão, a profunda aparência da vida cotidiana” (MAFFESOLI, 2010, p. 125).

O pesquisador do cotidiano, de acordo com Maffesoli, deve contemplar, em sua metodologia, a “observação” do comportamento habitual dos indivíduos, tentando descrever os fatos, as circunstâncias, as nuances que delineiam as formas sociais encontradas. Deve, desse modo, primar por mostrar sua globalidade, recusando todo o tipo de discriminação, avaliação ou críticas aos fenômenos descobertos. Entretanto, na busca por uma metodologia que consiga captar essa complexidade, deve-se lembrar que nenhuma delas consegue captar em sua totalidade os fenômenos investigados. Nesse sentido, Morin ressalta que:

Mesmo a sociologia do conhecimento mais complexa não saberia nos fornecer o critério verdadeiro e do falso; pode, máximo, dar-nos as condições históricos-sócio-culturais favoráveis ao jogo das ideias e a localização dos erros (MORIN, 2002, p. 300).

A esse respeito, pode-se destacar que cabe ao pesquisador escolher os procedimentos teórico-metodológicos que melhor descrevam seu objeto de estudo, como forma de não cometer incoerências com relação aos resultados que não condizem com a realidade verificada. Assim sendo, pode-se inferir que o formismo sociológico, é o que mais se enquadra no contexto dessa pesquisa sobre as formas de interações sociais localizadas no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, pois, através de seu aparato procedimental, consegue-se apreender a complexidade dos fenômenos encontrados.

3.1.1 Observação participante: primeiro passo em direção ao objeto de estudo

As observações constituíram importante instrumento para a realização do estudo, conformando a primeira abordagem em direção à realidade do espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho. Dessa maneira, grande parte das informações colhidas advém das

observações de campo realizadas, as quais, mais tarde, compuseram parte significativa dos resultados obtidos, ao mesmo tempo em que se tornou fonte de inspiração para a elaboração dos demais procedimentos metodológicos (ensaio fotográfico e entrevistas) utilizados.

Considerou-se que a observação participante foi a mais condizente com os objetivos desse estudo, de caráter qualitativo, pois, trata-se de um instrumento que possibilita ao pesquisador estar em contato direto com os investigados, participando da mesma esfera social, na qual os processos relacionais são produzidos. A observação participante é, segundo Schuartz e Schuartz apud CICOUREL, 1980, p. 89):

[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHUARTZ; SCHUARTZ, apud CICOUREL, 1980, p. 89).

Diante disso, percebe-se que se trata de uma postura clara, onde o pesquisador deve inserir-se no contexto em que o fenômeno estudado realiza-se, tendo como finalidade colher as informações necessárias para compreender a realidade que objetiva estudar. Essa convivência relativa coloca o observador face a face com o observado, fazendo com que ambos façam parte do mesmo contexto de interação. É relevante mencionar que, nessa relação face a face, o pesquisador passa de observador a observado, na medida em que, ao insistir em estabelecer certa relação, também é alvo de observação do grupo com o qual está mantendo certa interação.

Maffesoli (2010, p. 31) evidencia que o pesquisador, ou seja, “aquele que diz o mundo, não deve ser motivo de abstração; ele faz parte daquilo que descreve e, situado no plano interno, é capaz de manifestar certa visão de dentro”, dos acontecimentos do mundo vivido, isso implica dizer que, estando inserido, acaba sendo modificado e modificando o ambiente social que está interagindo.

Para May (2004), a prática da observação participante requer do pesquisador um tempo significativo gasto em cercanias, estabelecendo e mantendo relações com pessoas que, muitas vezes, não têm afinidades. Outra questão mencionada pelo autor diz respeito às anotações dos eventos verificados, que, normalmente, parecem ser acontecimentos ordinários num primeiro momento, mas que, ao longo das observações, tornam-se elementos significativos para entender certos comportamentos e práticas sociais realizadas.

Nessa perspectiva analisada, o diário de campo foi o principal instrumento utilizado durante as observações, o qual permitiu registrar os fenômenos encontrados e as impressões sentidas. Turra Neto (2008) afirma que essa técnica integra pelos menos três funções:

1 - **função catártica**, emotiva, pela qual o pesquisador deposita seus pensamentos e sentimentos mais íntimos sobre sua experiência no campo, sua relação com as pessoas, suas visões sobre elas etc., o que explica a necessidade do diário ser algo privado; 2 - **função empírica**, pela qual se anota tudo, mesmo aquilo que parecer insignificante; 3 - **função reflexiva** e analítica, na qual o diário se constitui fonte de consulta. É possível dizer que o diário de campo, talvez, seja a principal fonte de informação da pesquisa que se apoia na observação participante (TURRA NETO, 2008, p. 379, grifo do autor).

Sob este enfoque, Becker (2007) argumenta que os pesquisadores sociais, ao descreverem tal realidade, sempre atribuem implícita ou explicitamente um ponto de vista, uma perspectiva de acordo como o conhecimento advindo de sua experiência cotidiana ou a falta dela, e por que não dizer dos conhecimentos teóricos adquiridos até a elaboração do estudo. Destaca-se que o campo faz-se diante de um arcabouço teórico adquirido anteriormente, ou seja, não é uma observação qualquer baseada numa vivência simplesmente, mas orientada por tais e tais pontos de vista.

May (2004) menciona ainda que uma das vantagens da observação participante é o fato de que mecanismos de conhecimento possuem uma flexibilidade, ou seja, durante o processo investigatório pode haver alterações no foco das observações como forma de, naquele momento, privilegiar certo tipo de fenômeno. Isto fica claro, para o autor, no processo de entrevista, visto que, ao presenciar determinadas situações no campo social em análise, o roteiro pré-estabelecido pode e deve ser alterado de maneira que se possam apreender as novas formas de interações verificadas.

Assim, novas perguntas podem ser formuladas, de acordo com “a exposição à cena social” e das “observações das ações cotidianas”, desse modo, são questões válidas durante o processo e caberia fazê-las somente naquele contexto específico. Nesse sentido, May (2004, p. 187) destaca que essas perguntas surgem através do emprego da técnica de perguntas não-estruturadas ou semiestruturadas, sendo que esta última foi a que se utilizou neste estudo.

Segundo Thums (2003), a observação torna-se elemento fundamental para verificação e conhecimento da realidade, pois é um instrumento que permite estudar, por meios diretos e satisfatórios, uma variedade de fenômenos, aspectos comportamentais, atitudes, expressões e ações, no habitat natural dos indivíduos. Verifica-se que esta metodologia não possui regras fixas sobre como fazer, mas delinea as formas pelas quais

pode ser realizado o processo de investigação, ficando a cabo do pesquisador, orientar seu estudo contemplando aquela que melhor presta-se para deter a realidade a qual está estudando.

Nesse sentido, para fins deste estudo, as observações foram realizadas nos meses de novembro e dezembro do ano de 2012 e seguiram-se pelos meses de janeiro até a metade do mês de fevereiro de 2013. Salienta-se que as observações realizadas no final do mês de janeiro até a metade do mês de fevereiro de 2013 sofreram alterações, devido à tragédia ocorrida no dia 27 de janeiro de 2013, na qual centenas de jovens morreram num incêndio em uma boate noturna na cidade de Santa Maria.

Desse modo, constatou-se que nesse período houve uma alteração significativa da configuração espacial cotidiana da Praça Saldanha Marinho, assim como, do espaço urbano da cidade, pois se observou um esvaziamento das ruas, das lojas e dos ônibus, onde apenas os trabalhadores dirigiam-se para seus espaços de trabalho. Nesse sentido, verificou-se que todas as conversações das poucas pessoas que se dirigiram para o centro da cidade, especialmente, aquelas frequentadoras da praça estavam voltadas para o episódio ocorrido, o que, de certa forma, foi um aspecto delimitador da pesquisa, na medida em que, o cotidiano da praça estava alterada.

As observações foram realizadas em diferentes dias da semana e em horários distintos, com o intuito de observar às formas de interações sociais que convivem no espaço cotidiano da praça, assim como as principais configurações espaciais conformadas ao longo do dia e nos diferentes dias da semana. Cabe destacar que as observações do espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho para investigar as formas de interações sociais implicaram atentar as expressões culturais, os códigos, os eventos, as relações de poder, os fatos, enfim os acontecimentos cotidianos ocorridos no espaço.

3.1.2 Fotografia: o clique de um instante

Tendo em vista o caráter dessa pesquisa, procurou-se trazer, como um dos procedimentos metodológicos, a fotografia, pois se trata de um recurso metodológico que permite abordar o cotidiano do espaço pelo registro de algumas cenas sociais verificadas no decorrer do trabalho de campo. Nesse sentido, buscou-se, através desse registro fotográfico,

colocar em relevo os aspectos banais, as cenas e as formas relacionais que demonstrem a complexidade do espaço social da Praça Saldanha Marinho.

Segundo Dubois (1993, p. 161), a fotografia detém, fixa, imobiliza, destaca, captando, assim, um dado instantâneo, tornando-se “uma fatia única e singular do espaço-tempo” onde foi realizada. Portanto, o uso do recurso fotográfico no âmbito do estudo do cotidiano da Praça Saldanha Marinho converge na possibilidade de registro da percepção do espaço vivido, o qual a investigação propôs-se a estudar.

No entanto, sabe-se que a fotografia não consegue dar conta de uma série de elementos que outras formas de investigação trariam com melhor sucesso, ela surge desse modo, no processo metodológico como uma ferramenta a mais para captar a multiplicidade de informações. De acordo com Dubois (1993), toda a fotografia está ligada a uma realidade referencial que não está ali explicitamente, mas que se faz presente virtualmente. Desse modo, Godolphim (1995) afirma que:

[...] a realidade social se apresenta em uma ‘discursividade’, estamos nos referindo a uma discursividade no sentido mais amplo de um curso-fluxo de códigos, proferidos não necessariamente pelas palavras, mas que expressam uma textualidade em sua dinâmica própria, textualidade que uma parcela de antropólogos costumam chamar de cultura (GODOLPHIM, 1995, p. 166).

Assim, conforme aponta a análise acima, pode-se inferir que o recurso fotográfico insere-se num outro tipo de discurso sobre a realidade, permitindo, assim, analisar outros códigos, chamados signos fotográficos. Em outras palavras, Dubois (1993, p. 26) afirma que “a imagem fotográfica não é um espelho, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada”. Como se pode perceber, a fotografia torna-se um elemento comunicacional passível de múltiplas interpretações e análises, conformando considerações relevantes sobre determinada realidade.

3.1.3 Entrevista: a fala como fonte de saber

A entrevista compõe um recurso de grande valia para a análise nessa pesquisa de caráter social, pois tem a finalidade de colher informações diretamente com os investigados,

através de um processo dialógico. Nesse sentido, Colognese e Melo (1998) afirmam que a entrevista é:

[...] um processo de interação social, na qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica (...), trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados [...] (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 143).

Thums (2003, p. 156) considera que é “de vital importância a empatia que se estabelece entre entrevistado e entrevistador”, desse modo, o autor afirma que “elementos como cordialidade, simpatia, seriedade, precisão e honestidade” são condições que devem ser constantemente buscadas no processo interação que se estabelece durante a entrevista. Para o autor, o resultado desse processo comunicacional possui “indicadores relevantes para a construção do conhecimento”, o que significa que não se pode alterar os dados coletados, pois todos os elementos são objetos de análise e constituem informações importantes dentro de determinado contexto de interação, podendo ser analisado.

Para Colognese e Melo (1998, p. 143), a entrevista se estabelece como instrumento de coleta de informações subjetivas do indivíduo, ou seja, “entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões” sobre determinado objeto em estudo. Cabendo ressaltar que a fala expressa uma série de significações, nas quais estão presentes vários aspectos simbólicos, que podem ser verificados a partir do emprego de uma abordagem teórica. O entrevistador, ao apropriar-se destas por intermédio de uma análise de conteúdo, pode trazer à tona uma série de informações e conhecimentos.

Nesse sentido, a busca pela fala do outro corresponde numa apreensão de seu espaço vivido, que, no contexto do fazer cotidiano da Praça Saldanha Marinho, torna-se relevante apurar, pois pode ajudar a elucidar as formas sociais delineadas durante as observações. Assim sendo, preferiu-se a entrevista semiestruturada, em que foi elaborado um roteiro de perguntas abertas, possibilitando que se fizessem intervenções, se necessário, como forma de tornar mais abrangente as informações coletadas, buscando, assim, elementos além do previsto (COLOGNESE; MELO, 1998).

No entanto, para Thums (2003), as entrevistas semiestruturadas possuem algumas limitações, nesse caso, o autor aponta que toda e qualquer intervenção pode, em muitos casos, inibir o entrevistado, empobrecendo o resultado final das informações coletadas. Nesse contexto, algumas dificuldades já previstas no processo de coleta de informações por entrevistas foram maximizadas, por se tratar de um espaço público. A primeira delas refere-se

ao intenso fluxo de pessoas, o que gerou inúmeras interrupções ao longo das entrevistas realizadas, a segunda foi gerada pela desconfiança das pessoas em serem abordadas em pleno espaço público por um indivíduo estranho.

Com efeito, durante as observações, foi possível identificar dois grandes grupos de interações de convivências, que territorializam grande parte do espaço em momentos diferentes do dia, configurando distintas e múltiplas microterritorializações na Praça Saldanha Marinho, em Santa Maria/RS. Nesse sentido, constatou-se que a configuração espacial apresenta-se a partir de uma perspectiva geracional de apropriação do espaço, salientando a diferença entre grupos de idades. Desse modo, observaram-se as interações de convivência entre idosos e entre adolescentes e jovens⁴ que, por necessidades distintas, microterritorializam partes da Praça Saldanha Marinho, a fim de realizar práticas sociais cotidianas, vinculadas ao convívio.

Assim, optou-se por realizar as entrevistas somente com as formas de interações que abarcam essas duas territorializações, que se destacam na configuração espacial cotidiana na Praça Saldanha Marinho. Diante disso, foram elaborados três roteiros de entrevistas: **Apêndice A**: Informações sobre os entrevistados Idosos; **Apêndice B**: Informações sobre os entrevistados Jovens; **Apêndice C**: Informações subjetivas dos entrevistados idosos e jovens sobre a Praça Saldanha Marinho. Esclareça-se que o roteiro de perguntas **Apêndice C** constituiu material utilizado para ambos os grupos e teve como objetivo trazer informações sobre a percepção dos indivíduos com relação ao lugar onde realizam práticas cotidianas.

Assim, as entrevistas foram realizadas durante o período compreendido entre o final do mês de fevereiro e março de 2013, em diferentes dias e horários, observando sempre a configuração espacial, ou seja, pela manhã, procurou-se entrevistar os idosos e, à tarde, os indivíduos jovens. Dessa maneira, entrevistou-se 11 pessoas idosas, sendo 09 homens e 02 mulheres, entre os jovens foram realizadas 17 entrevistas, dentre os entrevistados 09 eram homens e 08 eram mulheres. Do total de entrevistas realizadas, 24 foram gravadas e 04 foram realizadas de forma tradicional, ou seja, em papel. Salienta-se que, além das entrevistas, foram realizadas conversas informais com alguns indivíduos microterritorializados na praça, que, por questões múltiplas, não se disponibilizaram a participar do processo investigativo que envolveu as entrevistas.

⁴ Para fins desse estudo, vamos utilizar somente a designação jovem.

Para identificar as pessoas entrevistadas, procurou-se numerar os indivíduos, assim, foram elaboradas duas tabelas, na primeira (apêndice D) consta o perfil dos entrevistados idosos e na segunda tabela (apêndice E) consta o perfil dos entrevistados jovens.

Registra-se que o processo investigatório, no que conforma as entrevistas, teve como objetivo, uma posterior análise de conteúdo. Nesse sentido, foi realizada uma seleção das falas mais relevantes e que condizem com a realidade observada no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, durante a investigação. Portanto, nem todas as entrevistas realizadas foram utilizadas neste estudo.

Assim sendo, as entrevistas juntamente com as observações e o ensaio fotográfico compuseram instrumentos metodológicos significativos para apreender a complexidade dos fenômenos encontrados e que condizem com um vivenciar a cidade, especialmente, os espaços públicos e suas múltiplas microterritorializações.

4 PRAÇA SALDANHA MARINHO: ESPAÇOS E TEMPOS

Este item tem como designo realizar um estudo sobre a Praça Saldanha Marinho, com a finalidade de justificar a tomada desse espaço público como objeto dessa pesquisa. Para isso foi necessário realizar um breve resgate histórico sobre a Praça Saldanha Marinho, apresentando as principais configurações espaciais, usos e práticas sociais adquiridas, ao longo do tempo até chegar a sua atual conformação.

4.1 Os primeiros anos

A história da Praça Saldanha Marinho em muitos momentos se confunde com a própria história da cidade de Santa Maria. Os primeiros registros desse espaço datam aproximadamente de 1801. Nesse sentido, Auguste de Saint-Hilaire salienta em relato descrito por Marchiori e Noal Filho (1997) que em sua passagem pelo então povoado, Santa Maria apresentava cerca de 30 casas, um par de ruas, alguns estabelecimentos comerciais e uma pequena praça.

Belém (1989, p. 30) menciona que “as primeiras artérias, delineadas em razão do trânsito mais forçado pelo labor dos habitantes”, foram aos poucos se tornando ruas e com o passar dos anos deram origem ao traçado urbano que temos atualmente. Nesse sentido, Belém (1989) destaca que

[...] a Rua Pacífica, a que descia a colina em direção ao Passo da Areia, e que, hoje é a **Dr. Bozano**, tendo antes sido, por muitíssimos anos, do Comércio; e a Rua São Paulo, aquela em que estavam localizados o quartel, o escritório da comissão técnica e alguns ranchos confortáveis de moradia de famílias de oficiais. A essa, logo após da retirada e partida da Demarcação, foi dado o nome de **Rua do Acampamento** para perpetuar-se a lembrança daqueles que, em última análise, foram os fundadores de Santa Maria (BELÉM, 1989, p. 30, grifo do autor).

Em meados de 1860, Santa Maria já havia crescido significativamente, com isso em 1861 foi realizada uma planta da cidade, onde constavam as principais ruas e a praça que nesse momento já havia trocado de nome, passando de Praça da Conceição para Praça da Matriz, pois estava justamente localizada em frente à Igreja de mesmo nome.

Nesse sentido, a planta ainda projetava outros espaços públicos e ruas que com o passar do tempo foram sendo construídas à medida que a cidade ia se expandindo. Nota-se nessa planta, que a praça possuía um perímetro bem maior, o que segundo as bibliografias consultadas nunca foi consolidada de fato, constituindo hoje em dia um espaço bem menor, mas, contudo continua sendo o principal logradouro público da cidade, como mostra na Figura 1.

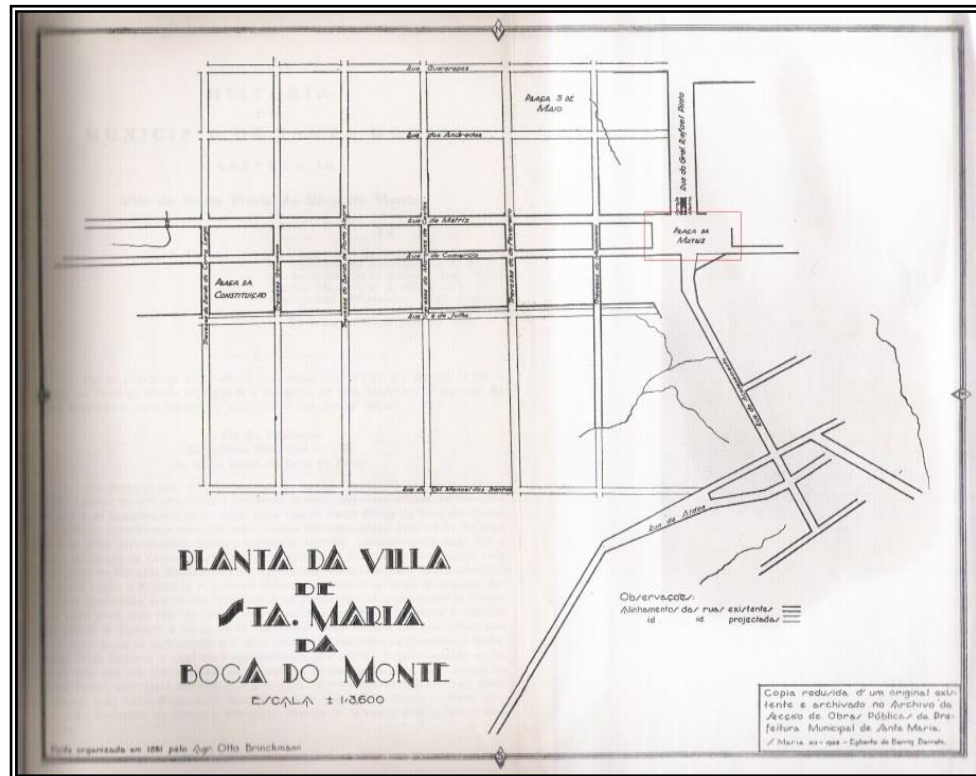


Figura 1 - Planta da cidade de Santa Maria - 1861, em destaque a Praça Matriz atual Praça Saldanha Marinho. Sua localização encontrava-se em frente à Igreja Matriz.
Fonte: BELÉM, 1989.

Nesse período, a Praça Saldanha Marinho não passava de um espaço aberto, onde pessoas e animais circulavam tranquilamente. Nesse sentido, Rechia (1999, p. 103) salienta que em 1853 a praça “era cheia de barrancos de terra vermelha, coberta por macegas e capim, e o gado leiteiro da vizinhança ali passava livremente”, esta cena pode ser percebida na figura 2, datada de 1890. Nela observa-se que o espaço configurava-se por não apresentar nenhuma infraestrutura. Nesse contexto, Rechia (1999) salienta que

[...] a intensa movimentação de carretas, aranhas (carruagem leve de duas rodas, puxada por um cavalo), carros e viajante a cavalo, na Rua do Acampamento, segunda metade do século passado. Os animais eram amarrados nos palanques de madeira-de-lei, colocados em frente às casas comerciais ou próximo à Praça Matriz onde escravos que apareciam nesses locais, diariamente cuidavam dos cavalos (RECHIA, 1999, p. 96).

Nesse sentido, observa-se que em 1890 termina as obras de construção do Theatro Treze de Maio, fato que não dinamizou nenhuma intervenção pública de delimitação e melhorias no espaço.

Salienta-se que em meados 1883 a Praça da Matriz passou a ser chamada de Praça Saldanha Marinho, sendo que a origem desse nome é de intensa discussão entre os historiadores, uma das hipóteses seria a de fazer uma homenagem ao político cearense Joaquim Saldanha Marinho, pai do engenheiro que mediu as terras que deram origem ao município.



Figura 2 - Praça Saldanha Marinho em meados de 1890. Observa-se ao fundo o prédio do Theatro Treze de Maio.
Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Levando em conta sua função econômica, Santa Maria já se definia claramente em meados do século XIX, pois, segundo Belém (1989), a cidade possuía um comércio desenvolvido, com lojas de fazendas e miudezas, armazéns de secos e molhados, serviços como de tamancaria, oficinas de alfaiate, de ferreiro, de marcenaria, lombilaria e uma botica.

Nessa perspectiva, a instalação da luz elétrica (1898) e a consolidação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) no início do século XX, acabou por projetar a cidade

no cenário regional, por constituir o principal polo ferroviário do sul do Brasil. Esses novos elementos acabaram por impulsionar o desenvolvimento do município, ocasionando transformações no espaço urbano, devido ao significativo trânsito de pessoas e mercadorias para diferentes regiões do Estado.

Bolfe (2003) ressalta que o espaço o qual se levantou a Estação Ferroviária, tendo a Avenida Rio Branco como principal via de acesso ao atual centro, simboliza o “centro velho” da cidade, local que agrega diversas casas, sobrados e hotéis, que serviam os viajantes que chegavam constantemente de trem. Essas antigas construções constituem para os cidadãos santa-marienses valor histórico e turístico, por exemplo, a Vila Belga construída em 1903, conjunto de casas que servia residência para os ferroviários e que hoje, constitui Patrimônio Histórico da América Latina.

Nesse contexto de intenso desenvolvimento em 1895, teve início os trabalhos de calçamento da cidade pela Intendência Municipal de Santa Maria. Sendo que as primeiras ruas do centro a receberem as chamadas pedras irregulares foram a Rua do Acampamento e a quadra principal da Rua do Comércio, atual Calçada Isaia (MORALES, 2008)

Em 1904 o calçamento chega às demais ruas do entorno da Praça Saldanha Marinho, nesse mesmo ano seu perímetro recebe pavimentação com lajes de arenito, ganhando também os primeiros tratamentos paisagísticos. Nesse sentido, novas edificações, prédios públicos e residências, vão aos poucos tomando o lugar dos velhos e precários casarões localizados no entorno da praça (Figura 3).



Figura 3 - Vista da Praça Saldanha Marinho em 1904.
Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso.

A Praça Saldanha Marinho se configura como o principal espaço público da cidade, lugar obrigatório de passagem e convívio social da maioria da população e visitantes, constituindo espaço de sociabilidade entre os habitantes da cidade. Contudo, já ostentando áreas de logradouro público, a Praça Saldanha Marinho só foi oficialmente inaugurada em 1907, ocasião que reuniu grande número de pessoas, que localizadas na Rua do Acampamento, acompanharam a solenidade oficial de entrega do espaço ao povo santamariense (Figura 4).



Figura 4 - Inauguração da Praça Saldanha Marinho em 1907. Em destaque a população da cidade que assiste a solenidade de entrega do espaço a comunidade.

Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Nesse contexto, a cidade apresentava-se como espaço de convívio e recreação contemplativo para a população, conforme relato de Antenor Moraes descrito por Marchiori e Noal Filho (2008). Nesse sentido, a praça constituía espaço para a realização de imensos bailes carnavalescos, a “Batalha das Flores” como era chamada, o lugar era enfeitado com cordões, bandeirinhas e muitas flores, reunindo grande número de pessoas que em meio às bancas de comidas e bebidas, se divertiam conversam e dançavam ao som das bandas de musica. (Figura 5).

Em 5 de novembro de 1909 a praça ganha seu primeiro quiosque localizado na área central, construído inteiramente em madeira, adornado nas quatro faces por uma decoração

eclética conhecido por “Casa do Chopps”. Destaca-se por ser o único lugar da cidade a vender chope, tendo como proprietário Luis Medina, renomado comerciante.



Figura 5 - Festa de Carnaval no espaço da Praça, em meados de 1908.
Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Nota-se que ao lado dessa estrutura havia um espaço para circular destinado a eventos sociais, “as retretas domingueiras”, ou seja, espaço onde as bandas de música ficavam. Nesse sentido, o espaço constituía lugar convívio, entretenimento e de consumo para os habitantes da cidade. Observa-se que essa estrutura permaneceu no lugar até 1922, quando um incêndio causado por um curto circuito acabou destruindo o lugar (MORALES, 2008) (Figura 6).

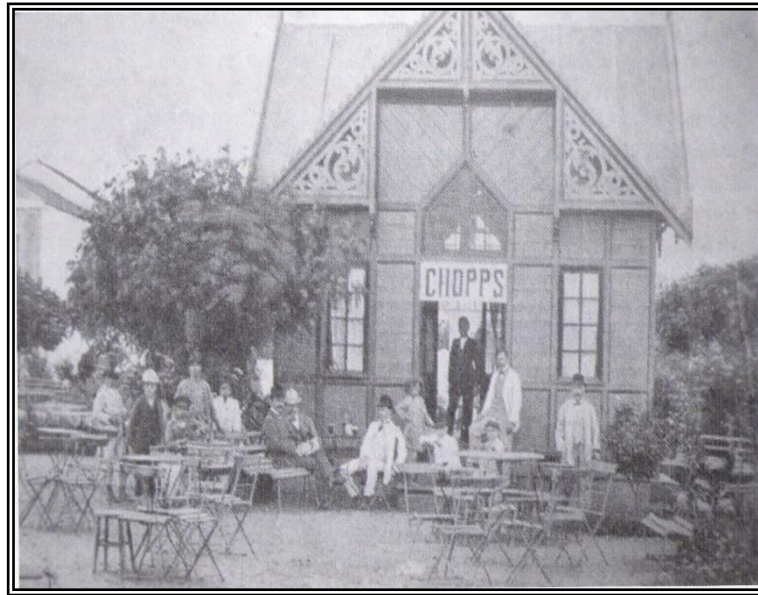


Figura 6 - Primeiro quiosque, 1909. Observam-se na foto os frequentadores do lugar, sentados nos bancos localizados a frente do estabelecimento, sendo estes compostos principalmente de homens.
Fonte: MORALES, 2008.

4.2 As décadas de 1920 a 1950

Na década de 1920, o espaço urbano de Santa Maria passa por novas intervenções no que se refere à construção de prédios e casas comerciais, fator que se alinha a crescente importância da cidade para a vida social e comercial na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, em 1925 a praça ganha um segundo quiosque, o qual possuía uma forma hexagonal, bem diferente dos padrões arquitetônicos da época constituindo, assim um espaço moderno, onde eram vendidos jornais, revistas e flores, estando localizado no mesmo lugar onde hoje se situa o coreto. Com o passar do tempo à construção se torna parte integrante da paisagem do centro (Figura 7) (MORALES, 2008).



Figura 7 - Segundo quiosque, 1925.
Fonte: MORALES, 2008.

Nesse período, a praça demonstrava uma paisagem ornamentada pelo grande número de plantas, árvores e flores, sendo significativa a presença de diversos grupos de pessoas que desenvolviam diferentes práticas sociais. Segundo relatos da época, os idosos se destacavam como figuras presentes nos dias de sol, já que a sombra das “palmeiras dos velhos” se reuniam diariamente para conversar e passar o tempo, já os jovens preferiam as noites de sábado e domingo (MORALES, 2008).

Nota-se que além das palmeiras havia muitos cinamomos, o que atraía número significativo de pessoas que aproveitavam a sombra das árvores para conversar e passar o tempo. A Praça Saldanha Marinho conforma-se nessa época como um espaço de sociabilidades, constituindo ponto de encontro e lazer para os habitantes do centro, assim como, dos diversos viajantes que diariamente passavam pela cidade.

Nessa época alguns indivíduos ofereciam seus serviços, como era o caso dos fotógrafos, ou melhor, dos retratistas que se estabeleciam cotidianamente na praça, em frente ao quiosque com seus lambe-lambes e ficavam a espera de clientes. (Figura 8). Havia ainda a presença de bancas que comercializavam produtos coloniais, as quais eram chamadas de quitandas (Figura 9).

Desse modo, a cidade contava ainda com serviço regular de veículos “Praça de Autos” que estando localizado na face sul da praça, possuía seis veículos, transporte que desde 1909 disputava passageiros com os velhos coches que foram desaparecendo, “até que o último deles trafegar, melancolicamente, numa noite fria de 1931” (MARCHIORI; NOAL FILHO,

1997). Este serviço vinculado ao transporte urbano ficou no entorno da praça até a sua total remodelação em 1933.



Figura 8 - Fotógrafo e sua clientela em frente ao quiosque. Foto de 1925.
Fonte: MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997.

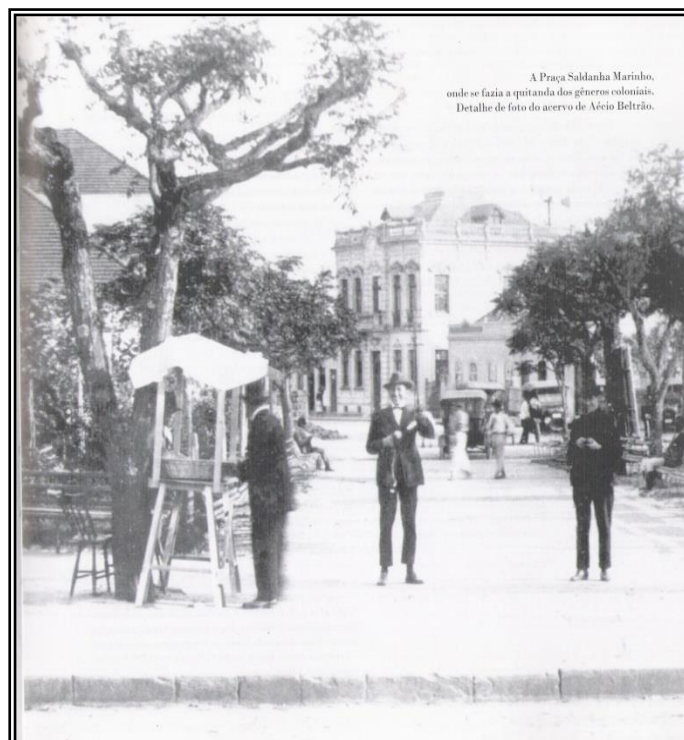


Figura 9 - Homem com sua quitanda, comercializando produtos coloniais, além de alguns frequentadores sentados nos bancos e transeuntes. Imagem de 1925
Fonte: MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997.

Em 1926 o espaço urbano de Santa Maria ganha um novo e moderno edifício sede da prestigiosa Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), localizado na esquina da Rua Venâncio Aires e Avenida Rio Branco, bem ao lado da Praça Saldanha Marinho. Destaca-se por apresentar um estilo arquitetônico ligado ao ecletismo da época, o que norteou diversas construções nesse período inclusive novas intervenções na praça. Atualmente o prédio constitui Patrimônio Histórico da cidade de Santa Maria, constitui testemunho de tempos de grande prosperidade e desenvolvimento da cidade.

É importante destacar que a praça servia como lugar para diversos eventos culturais, escolares e políticos que se realizavam na cidade, sendo incontáveis os desfiles de escolas, entidades culturais e formaturas militares que aconteciam em frente ao lugar. Esses desfiles eram majestosos contando com a presença de centenas de pessoas que se dirigiam para o centro, ou melhor, para a Praça Saldanha Marinho para assistir as comemorações por ocasião da Semana da Pátria (Figuras 10 e 11) (MORALES 2008).



Figura 10 – Desfile militar, 1930.
Fonte: MORALES, 2008.



Figura 11 - Formatura do Batalhão Flores da Cunha, do Colégio Santa Maria, 1932.
Fonte: MORALES, 2008.

Ao sabor das administrações públicas municipais, em 1932 o novo prefeito eleito João A. Edler promove a total remodelação da Praça Saldanha Marinho. Nesse sentido, as obras de transformação iniciaram com a construção do chafariz e do coreto, tendo como responsável pela obra o engenheiro alemão Richard Ziemeck Klaue, filho mais velho do dono da primeira usina elétrica de Santa Maria. Em 1933 as duas estruturas já estavam prontas, mas a inauguração foi adiada pelo então prefeito que aguardava a conclusão do calçamento, o que ocorreu somente em 1935 (Figura 12).

Além do coreto e do chafariz estruturas modernas e inovadoras para a época, a praça ganha um novo traçado no que diz respeito ao arranjo dos canteiros, na distribuição das luminárias e bancos, proporcionando um espaço amplo para as práticas cotidianas de lazer e convívio social (MORALES, 2008).

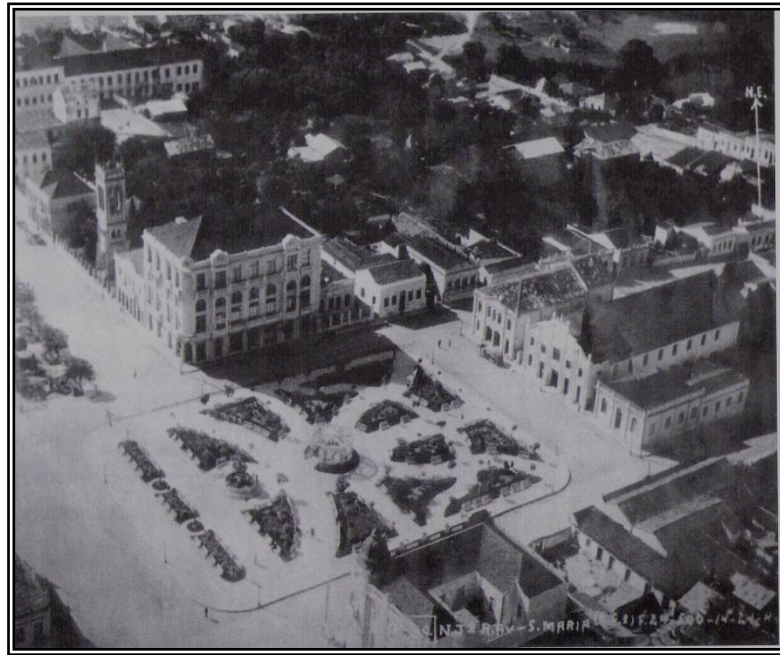


Figura 12 - Vista aérea da Praça Saldanha Marinho após a reforma, em 1935.
Fonte: MORALES, 2008.

A Praça Saldanha Marinho compunha um espaço que agregava pessoas de diferentes idades. Segundo relato de João Daut Filho descrito por Marchiori e Noal Filho (1997), era corriqueiro nas noites de verão ver centenas de crianças correndo pelos caminhos entre os canteiros, além de jovens e adultos se divertindo, assistindo as bandas de música, sendo que o palco da apresentação era o coreto (MORALES 2008).

Nesse sentido, além de ouvir música, também contemplavam as tartarugas no chafariz, comiam pipoca e guloseimas dos vendedores ambulantes que apareciam, especialmente, aos sábados e domingos aproveitando a intensa movimentação de pessoas.

Segundo Perez (1999), a praça por muito tempo foi o ponto de encontro de famílias, amigos e de paquera entre moças e rapazes, o próprio traçado físico do lugar era utilizado como código de comportamento pelas pessoas. Nesse sentido, destaca-se que o círculo de dentro da estrutura física do espaço era utilizado pelas moças que andavam no sentido horário, enquanto os rapazes caminhavam sentido contrário, no círculo maior. Essa forma de organização de uso do espaço pelos jovens favorecia o encontro dos olhares entre ambos, seria na época uma forma social que orientava para o namoro ou “flerte”.

Destaca-se nesse período o *footing* uma prática social que pendurou durante os anos de 1930 até o final de 1940 caracterizava pelo simples passeio a pé ao redor da praça, em dias e horários convencionados, proporcionando várias formas de sociabilidades, estando ligado aos

costumes da população urbana. Durante esses passeios, o trânsito era totalmente interrompido para dar segurança e espaço aos transeuntes, assim como, para os fotógrafos que registravam o encontro da sociedade local (MORALES, 2008) (Figura 13).



Figura 13 - *Footing* na primeira quadra da Dr. Bozano esquina com a Praça, em 1947.
Fonte: MORALES, 2008.

Segundo Pedroso (2007), a palavra *footing* era muito utilizada para designar os encontros da sociedade urbana nas principais ruas da cidade, nesse sentido, destaca que essa prática social também era realizada na cidade de Porto Alegre, sendo que no final dos longos passeios na Rua da Praia, as pessoas se dirigiam para os cafés e confeitarias para o chá das cinco, espaços esses muito frequentados pela alta sociedade.

4.3 As décadas de 1980 a 2000

Após a significativa reforma nos anos 1930 a praça veio, respectivamente, nas décadas de 1980 e 1990 sofrer novas intervenções, sendo que ambas teve como objetivo dinamizar o fluxo de automóveis no centro da cidade.

Na reforma de 1980, durante o governo de Osvaldo Nascimento, o perímetro da praça aumenta consideravelmente, devido ao fechamento dos dois corredores de circulação de automóveis. Ou seja, das ruas Roque Callage (em frente ao Teatro Treze de Maio, Cine

Independência e Big Lucão Lanches) e da Dr. Bozano (ao lado do Barrisul e em frente do prédio do antigo Fórum atual Casa de Cultura), espaço que fora incorporado a praça (PEREZ, 1999) (Figura 14).



Figura 14 - Vista aérea da Praça Saldanha Marinho, após a reforma de 1982.
Fonte: PEREZ, 1999.

Dentre as modificações realizadas, destaca-se a construção de um quiosque⁵ todo feito em madeira e vidro, localizado bem em frente ao prédio do antigo Fórum, o qual correspondia ao “Centro de Informações ao Turista”. O espaço era destinado à realização de exposições de arte, lançamentos de livros e seções de autógrafos, observa-se, nesse sentido, a vinda do ilustre escritor baiano Jorge Amado para a divulgação do livro “Tieta do Agreste”, o qual realizou seção de autógrafos para os santa-marienses (Figura 15).

⁵ Nota-se que fora o terceiro quiosque construído no espaço da praça ao longo das suas reformas.

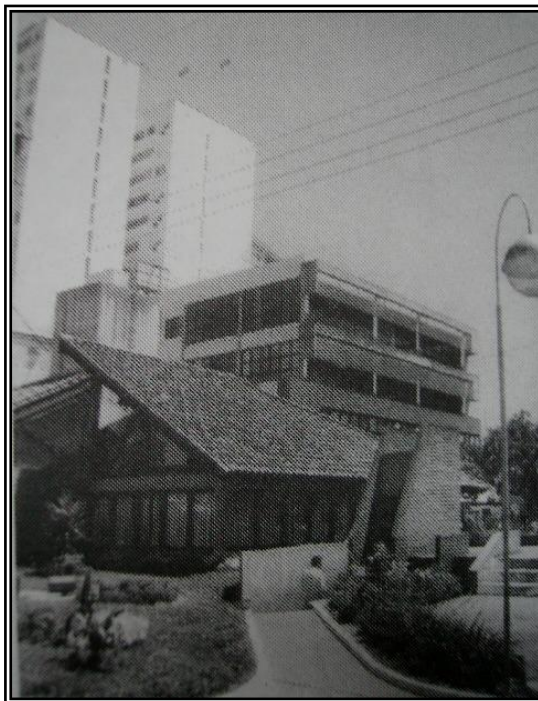


Figura 15 - Quiosque, 1982.
Fonte: PEREZ, 1999.

Observa-se que outras estruturas foram construídas, como um espaço destinado à recreação infantil e uma plataforma para a apresentação de eventos culturais, nesse sentido, a praça conforma-se como lugar de lazer e cultura, atraindo número significativo de pessoas para desfrutar do novo ambiente. Esse novo desenho que a praça recebe condiz com o novo pensamento acerca da funcionalidade dos espaços públicos na época, onde estes deveriam atender não somente o simples caminhar dos transeuntes, mas a permanência, a recreação e o lazer (ROBBA; MACEDO, 2003). Além disso, configurar-se pela valorização do verde, com a construção de canteiros para se plantar flores e gramas, além de árvores com o objetivo de promover a qualidade de vida para a população urbana, enfim, convite para o lazer e o convívio social.

No entanto na década de 1992, durante o governo do então prefeito Evandro Behr, o espaço urbano de Santa Maria sofre novas e significativas intervenções com vistas ao crescimento expressivo da cidade para a região.

Nessa perspectiva, Bolfe (2003) afirma que na década de 1990 a cidade de Santa Maria vive um período de intenso desenvolvimento, no que confere ao crescimento dos investimentos imobiliários, fazendo com que grandes conjuntos habitacionais e prédios viessem a ser construídos, atraindo grande número de pessoas, tanto do interior da cidade de

Santa Maria como de outros municípios. Diante disso, novas demandas urbanas foram criadas, ou seja, a implantação desses investimentos implicou diretamente no aumento da circulação de veículos e pessoas na cidade, o que exigiu novas intervenções no espaço urbano, a fim de adaptar-se a essa nova realidade.

Assim, o poder público municipal constrói o viaduto Evandro Behr ligando a Primeira Quadra da Bozano (atual Calçadão Isaia) a Praça Saldanha Marinho, segundo Marchiori (2008) a construção do viaduto atende dois objetivos básicos – dar mais fluxo ao trânsito de automóveis e ônibus na Rua do Acampamento, como também interligar definitivamente os dois principais espaços públicos da cidade a Praça Saldanha Marinho e o Calçadão Isaia.

Desse modo, a Praça Saldanha Marinho passa por novas transformações espaciais, buscando se modernizar, pois representa o principal espaço público da cidade, por estar localizada bem no centro constituindo desde o cartão postal da cidade de Santa Maria. Na atualidade, o espaço conserva o coreto e o chafariz estruturas implantadas na reforma de 1935. Assim sendo, a praça está dividida em quatro espaços distintos: 1) o espaço que corresponde à plataforma ou concha acústica para apresentações de shows e eventos culturais; 2) espaço onde fica localizado o chafariz; 3) espaço em frente ao Theatro Treze de Maio e o 4) espaço do coreto bem no meio do perímetro da praça. Esses espaços conformam-se por permitir o convívio das pessoas, pois, dispõem de bancos, canteiros de flores e árvores aspectos que corroboram para a permanência das pessoas, constituindo assim um espaço de sociabilidades entre os habitantes da cidade (Figura 16).



Figura 16 – Vista aérea da Praça Saldanha Marinho após a reforma de 1992.
Fonte: MARCHIORI, 2008.

Nesse sentido, a praça passou por inúmeras transformações, “acompanhando a evolução da cidade e continuando a ser um dos recantos mais bonitos: moderna e espaçosa, bem no centro da cidade-coração” do Rio Grande do Sul, constituindo o cartão postal da cidade de Santa Maria (RECHIA, 1999, p. 104).

4.4 As políticas públicas e suas implicações quanto ao uso da Praça Saldanha Marinho

Um aspecto que marcou a trajetória da Praça Saldanha Marinho, assim como, da cidade de Santa Maria, foi à apropriação dos espaços públicos pelos trabalhadores informais. Nesse sentido, o surgimento do mercado informal advém da criação do camelódromo, localizado na Avenida Rio Branco, entre as quadras da Rua dos Andradas e a Rua Venâncio Aires em 1991, pelo poder público municipal, onde inicialmente foram instaladas 58 bancas (Figura 17).



Figura 17 - Camelódromo localizado na Avenida Rio Branco.
Fonte: Escritório da Cidade, 2007.

Nesse período, a realidade registrada em Santa Maria, coincide com a da maioria das cidades brasileiras, pois o espaço urbano torna-se reflexo das “contradições de um sistema econômico não igualitário e concentrador” da economia nacional, a qual provocou nas últimas

décadas, o aumento significativo do desemprego, resultando no crescimento do trabalho considerado informal (AZEVEDO 1990, p.165).

Para Azevedo (1990), o aumento do desemprego é decorrente da crise socioeconômica que o sistema capitalista provoca, de um lado, fazendo com que parte significativa dos trabalhadores e sua força de trabalho fossem desapropriadas dos meios de produção e, por outro lado, provocando demissões em massa como forma de adequação as novas realidades. O autor afirma que no âmbito das cidades brasileiras estas refletem em muito as condições impostas pela economia, colocando em evidência às contradições da estrutura econômica e social.

Nesse contexto, sensíveis transformações urbanas começaram a ocorrer, dado ao avanço significativo do mercado informal em direção aos demais espaços públicos da cidade. Nesse sentido, em pouco tempo a Praça Saldanha Marinho se via ocupada por artesões, vendedores ambulantes e feirantes compondo até junho de 2010, espaço multifuncional, por agregar diferentes usos do espaço, conforme mostram as figuras, 18 e 19.



Figura 18 - Bancas de artesões localizadas na Praça Saldanha Marinho.
Fonte: FERRAZ, 2010.



Figura 19 - Barracas da Feira do Pequeno Produtor localizadas na área central da Praça Saldanha Marinho.
Fonte: FERRAZ, 2010.

Desse modo, Gomes (2002, p. 176) evidencia que a apropriação dos espaços públicos pelo setor informal, se manifesta mediante aspectos bem variados e complexos, “desde uma simples ocupação da calçada até o fechamento de ruas ou de bairros inteiros”, e quase sempre se desenvolvendo nos locais onde há uma maior circulação de pessoas, nesse caso, os espaços considerados de grande potencial comercial são bastante disputados.

A ocupação da praça se fazia mediante três formas distintas: 1) bancas fixas dos artesões, localizadas numa estreita faixa na face oeste do espaço, 2) barracas dos feirantes, que eram montadas no centro do espaço, em dias específicos, sendo que no final das atividades eram devidamente desmontadas e retiradas do espaço e 3) os vendedores ambulantes que possuíam estruturas pequenas e móveis, ocupando em cada dia diferentes lugares no espaço.

Assim, as áreas centrais da cidade onde se situam os espaços de maior circulação, como praças, ruas e avenidas transformam-se em verdadeiros mercados a céu aberto, concentrando grande quantidade de bancas e barracas que comercializavam uma infinidade de itens. Pode-se dizer que a Praça Saldanha Marinho configurava-se por apresentar múltiplos usos e apropriações do espaço urbano.

O crescimento desordenado do mercado informal desencadeou diferentes problemáticas, de um lado, a utilização das principais vias de circulação de pedestres para a

instalação de estruturas para a venda dos produtos, gerando dificuldades quanto ao fluxo, assim como, desestimulando práticas sociais ligadas ao lazer e convívio social, especialmente, na Praça Saldanha Marinho. Nesse sentido, o avanço do mercado informal sobre os espaços públicos de Santa Maria significou antes de tudo, a retração da vida pública, na medida em, que grupos específicos produzia/reproduzia no espaço, interesses de ordem privada, estabelecendo assim um controle sobre um espaço que supostamente seria de uso de todos.

Por outro lado, e com maior pressão, os conflitos gerados pelo embate entre trabalhadores informais e comerciantes, pois muitas bancas estavam instaladas em frente às lojas, dificultado a visibilidade das vitrinas, assim como, representava intensas disputas com relação aos clientes que eram abordados antes mesmos de entrarem nos estabelecimentos.

Diante disso, em 2002 o Poder Público Municipal apresenta a comunidade santamariense o Projeto de Revitalização do Centro da cidade de Santa Maria/RS, o qual visava recuperar o centro através da retirada do mercado informal dos principais espaços públicos. No entanto, a proposta apresentada pela prefeitura não foi aceita por ambos os interessados (comerciantes informais e formais), fato que gerou um impasse que se arrastou até o ano de 2010, com a transferência dos comerciantes informais para o shopping popular.

A seguir, os principais obstáculos que prolongaram a transferência dos trabalhadores informais da Praça Saldanha Marinho e Avenida Rio Branco para o Shopping Independência:

a) Projeto de Revitalização do Centro da cidade de Santa Maria/RS, apresentado em 2002, transferência do comércio informal para as Ruas Roque Calage e Ângelo Uglione. Impasse quanto ao local de transferência.

b) Dezembro de 2002, reapresentação do projeto anterior, porém com proposta de construção de um Shopping Popular, que seria construído em 2003, estando localizado nas Ruas Roque Calage e Ângelo Uglione, totalmente subsidiado pelos recursos da Caixa Econômica Federal.

c) Fevereiro de 2003, diante de uma consulta popular realizada pelo Núcleo de Estatística e Opinião, 76% da população vota pela permanência do Camelódromo na Avenida Rio Branco. Assim nos últimos meses deste mesmo ano foi realizada somente a reforma do Calçadão Isaia, única proposta do projeto executada pelo Poder Público.

d) Janeiro de 2004, Prefeitura aponta novos locais dentre eles: Gare da Estação Férrea, prédio localizado na Avenida Presidente Vargas, o antigo prédio do Cine Independência ou o antigo prédio do Mercado Itambé. Nesse momento o impasse gira em torno do valor dos aluguéis que seriam pagos pelos trabalhadores informais realocados para o local escolhido.

e) Abril de 2005, a Prefeitura anuncia a criação do Shopping Popular e sua mais provável instalação, o prédio do antigo Cine independência localizado na Praça Saldanha Marinho. O impasse agora fica por conta dos recursos que seriam necessários para a compra do prédio pela Prefeitura Municipal.

f) Junho de 2005 foi apresentado pela Prefeitura um pré-projeto de instalação do Shopping Popular, que abrigaria 194 estandes distribuídos em três pavimentos. Além disso, previa a recuperação da arquitetura da fachada original do prédio construído em 1922, constituindo hoje Patrimônio Histórico do Município.

g) De 2005 até o ano de 2010, compreende o período onde a Prefeitura buscou captar recursos junto aos Ministérios, emendas parlamentares e iniciativa privada para viabilizar a compra do prédio onde seria instalado o shopping. Enquanto isso o governo agilizava os trâmites legais para a instalação e funcionamento do estabelecimento.

h) Março de 2009⁶, a Prefeitura realiza uma consultoria junto a Procuradoria do Município para verificar a legalidade do projeto, pois se tratava de uma área pública que seria utilizada para fins privados.

i) Ultrapassados todos os obstáculos, em junho de 2010, o Prefeito municipal assina o decreto de funcionamento do Shopping Independência, para onde foram transferidos 91 camelôs da Avenida Rio Branco 57 artesões da Praça Saldanha Marinho e 48 vendedores ambulantes, os quais passaram a ser denominados comerciantes populares, tornando-se assim locatários de um estande/módulo para a venda de seus produtos.⁷

Nesse contexto, a retirada do mercado informal, especialmente, daqueles localizados na Avenida Rio Branco e Praça Saldanha Marinho, definiram alterações significativas quanto ao uso desses espaços públicos no centro da cidade.

Pode-se destacar que a Praça Saldanha Marinho, antes se conformava por representar mais um espaço de fluxos do que de fixos. Ou seja, primeiro lugar as pessoas que se dirigiam para o lugar assumiam muitas vezes o papel de consumidores, frequentando o espaço com o único interesse de realizar alguma compra, desse modo, circulavam de banca em banca até

⁶ Conforme dados da Secretaria Municipal do Turismo, a Praça Saldanha Marinho assim como, os principais prédios históricos (prédio do antigo Fórum, Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), Theatro Treze de Maio e Cine Independência) localizados no seu entorno passaram a partir de 2009, a integrar respectivamente: o Núcleo Histórico Acampamento e o Núcleo Histórico Ferroviário, os quais começaram a receber ações de animação e recuperação para requalificá-lo para o uso da comunidade e também dinamizá-lo para o turismo. Nota-se que o processo de revitalização teve início com o tombamento do prédio do antigo Fórum, atual Casa de Cultura em 15 de dezembro de 2009, o qual se tornou Patrimônio Histórico do Município.

⁷ Em 2010, os valores variavam entre R\$ 105,00 a 490,00 reais conforme a localização dos estandes, sendo que os mais caros eram os localizados nas áreas mais visíveis do shopping. Decreto Executivo nº 065, de 07 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br>>.

encontrar o que procuravam, em segundo, o espaço configurava-se como mais um trajeto a ser realizado para se atingir o outro lado do centro.

Observa-se que existem atualmente no espaço alguns indivíduos que realizam atividades informais como: engraxate, artistas de rua e vendedores ambulantes, no entanto, a praça conforma-se muito mais, por representar um espaço de convivência e lazer dos habitantes da cidade, conferindo assim diferentes usos e práticas sociais. Vê-se, na figura 20, a configuração espacial atual da Praça Saldanha Marinho.



Figura 20 - Praça Saldanha Marinho, espaço de convivência e lazer.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

4.5 Praça Saldanha Marinho: espaço de convergência da diversidade cultural

Apesar das alterações pelas quais passou a Praça Saldanha Marinho, sempre representou um importante espaço de sociabilidades para a cidade, conformando diversas territorializações, padrões sociais e formas relacionais empreendidas pelos frequentadores, os quais foram modificando seus hábitos e práticas sociais ao longo do tempo. Atualmente, a praça representa o coração da cidade, por onde circulam diariamente centenas de pessoas que se deslocam para o centro para trabalhar, estudar e consumir. Nesse sentido, apresenta-se como o principal espaço público de Santa Maria, agregando no seu entorno diversos prédios históricos, comerciais e culturais, o que remete a ela um movimento significativo de

expressões culturais compreendidos pelas pessoas que frequentam, utilizam e circulam pelo espaço.

O espaço constitui-se cotidianamente um lugar de convivência, entre centenas de pessoas entre elas os idosos aposentados que buscam convívio social entre idosos, grupos de estudantes, casais de namorados, além disso, conforma-se como espaço de descanso para os trabalhadores do centro que nos horários de folga se dirigem para a praça para lanche ou para conversar com os colegas, assim como as pessoas que estão de passagem pelo centro ou pela cidade.

A configuração espacial da praça se altera significativamente nos finais de semana, feriados e durante a realização de eventos, onde se observa a presença de uma grande diversidade de pessoas que circulam pelo espaço, sentam nos bancos, conversam, tomam chimarrão, enfim realizam práticas sociais vinculadas ao lazer e convivência social. Sendo muito comum observar pais e filhos passeando com seus animais de estimação, casais namorando, grupos de jovens com estilos estéticos bastante distintos, idosos acompanhados dos netos e muitas crianças brincando e correndo entre diversas outras agregações de pessoas.

Considerando esse aspecto analisado, a praça evidencia seu caráter de espaço público, pois constitui um lugar onde coabitam indivíduos que expressam diferentes perspectivas de vida, comportamentos, estilos e práticas sociais, conformadas a partir de um pacto social constituído a cidadania (GOMES, 2002). Nesse contexto, o fazer cidadão constitui a condição necessária para a realização das práticas sociais e usos desse espaço, o qual possibilita a comunicação entre diferentes subjetividades. Nesse sentido, observa-se a figura 21.



Figura 21 - Imagem que expressa a dimensão de espaço público da Praça Saldanha Marinho, a partir da perspectiva da convivência da diversidade cultural.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Além disso, a praça compreende palco para diversas manifestações culturais, entre elas: a Feira do Livro, considerada a principal atividade cultural realizada na cidade. Criada em 1973 ocorre anualmente entre os meses de abril e maio atraindo milhares de visitantes de todo o estado (Figura 21); o Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC), o qual está na sua 11ª edição e o Macondus Circus os dois últimos realizados, por entidades independentes, que procuram tornar visíveis suas ações vinculadas às expressões culturais.



Figura 22 - Feira do Livro de Santa Maria, vista da movimentação das pessoas entre as bancas.
Fonte: <<http://www.cultura.rs.gov.br>>

Desse modo, o espaço configura-se ainda por apresentar diversas manifestações artísticas, populares e políticas, as quais convergem para uma multiplicidade de expressões espaciais empreendidas por diversos segmentos sociais, que buscam ganhar maior visibilidade, ao apresentar suas perspectivas nesse lugar considerado à arena da vida pública. Nesse contexto, mostram-se alguns dos eventos realizados na praça nas figuras 23 e 24.



Figura 23 - Pessoas aguardando o início das apresentações da 24ª Semana da Consciência Negra, realizada no mês de novembro de 2012.

Fonte: Trabalho de campo, 2012.



Figura 24 - Associação Capoeira de Rua Berimbau, apresentando uma roda de capoeira na Praça Saldanha Marinho.

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Verifica-se que esse espaço constitui-se por um emaranhado complexo de processos relacionais e comunicacionais entre indivíduos/grupos sociais, os quais estabelecem diversas diferenciações, amplamente observável pelos aspectos identitários, simbólicos, significados e práticas sociais desenvolvidas resultando em territorializações. Diante das concepções de Massey (2008, p. 31) o espaço coloca-se como aberto, não no sentido, de livre acesso, mas, sobretudo, pelas múltiplas combinações relacionais possíveis, diante da “coexistência simultânea de outros, com suas próprias trajetórias e com sua própria história para contar”, o que confere ao espaço uma pluralidade de possibilidades em processo.

A partir dessa perspectiva, a Praça Saldanha Marinho possibilita o encontro de múltiplas trajetórias, apresentando como resultado uma complexa trama de interações estabelecidas entre os indivíduos, que ao compartilhar algumas identificações produzem dentro desse espaço, lugares de convivência numa negociação aqui e agora, definindo fronteiras de convivências. Dessa maneira, compreender o espaço urbano contemporâneo perpassa entender a dinâmica dos processos relacionais, simbólicos e identitários entre os indivíduos/grupos, especialmente aquelas verificadas no cotidiano dessas interações, as quais produzem microterritorializações urbanas.

5 PRAÇA SALDANHA MARINHO: AS FORMAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS E SUAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES

Nesta parte do estudo, apresentam-se os resultados obtidos, a partir da metodologia utilizada para a coleta de informações dos indivíduos microterritorializados no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, em Santa Maria/RS, a fim de identificar os aspectos simbólicos, as expressões estéticas, as identificações subjetivas e as práticas sociais realizadas no espaço. Além disso, buscou-se analisar as fronteiras de convivências estabelecidas pelos grupos sociais, a fim de investigar as formas de interações sociais localizadas no espaço da Praça Saldanha Marinho.

5.1 As formas de interações sociais encontradas na Praça Saldanha Marinho

Durante o processo que envolveu as observações, constatou-se, no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, em Santa Maria/RS, duas grandes territorializações, as quais representam formas de interações sociais bastante específicas, definidas pelo compartilhamento em comum de expressões estéticas, simbólicas e identificações subjetivas entre os indivíduos.

Assim sendo, no período da manhã, o espaço configura-se pela presença de diversas agregações de convivência entre idosos, as quais conformam múltiplas formas de interações sociais observáveis pelas práticas sociais que realizam no espaço. Trata-se de indivíduos na faixa etária dos 55 aos 80 anos de idade, em sua maioria homens, que, devido o tempo ocioso, deslocam-se diariamente para o centro da cidade, especificamente para a Praça Saldanha Marinho em busca de convívio social, de preferência com pessoas que estejam na mesma faixa etária, ou seja, pessoas idosas.

Em relação ao período da tarde, principalmente nos finais de semana, verificou-se que a configuração do espaço da praça altera-se pela presença visível de microterritorializações de grupos de jovens, os quais se apropriam de parte significativa do espaço. Assim, trata-se de indivíduos na faixa etária dos 14 aos 26 anos de idade, que buscam realizar, durante o tempo livre, práticas de lazer e entretenimento, acabando por produzir diversas

microterritorializações de convivência entre jovens na Praça Saldanha Marinho, assim como no espaço urbano de Santa Maria.

Nesse sentido, o espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho conforma-se por apresentar uma perspectiva geracional de utilização do espaço, enfatizando a territorialidade de indivíduos de diferentes idades. Assim sendo, pode-se afirmar que a perspectiva geracional, ou seja, ser uma pessoa idosa ou uma pessoa jovem é, de certa forma, o primeiro aspecto de identificação entre os indivíduos desses dois grupos de idade que territorializam o espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, pois os modos de sentir e agir de forma semelhante torna-se viés que resulta em diversas agregações de convivência, seja em relação aos grupos formados por pessoas idosas, seja em relação aos grupos formados por jovens.

Considerar a perspectiva geracional não é somente salientar a diferença de idade entre grupos de pessoas, é, antes de tudo, enfatizar que “cada geração remete a um período histórico e vincula os sujeitos a uma época, cujos códigos culturais, incorporados [...] tendem a acompanhá-los [...]”, e que, de certa maneira, são compartilhados entre os indivíduos de uma dada geração. (TURRA NETO, 2008, p. 396).

Considerando que as microterritorializações idosas e juvenis ocorrem em momentos distintos, fica evidente o aspecto que orienta para o compartilhamento entre os indivíduos de uma diversidade de aspectos relacionados a uma dada esfera espaço/temporal. Nesse contexto, constatou-se que os indivíduos para se territorializarem no espaço consideram determinados períodos do dia, ou seja, levam em conta os momentos em que as possibilidades de encontrar pessoas da mesma idade são maiores.

Assim, para Abramo (1994, p. 47), essa localização geracional “expõe os indivíduos a uma gama específica [...] de experiências, predispondo-os a certos modos característicos de sentimento, pensamento e comportamento”. Nesse sentido, diferentes grupos de idade, ao viver uma mesma situação, cada um em seu ciclo vital, tendem a experimentar os mesmos acontecimentos de forma diferenciada.

Esse aspecto torna-se relevante para o estudo das formas de interações sociais localizadas no espaço cotidiano da praça, pois permite considerar certas particularidades relacionais, simbólicas, práticas sociais e identificações sociais entre os indivíduos que, ao compartilhar diferentes aspectos de forma semelhante, produzem agregações de convivência. Esse encontro com os “iguais” vai aos poucos particularizando pequenas partes do espaço cotidiano da praça, definindo fronteiras de convivência entre aqueles grupos com quem não se identificam.

Em razão do caráter dessa pesquisa, onde se procurou investigar as formas de interações, delimitou-se na análise mais aprofundada sobre dois grupos específicos, ou seja, os grupos de convivência entre idosos e os grupos de convivência entre jovens, haja vista que a praça apresenta a existência de outros grupos bastante distintos quanto às formas de interações estabelecidas, tornou-se necessário no âmbito desse estudo trazer informações que pudessem contextualizar o espaço cotidiano da praça. Assim, as informações referentes a estas outras formas sociais microterritorializadas advêm das observações de campo, assim como das entrevistas realizadas com os frequentadores que compõem as duas principais territorializações na praça.

Desse modo, a exposição das informações investigadas neste estudo foi organizada, inicialmente, com a apresentação do croqui “As formas de interações sociais microterritorializadas na Praça Saldanha Marinho - Santa Maria/RS” (Figura 25), onde estão representadas as formas de interações e as principais marcações territoriais dos agregados sociais no espaço. Em seguida, após a exposição do croqui figura 25, apresentam-se as formas de interações que se apropriam cotidianamente do espaço através da descrição das práticas sociais, dos vínculos espaciais de pertencimento e afinidade entre os agregados sociais, os modos de convivência verificados, além das expressões observadas no processo de interação. Além disso, realiza-se a análise sobre as fronteiras de convivência, devendo salientar que, no decorrer dessa apresentação, trazem-se alguns fragmentos de fala a fim de justificar alguns aspectos verificados.

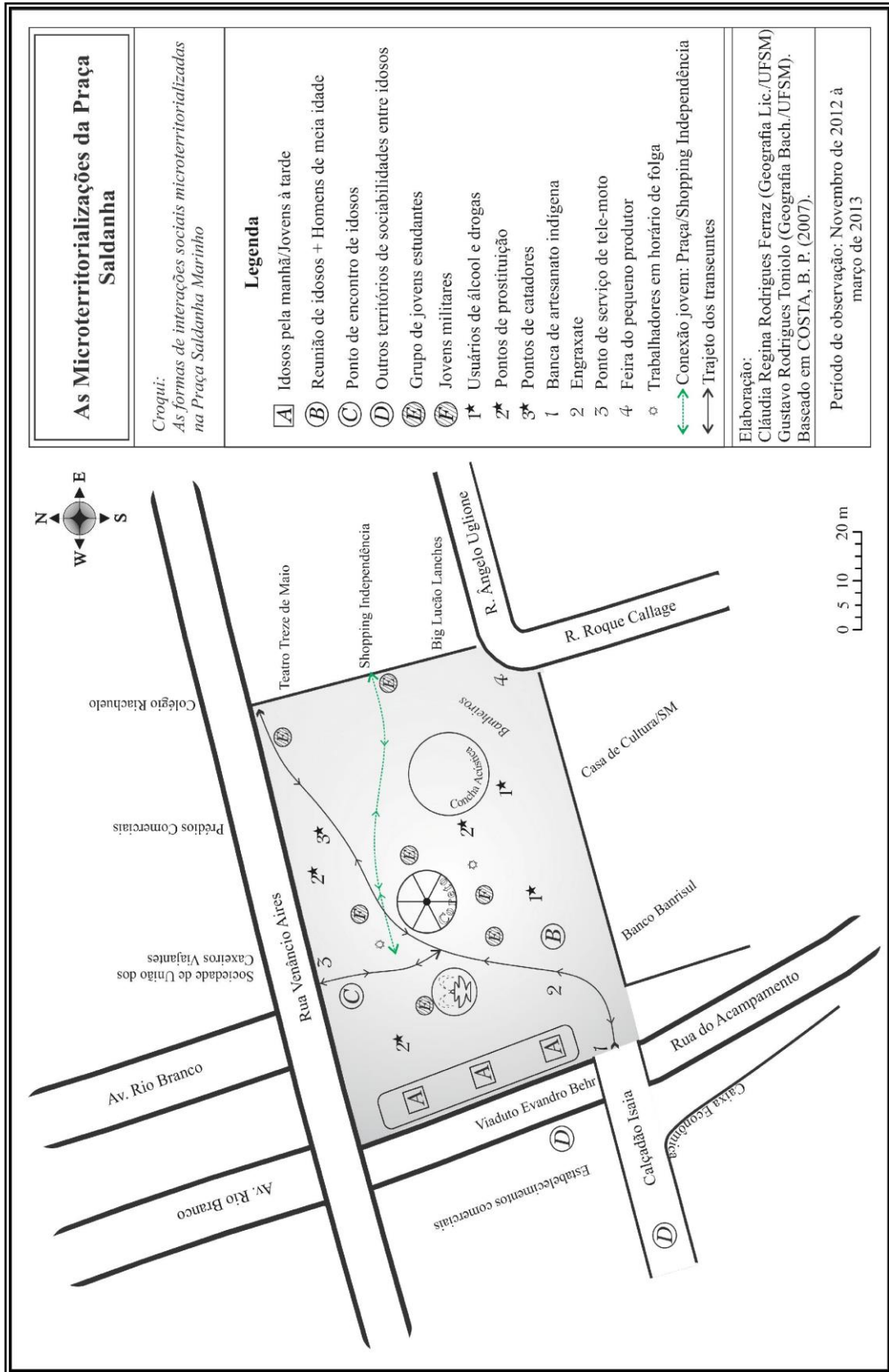


Figura 25 – Croqui: As formas de interações sociais microterritorializadas na Praça Saldanha Marinho

5.1.1 Praça Saldanha Marinho: espaço de convivências

O espaço investigado, dado pelas observações, permitiu perceber que a Praça Saldanha Marinho configura-se pela presença significativa de indivíduos idosos, sentados nos bancos, sozinhos ou em grupos, conforme as **indicações A, B e C** da figura 25. Esses grupos devem-se a convivência de pessoas idosas, as quais se identificam como a primeira forma de interação social que, cotidianamente, microterritorializa grande parte do espaço da praça, com fins bastante específicos, a busca por convívio social.

A esse grupo presente na praça, procurou-se saber por meio de entrevistas e conversas informais: Quem são esses idosos? Como utilizam o espaço da praça? E como é a convivência entre os seus “iguais” e os demais frequentadores? Tem-se no Apêndice D, o perfil dos entrevistados idosos.

Na Praça Saldanha Marinho, verificou-se que a apropriação do espaço pelos grupos de idosos ocorre principalmente pela manhã estendendo-se até a hora do almoço. Questionados porque frequentam o espaço nesse período do dia, a maioria dos idosos entrevistados respondeu da seguinte forma: “*A gente gosta de vir de manhã, pois de tarde velho tem que dormir*”. Percebe-se que esses indivíduos acostumados a despertar cedo, quando trabalhavam, preferem realizar suas principais atividades de lazer e convívio nas primeiras horas do dia e, depois, à tarde, descansar, tirando, assim, uma sesta⁸, depois do almoço.

Essa preferência de horário, período da manhã, atribuído pelos idosos para utilizarem o espaço, reforça, segundo Costa (2007), a ideia de microterritorialidade urbana, na medida em que, nos demais períodos do dia, outros tipos de agregações humanas realizam seus encontros no mesmo espaço, remetendo a novas configurações espaciais.

Entretanto, verificou-se que alguns indivíduos preferem o horário da tarde, e ainda outros são vistos o dia todo circulando por diferentes espaços do centro da cidade, conformando diferentes formas de interações. Esse aspecto será tratado mais adiante no item 5.1.1.1.

A conformação dos idosos no espaço da praça salienta-se pela maioria ser aposentada, proveniente das diversas atividades ligadas ao comércio e prestação de serviços, especialmente, os serviços públicos. Esse aspecto socioeconômico configura-se como a vocação econômica da cidade de Santa Maria, atraindo diariamente número significativo de

⁸ Ato de dormir depois do almoço.

pessoas de outras cidades, compondo uma população flutuante de, pelo menos, 30 mil pessoas conforme dados do poder público municipal, e, sobretudo, absorvendo cerca de 80% da população economicamente ativa do município.

A cidade de Santa Maria caracteriza-se por abrigar grande número de Instituições Estatais o que explica, em grande medida, a presença significativa de aposentados oriundos dos serviços públicos federais, estaduais e municipais, tais como militares, bancários, professores e ferroviários, entre outros aposentados, ex-profissionais do comércio e serviços como açougueiros, eletricitas, marceneiros, carpinteiros, advogados, técnicos administrativos e donas de casa, que realizam práticas de lazer e convívio na Praça Saldanha Marinho.

E quanto ao local de moradia desse grupo de idosos, verificou-se que a maioria dos indivíduos são moradores de diferentes bairros da cidade, trata-se de pessoas que possuem tempo ocioso e deslocam-se diariamente para o centro da cidade especificamente para a Praça Saldanha Marinho, à procura de convívio social. Nesse sentido, a praça representa lugar de convivência amplamente notada em várias falas. Verifique a seguinte fala de um idoso, morador da zona oeste da cidade:

Venho todos os dias, tenho vários amigos, bastante, a praça é lugar de lazer, de encontro com os amigos, [...] não gosto de ficar parado, gosto de conversar com os amigos e amigas e ficar olhando, pois quando eu trabalhava eu era visita em casa chegava e já voltava. Gosto de estar aqui, [...] sou bancário tenho um banco aqui na praça, sento converso com uns com outros, gosto mais dessa área aqui, pois desde que me aposentei venho pra cá, [...] fiquei um mês em casa descansei bastante depois comecei a sair (Idoso 7)⁹.

Nessa fala, nota-se que o espaço torna-se lugar de encontro e de convivência social significativa para este idoso, que percebe o referido espaço como uma oportunidade de interagir com os amigos, convergindo, assim, para formas de socialidade que remete a uma ocupação do tempo ocioso, visto que antes era ocupado pelo trabalho. Nesse sentido, é perceptível a necessidade da convivência humana para esse grupo, visto que a maioria deles

⁹ Durante o tempo da pesquisa, notou-se que este idoso era figura constante presente no espaço, sentado, inclusive no mesmo banco. Observou-se que caminhava de um lado para outro, conversando com diferentes indivíduos, até mesmo nos dias cinzentos, mantinha sua rotina, só indo para casa se chovesse. Observa-se que após terminado o trabalho de campo, este idoso tornou-se um amigo que em várias ocasiões, quando nos encontrávamos no centro, vinha em nossa direção conversar sobre os acontecimentos ocorridos na praça e saber sobre o andamento de nosso estudo.

afirma utilizar o espaço para a busca por contato social, sendo este fator o principal motivo pelo qual territorializam o espaço.

Nessa perspectiva, outros aspectos da praça são mencionados na fala do idoso, como a palavra banco, o qual diz respeito a um elemento identificatório e simbólico convergindo à determinada prática social desenvolvida. Nesse aspecto, o banco ultrapassa as dimensões físicas estabelecidas e torna-se um elemento de encontro entre sujeitos, cujas subjetividades individuais são distintas notadamente verificáveis através dos processos comunicacionais entre ambos.

Pedroso (2007), em seu estudo, salienta que a “convivência humana é marcada pela interação social conformada a partir da interdependência social” entre indivíduos, nesse sentido, a interação social pode ser entendida como a forma com que os indivíduos relacionam-se, mediados por processos comunicacionais. A esse respeito Maffesoli (2006) afirma que, no princípio relacional, a comunicação pode dar-se de forma verbal e não verbal, sendo que a pessoa, nos dois casos, está em permanente interação com o outro. Assim sendo, para o autor, a comunicação é uma rede pela qual os indivíduos ligam-se entre si, constituindo formas de estar-junto, compartilhando o mesmo espaço. Nota-se esse fenômeno na figura 26, onde dois idosos conversam despreocupadamente sentados num dos bancos na praça, enquanto ao lado, à direita do idoso de chapéu branco, outro idoso apenas distrai-se, observando o movimento dos transeuntes.



Figura 26 - Idosos sentados em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Outro aspecto, a ser salientado do discurso anterior, é a expressão gosto mais dessa área, a qual também é lembrada por vários idosos. Nesse caso, a preferência por determinada localização refere-se a uma marcação espacial, podendo ser entendida como uma fronteira de convivência entre os idosos e outras formas de interação social presentes no espaço. Percebe-se, a seguir, no transcorrer das falas dos idosos pesquisados, que essa marcação territorial corresponde uma não identificação com práticas desenvolvidas por outros indivíduos. Sendo que, em possível contato, produzem-se conflitos eminentes entre ambas às identidades sociais ali estabelecidas, nesse sentido, podem-se destacar as seguintes falas:

A nossa turma tem uma frequência diária, sempre nesse banco, de preferência aqui [...] é uma turma bacana, a gente sentava em outro lugar, mas como tem bêbados, drogados e coisa e tal essa turma toda, a gente vai mudando de lugar e aqui a gente achou um canto que eles não vêm, por enquanto. (Idoso 3).

Tem aparecido muito aqui na praça são os *bebunchos* ficam aqui em grupo de 9-10-12 (indivíduos) às vezes mete a mão com as pessoas. Um dia meu primo¹⁰ tava aqui comigo e chegou à hora de ele ir trabalhar, no mercado lá embaixo, aí eu disse, eu vou até ali na esquina¹¹ com ele e depois vou embora né. Aí eu ia indo (juntamente com o primo) quando cheguei ali perto da esquina um deles, moreno deu uma gravata nele (o primo) e perguntou o que vocês andam procurando. Aí meu primo ficou quieto, daí então eu disse pra ele, não ando procurando ninguém, ele (o primo) tá indo pro serviço dele e eu tô indo até ali com ele, não temo procurando ninguém e tu o que você faz aqui na praça. Aí ele deu ar de riso, largou o meu primo e saiu dando risada. Depois disso, nós ficamos marcando eles, quando se aproxima a gente sai fora. (Idoso7).

Na fala do idoso, percebe-se que o espaço agrega diferentes grupos identitários que fazem desse palco para a realização de suas práticas sociais, sendo que algumas delas não são aceitas pelos demais, conformando uma segregação espacial observável, resultado das fronteiras de convivência estabelecidas, verificáveis em partes do espaço. Nesse sentido, as fronteiras de convivências são conformadas pela não identificação entre grupos, fazendo com que ambos apropriem-se de partes distintas do espaço com a finalidade de estabelecer suas relações sociais.

¹⁰ O primo, o qual o idoso refere-se, trabalha num mercado localizado a leste do perímetro da Praça Saldanha Marinho, e, todo o dia nos horários do intervalo do trabalho dirige-se para a praça para encontrar-se com o primo idoso, conversar e descansar. Deve-se mencionar que os dois estavam presentes no espaço durante todo o período da pesquisa, sendo importante salientar que, em diversas ocasiões, os dois foram vistos, sentados conversando no mesmo banco.

¹¹ A esquina, a qual o idoso refere-se, localiza-se especificamente do outro lado da praça, espaço próximo aos banheiros, onde se estabelecem grupos e indivíduos que ficam sentados, consumindo bebidas alcoólicas e fumando. Este assunto será retomado no decorrer do estudo no item 5.1.3.1.

Segundo a perspectiva de Gomes (2002), entende-se que a Praça Saldanha Marinho constitui-se como um lugar da diferença, onde diferentes “tribos” são visivelmente percebidas pela apresentação de múltiplas formas, comportamentos, estilos, códigos, histórias, trajetórias de vida e papéis sociais desempenhados. Em muitos casos, onde essa polissemia não seja aceita, criam-se barreiras intransponíveis, esse sentido pode ser verificado no não acesso à determinada parte do espaço urbano, onde os grupos estabelecidos não permitem a passagem de outros grupos identitários.

Nesse contexto, Costa (2007, p. 169) afirma que, nos casos dessas diferenças serem bastante distintas, “as fronteiras de convivência se erguem diante daqueles que se diferenciam das relações estabelecidas na microterritorialização”, ou seja, distingue aqueles que estão fora (*outsiders*) das formas de interação já concretizadas. Entretanto, Pedroso (2007), ao discutir sobre a ambivalência de aceitação ou rejeição do sujeito no espaço urbano contemporâneo, menciona Haesbaert (1999, p. 173) que afirma:

[...] as relações implicadas no espaço, a convivência espacial que decorre da territorialidade se estabelece por meio da 'identidade' numa 'relação de semelhança ou de igualdade'. Essa conformação pode ser entendida em um contexto espacial como uma lógica do pertencimento compartilhado, onde o indivíduo se sente identificado com o lugar e aceita o partilhamento desse espaço representado pela diferença (PEDROSO, 2007, p. 87).

Por outro lado, constatou-se que os amigos, os quais os idosos mantêm relações, referem-se a amizades construídas em outros espaços sociais: como a família, o trabalho, a vizinhança e lugares específicos. Nesse caso, para os idosos, a praça traduz-se pela oportunidade de encontro com esses amigos e, eventualmente, com os conhecidos que passam. Nesse sentido, são raras as amizades processadas unicamente no espaço da praça, ao contrário, por exemplo, dos jovens que produzem formas específicas de interação que resultam numa rede de amizades amplamente processadas no lugar.

Noutra perspectiva, cabe ressaltar que, no desenvolvimento da investigação, percebeu-se que existe uma disparidade no que tange à territorialidade entre homens e mulheres idosas no espaço cotidiano da praça. Observou-se que, nos dias de semana, os homens idosos constituem uma frequência mais numerosa, pois são muitos os indivíduos sentados nos bancos, em pé ou circulando no espaço, engendrando formas distintas de interações sociais entre idosos. Enquanto nos finais de semana, especialmente nos sábados, a configuração espacial da praça sofre alterações, com o estabelecimento de muitas mulheres idosas, que buscam no espaço realizar alguma prática de lazer.

É relevante mencionar que, em dias de eventos, as idosas conformam parte significativa do público estabelecido no lugar, estando, muitas vezes, acompanhadas dos filhos, dos netos ou ainda com as amigas. Pode-se verificar essa perspectiva na figura 27, onde mulheres idosas esperam, sentadas, o início dos shows de comemoração a 24ª Semana da Consciência Negra, realizada no mês de novembro de 2012.



Figura 27 - Idosa sentada, fumando um cigarro, cena rara de se ver no espaço da praça, mais ao fundo da imagem, pode-se ver duas idosas sentadas conversando.

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Nesse sentido, Nunes (2010), em seu estudo sobre os espaços de sociabilidade dos idosos no centro da cidade de Santa Maria, destaca que a escolha por trabalhar especificamente com os homens idosos denominados por ela de *habitués*, foi necessariamente por notar, a “ausência de mulheres idosas, apropriando-se de espaços públicos” no centro da cidade.

A autora lembra que esse processo tornara-se “naturalizado” ao longo do tempo e assinala, destacando DaMatta (1985), “que os espaços são ‘esferas de significação social’, ou

seja, “a divisão do espaço segue muitas hierarquizações, sugerindo, para analisar esse processo, as categorias sociológicas ‘casa’ e ‘rua’, que consistem em ‘entidades morais, esferas de ação social’ e, sobretudo, em domínios culturais institucionalizados”. Menciona que “casa” refere-se à esfera do privado (espaço feminino), enquanto “rua” diz respeito à esfera do público (espaço masculino) (NUNES, 2010, p. 67). Nesse sentido, destaca que:

Ao demonstrar a ausência de grupos de mulheres idosas engendrando formas de socialidade em territórios urbanos no Centro da cidade, revela que, embora as relações entre o ‘espaço da casa’ e ‘o espaço da rua’ sejam dinâmicas, o segundo, enquanto espaço público, ainda se configura em grande medida, enquanto espaço do ‘masculino’. Desse modo, infere-se que as mulheres idosas instituem os seus territórios de sociabilidade em outros espaços senão o espaço doméstico ‘da casa’, o ambiente privado de alguma instituição, indo de encontro da constatação de Marcos Valério (2001) acerca da adesão significativa das mulheres aos grupos de convivência para a ‘terceira idade’ (NUNES, 2010, p. 68).

Segundo a autora, “essa divisão apresenta-se em ‘estado objetivado’ em todo o mundo social e incorporado nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de percepção, de pensamento e de ação” dos indivíduos, instituindo um princípio que orienta e classifica as práticas desenvolvidas e os espaços onde organizam suas atividades.

Por sua vez, Sennet (1988), ao referir-se ao domínio público, salienta que, no século XIX, a esfera pública significava coisas distintas para homens e mulheres. Desse modo, para os homens, o público constituía um espaço de liberdade e fuga da rigidez da vida familiar, enquanto para as mulheres representava o espaço “onde se corria o risco de perder a virtude, enxovalhar-se, ser envolvida em ‘um estonteante e desordenado torvelinho”, caindo para uma região de possível desgraça. Dessa maneira, estar em público para a mulher significava uma violação da moral e dos bons costumes construídos e reforçados no espaço da família (espaço privado).

Nesse sentido, pode-se inferir que as concepções que engendram um espaço público como esfera masculina ainda continua incorporada, especialmente, no que se refere às mulheres idosas. Em primeiro lugar, esta constatação explica de antemão a supremacia de grupos de homens idosos, apropriando-se de grande parte dos espaços públicos urbanos, especialmente, a Praça Saldanha Marinho, conformando diferentes formas de interações, através das práticas cotidianas de apropriação do espaço. Desse modo, há uma quase ausência de “grupos de mulheres idosas” que ocupam seu “tempo livre” apropriando-se no espaço da praça. Ademais, percebeu-se que os homens idosos possuem “grupos” que frequentam

assiduamente o espaço, construindo formas de sociabilidades distintas, conforme as práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos.

Nessa perspectiva, pode-se citar a territorialização dos grupos de idosos, jogadores de dama e dominós, descritos por Pedroso (2007), que utilizam o espaço da Praça da Alfândega em Porto Alegre para o convívio social cotidiano, a partir de práticas sociais vinculadas à prática de determinado jogo. Por sua vez as formas de sociabilidades das idosas não se caracterizam por apresentar esta configuração de utilização cotidiana do espaço, ou seja, o espaço não se apresenta como ponto de encontro ou de reunião entre indivíduos que se identificam a partir de uma prática social e procuram estabelecer esses contatos sociais cotidianamente.

Desse modo, percebeu-se que as idosas microterritorializam o espaço, dão preferência a determinado dia da semana, principalmente, o sábado, onde marcam encontro com determinadas pessoas, como familiares e amigas, nesse sentido, estão sempre acompanhadas de alguém muito próximo de sua esfera social, ao contrário dos idosos que processam amizades com indivíduos provenientes de esferas sociais bastante distantes, ou seja, amigos dos amigos. Essa perspectiva pode ser notada no seguinte depoimento:

[...] a praça é ponto de encontro com os parentes, meu primo, à esposa dele e uma cunhada, sempre marco para esperá-los nesse cantinho. Agora tá muito boa (a praça), venho todo o sábado, gosto de vir sempre de manhã. E também tem os conhecidos que passam e a gente conversa. Gosto de bater papo (risos) (Idosa 4).

Percebe-se que a praça representa “ponto de encontro” com pessoas da família, sendo que esses encontros ocorrem nos finais de semana, especialmente, nos sábados no período da manhã. Observa-se que essa preferência de horário implica afirmar que, em outros momentos do dia, o espaço coloca-se como ponto de encontro de outros grupos. Considerando as práticas sociais desenvolvidas, verifica-se que as conversas colocam-se como a principal motivação das territorializações.

Destaca-se o valor de todos os espaços, especialmente, os públicos como “lugares de conversações”, lugares que permitem um “dirigir-se aos outros”, a alteridade, onde se elabora um partilhamento das cenas, dos eventos, enfim, dos acontecimentos que pontuam a vida cotidiana (MAFFESOLI, 2006, p. 59-61). Nesse contexto, verifica-se a figura 28.



Figura 28 - Idosas sentadas conversando com mulheres de meia idade nos bancos na Praça Saldanha Marinho, em frente ao Theatro Treze de Maio.

Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Em segundo lugar, verifica-se que as concepções de espaço público, como esfera do masculino, está bem enraizada no que se refere às mulheres idosas. Veja-se a seguinte fala de uma idosa que não quis dar entrevista¹², mas que, diante de nossa insistência, trocamos algumas palavras:

Eu não venho muito aqui na praça, se venho, venho acompanhada e não paro muito, pois tem uns velhos que ficam encarando a gente, acham que a gente tá aqui procurando homem. Eu se fosse você menina, ia embora, se ficar por aqui muito tempo parada vão achar que tá de olho nos homens daqui (Idosa).

Percebe-se, nessa fala, que as concepções que distinguem os significados de uso do espaço público entre homens e mulheres ainda estão presentes, seja no modo de comportar-se de alguns idosos, como no estabelecimento de mulheres em determinados espaços e seus horários. Nesse sentido, diante da fala da idosa acima mencionada, a irmã desta, que estava presente, argumenta contradizendo a fala da idosa, expressando o seguinte: “*Isso já passou, olha só, a praça tá cheia de mulheres, isso é antigo*”, mas a idosa responde dizendo: “*diz isso para esses velhos babões*”. Nessa perspectiva, pode-se destacar o seguinte depoimento:

¹² A idosa, a qual se faz referência, estava sentada com a irmã em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho em frente do Theatro Treze de Maio. Quando perceberam que estava me aproximando, logo, deram um jeito de levantar, e tentar escapar a minha abordagem (pode-se afirmar que isso foi uma constante no desenvolvimento das entrevistas, especialmente, no que tange as idosas), ainda assim, consegui realizar um conversa informal com as duas, nesse momento já em pé.

Não tenho amizade aqui na praça, fico olhando o movimento (das mulheres) e às vezes passa algum conhecido e a gente conversa. Fico aqui duas ou três horas diárias. 'Fico olhando pras mulher' passar, tem vezes que passa uma conhecida (provável namorada) e a gente se fala, mas não é sempre. É, as mulher que me chama mais atenção aqui na praça. (Idoso 6).

Observa-se, na fala do idoso, que este não possui vínculos espaciais nem de pertencimento ou de identificação com o espaço, nem com os demais idosos ali estabelecidos, conformando sua territorialidade pelo simples fato de tentar arquitetar possíveis namoricos. Todavia, esse sentido atribuído à presença feminina no espaço público foi evidenciado nas falas de algumas mulheres idosas, visto que observando outras faixas etárias, a presença feminina no espaço cotidiano é significativa, contribuindo para a dissipação dessas concepções de segregação espacial entre os gêneros.

Por outro lado, a prática de olhar as mulheres, especialmente as “guris novas”, é unânime entre os idosos, mas que não se estabelece como o principal motivo de apropriação espacial da maioria dos entrevistados. Percebe-se essa perspectiva na seguinte fala:

Gosto de ficar aqui, conversar com os amigos, pensar na vida, longevidade, saúde boa, a parte profissional a gente já conquistou e o que resta pela frente é saúde. Gosto de observar as belas pessoas (mulheres) que passam né é um detalhe, né. Eu como moro sozinho, gosto de observar o movimento, pois é pelo movimento que passa o tempo né. O constante trânsito das pessoas nos leva a passar o tempo, né. (Idoso 11)

Ao discorrer sobre a fala do idoso acima, pode-se notar que existe, por parte do indivíduo, uma relação de vínculo espacial muito forte com a Praça Saldanha Marinho, remetendo formas de apropriação e identificação com o espaço e com os demais idosos. Com respeito aos vínculos espaciais, Heidrich (2001) afirma que:

A condição humana de estar no espaço pressupõe ter acesso a um lugar, relacionar-se, realizar a transformação e ter a consciência disto. Assim, se levarmos em consideração as mais amplas referências das integrações sociais, tais vínculos podem ser apreendidos, fundamentalmente, por meio de três expressões: apropriação, valorização e consciência (HEIDRICH, 2001 apud PEDROSO, 2007, p. 91).

Compreende-se que a microapropriação espacial conforma-se a partir dos vínculos afetivos e de afinidade entre os indivíduos, resultando numa lógica que transforma simples espaços, em lugares de convivência social, sendo estes demarcados por um sentimento de pertencimento e de identificação social. Tais vínculos espaciais podem ser percebidos pelas

diversas microterritorializações de convivência entre idosos presentes no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho.

Nessa perspectiva, na **indicação B** da figura 25, observa-se a reunião de idosos e homens de meia idade em um dos lados da praça, verifica-se que alguns indivíduos ficam sentados enquanto outros ficam em pé, observando o idoso que toca um instrumento musical (pandeiro). Salienta-se que essa prática social ocorria todas as manhãs tinha como propósito a venda de CDs, visto que estes ficavam expostos no chão. Nesse sentido, essa reunião representa uma forma distinta de interação social, conformada a partir da prática social realizada, produzindo, assim, um microterritório de convivência cotidiana no espaço. Vê-se uma dessas reuniões na figura 29.



Figura 29 - Reunião de idosos e homens de meia idade.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Na **indicação C** da figura 25, observa-se um grupo específico, composto de, pelo menos, dez indivíduos, os quais mantêm encontros cotidianos acerca de dois anos no espaço, sendo em sua maioria aposentados de diferentes áreas como: caminhoneiro, ferroviário, eletricitista, advogado, músico etc, além de alguns indivíduos desempregados, que utilizam o espaço para a prática de convívio social diariamente. Nota-se que o grupo compõe-se por indivíduos de diferentes camadas sociais. Desse modo, o referido grupo, o qual os próprios sujeitos salientam trata-se de uma “turma de amigos”, costuma encontrar-se, todas as

manhãs¹³ na praça para tomar chimarrão e “jogar conversa fora”, sendo que essa prática social torna-se um aspecto simbólico de identidade do grupo.

Maffesoli (2006, p. 59-61) afirma que essa forma de estar-junto, estabelecida pelas conversas jogadas fora, pela fala de assuntos banais provoca um “sair de si”, o qual expressa uma sensibilidade vivida em comum em situações tipicamente particulares e que decididamente necessitam de espaço, sendo que o espaço torna-se condição fundamental para que essas reuniões sejam possíveis. Esse aspecto pode ser percebido na seguinte fala: “*Me sinto bem aqui na praça, inclusive quando a gente não vem, acho falta da turma, venho aqui para aliviar minha cabeça é um descanso, um ‘relax’ aqui na praça*” (Idoso 5).

Nota-se ainda, durante as observações, que os indivíduos desse grupo apropriam-se de um banco e de parte significativa do espaço em volta dele, pois, alguns idosos ficavam sentados enquanto outros ficavam em pé. Verifica-se que essa disposição, além de demonstrar certa marcação territorial, configura-se como uma fronteira de convivência definida pelos aspectos simbólicos expressos nas relações sociais, traçando limites de diferença entre o grupo (*insiders*) e os outros (*outsiders*) indivíduos estabelecidos no espaço (SOUZA, 2001, p. 86).

Com relação às conversas, observa-se que todos os idosos do grupo expressavam suas ideias e opiniões sobre determinado assunto e eram devidamente ouvidos pelos colegas, que, durante esse processo relacional, também observavam os eventos que estavam acontecendo no espaço e no entorno.

Essa face, pela qual o espaço de convivência constrói-se, remete à ideia de socialidade, que, de acordo com Maffesoli (2006), condiz como uma “forma lúdica de socialização”, onde o fazer-se cotidiano das trocas sociais ocorrem sem um propósito específico, conformando-se a partir das motivações subjetivas dos sujeitos. Nesse sentido, Maffesoli afirma que:

O lúdico é aquilo que nada tem a ver com finalidade, utilidade, ‘praticidade’, ou com o que se costuma chamar de ‘realidade’. É ao invés, aquilo que estiliza a existência, que faz ressaltar as características essenciais desta. Assim, [...] o estar-junto é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma *cultura* sua força e solidez específica (MAFFESOLI, 2006, p. 141).

¹³ Deve-se mencionar que um dos integrantes do grupo é frequentador assíduo de outro território de sociabilidade entre idosos no espaço urbano da cidade. Assim, frequentemente pelas manhãs, está na praça engendrando formas de sociabilidades com a respectiva “turma de amigos”, sendo que, à tarde, desloca-se para um café, localizado na Galeria Chami, tradicional ponto comercial no Calçadão, local que concentra lojas, cafés e lanchonetes e que visivelmente reúne grande público de idosos que em meio às conversas, tomam café e fumam. Em nossas várias inserções ao centro da cidade para o trabalho de campo, observamos este idoso frequentando esses diferentes espaços sociais.

Com efeito, para Maffesoli (2006), esse estar-junto, como um dado social, “caracteriza a comunidade orgânica”, demonstrando a dimensão afetiva e sensível das relações sociais, uma vez apreendido pode dar sentido aos diversos agrupamentos e suas múltiplas microterritorializações no espaço urbano.

Verifica-se, no âmbito das trocas comunicacionais, que as conversas estavam voltadas para a simples comunicação entre os idosos, pois, não tinha a finalidade de originar o debate, pelo contrário, nota-se que assuntos polêmicos (política, religião e futebol) eram evitados. Porém, se algum tema conflitante fosse mencionado, logo se dissipava em meio a pouca importância dada pelos indivíduos do grupo. Evidencia-se esse aspecto na seguinte fala:

Três coisas que não se faz nessa roda de amigos, falar de política, religião e de futebol, quando se fala é superficial respeitando a opinião do outro. A amizade e a convivência salutar isso a gente preserva. Pois, problemas todos nós temos, então a gente deixa os problemas de lado e tira um tempo pra trocar ideias e bater papo, dar risada, falar bobagens. (Idoso 3).

Nessa perspectiva analisada, nota-se a prevalência do grupo sobre o indivíduo, visto que é a dinâmica do todo que prevalece no processo de interação, conformando formas específicas de apropriação do espaço. Conforme Maffesoli (2006, p.118), “nesses momentos cria-se uma ‘alma coletiva’, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam”. Assim sendo, o que prevalece é um nós, ou seja, o grupo, em que “cada membro do grupo, conscientemente ou não, se esforça, sobretudo, para servir ao interesse do grupo em vez de simplesmente, procurar refúgio nele”, dessa maneira, aceita um dado social como forma de manter determinada identificação.

Percebe-se que, durante a entrevista com um dos idosos, os outros indivíduos do grupo colocavam-se nos papéis de ouvintes/interlocutores, intervindo, na medida em que haviam aspectos relacionados ao grupo, seja confirmando as informações dadas pelo colega¹⁴, ou acrescentando outros elementos referentes à dinâmica, às situações e eventos percebidos e realizados no espaço. Esse sentido pressupõe uma consciência coletiva sobre os aspectos simbólicos e identitários que permite o aspecto coeso e de manutenção desses encontros cotidianos, o qual representa uma forma social de convivência e partilhamento de um espaço vivido em comum.

¹⁴ Salienta-se que, além das intervenções dos integrantes do grupo durante a entrevista, alguns deles saíam para outras partes do centro e logo retornavam.

Nesse contexto, percebe-se que os aspectos simbólicos que estabelecem as fronteiras de convivência implicam a não aceitação de comportamentos diferentes do grupo, diante disso, os indivíduos que não se identificam com tais regras ou códigos são excluídos. Esse aspecto é indicado a seguir:

Cada um que chega é bem vindo, mas também tem um segredo, se o cara chegar aqui com ar de malandragem ou coisa e tal, já não permanece [...], pois simplesmente ele não se sente a vontade, a pessoa percebe que não é o ambiente dela, não que a gente seja melhor do que os outros, mas [...]. (Idoso 3).

Percebe-se, desse modo, que o território de sociabilidade do grupo configura-se por permitir a inserção de outros indivíduos, porém há estratégias de manutenção das fronteiras simbólicas estabelecidas, as quais se expressam por formas bastante sutis de tentar excluir o “estrangeiro”. Maffesoli (2006, p. 226) lembra que as “tribos urbanas”, ou qualquer outro tipo de agregação humana contemporânea, privilegiam o “mecanismo de pertença”, ou seja, “a integração ou a rejeição dependem do grau do *feeling* experimentado, ou pelos membros do grupo ou pelo postulante”. Assim, o autor observa que:

[...] esse sentimento será confirmado ou negado pela aceitação ou pela rejeição de diversos rituais iniciáticos. [...] eles tomam um lugar cada vez mais importante na vida cotidiana. Existem rituais mais ou menos imperceptíveis que permitem **sentir-se a vontade, ‘ser um frequentador’** de um bar ou uma boate (**ou de uma praça**). [...] Da mesma forma para ser bem servido pelos comerciantes do bairro, ou para passear em tal e tal rua específica [...] (MAFFESOLI, 2006, p. 226, grifo nosso, além das considerações em parênteses).

Noutra perspectiva analisada, constatou-se que os idosos estabelecem conexões entre passado e presente, apresentando as diferentes feições e características dos territórios de sociabilidades, onde realizavam e realizam suas práticas sociais no centro da cidade. Observa-se que o passado é evocado constantemente na dinâmica das conversas, expressando vínculos de pertencimento materiais e simbólicos no que se refere ao espaço da praça. Nesse sentido, as práticas sociais realizadas são sempre lembradas e constituem fonte inesgotável para muitas narrativas, por exemplo: “*tomar sorvete*”, “*passear com os pais e avós*” quando crianças; para “*namorar e paquerar*” quando adolescentes e, sobretudo, ligados aos aspectos “*trabalhistas*”: as firmas¹⁵ que trabalhavam, suas localizações e devidos motivos de seu fechamento ou mudanças de endereço na cidade.

¹⁵ Como eram denominadas as empresas, estabelecimentos comerciais ou qualquer tipo de negócio.

Nesse sentido, a “memória é sempre uma reconstrução [...] seletiva do passado, de um indivíduo inserido num contexto social”, desse modo, “a memória é, por definição, coletiva”, com a qualidade de “garantir a continuidade do tempo e permitir a alteridade, ao tempo que muda as rupturas que são o destino de troca humana”, constituindo o “elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (TEDESCO, 2001, p. 59-60)

Para Barros (1989, apud NUNES, 2010, p. 153), “as noções de tempo e espaço, enquanto estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado, na medida em que as (localizações espaciais e temporais da lembrança são a essência da memória)”. Assim, verifica-se que a Praça Saldanha Marinho, além de configurar-se como território de sociabilidades para os idosos, conforma-se como lugar de memória significativa pelas diferentes representações do passado ali situadas, por exemplo: as estátuas que geralmente designam alguma personalidade ilustre da cidade e os diversos prédios antigos localizados no seu entorno. Esses aspectos denotam, principalmente, aos idosos naturais da cidade um sentimento de pertencimento ao lugar e que irremediavelmente se estende à cidade. Esse sentido pode ser notado na narrativa de uma idosa:

Sempre frequentei a praça, desde pequeninha, sou de Santa Maria né, tem muita gente boa aqui, agora mesmo trouxe meu neto que veio de Florianópolis para passar uns dias aqui comigo. Ele adorou o chafariz, minha filha queria que eu fosse morar lá em Florianópolis com ela, eu disse pra ela, vou fico uns dias e volto gosto muito da minha cidade e da minha casa. (Idosa 4)

Nunes (2010, p. 88), destacando Eckert e Rocha (2005), afirma que “a compreensão do fenômeno da memória e dos processos da identidade social” só podem ser apreendidos através do “estudo do cotidiano e das formas de sociabilidades nele engendradas”.

Convém destacar Maffesoli (2006) que, ao privilegiar uma “epistemologia do cotidiano”, orientada a partir de uma “sociologia compreensiva”, sugere que as relações sociais sejam apreendidas pelas formas de interações sociais construídas, experimentadas e encontradas no cotidiano. Desse modo, para o autor, uma produção do conhecimento que deseja representar de forma fiel os fenômenos sociais contemporâneos deve apreender essas formas sociais. Assim, para Nunes (2010):

[...] a memória, enquanto o espaço onde ocorre uma 'fantástica transcendental' é o reservatório dinâmico de símbolos e imagens, é o fenômeno que permite através dos 'jogos da memória' dos atores sociais em seus itinerários urbanos e na trama de suas relações cotidianas, a (re) construção de suas identidades sociais, dos seus pertencimentos e da duração no tempo social (NUNES, 2010, p. 88).

Noutra percepção, alguns idosos territorializam a praça a partir da perspectiva de um estar - junto à toa. Nesse sentido, para Maffesoli (2006 p. 141), o estar-junto à toa corresponde a uma “forma societal” que estrutura uma coexistência social entre os indivíduos, a qual, para o autor, remete à “forma pura” de compartilhamento da vida cotidiana. Essa ideia pode ser verificada na figura 30.

No entanto, o autor afirma que essa forma espontânea de compartilhar diferentes aspectos da vida cotidiana pode se “artificializar”, produzindo “obras políticas, econômicas e artísticas”, mas que sempre, que necessário, pode retornar a “forma pura” as quais lhes deu origem ou “não”, ou seja, pode originar outras formas sociais com o mesmo valor.



Figura 30 - Casal de idoso sentado em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho. A praça como espaço de estar - junto à toa.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

5.1.1.1 Localizando outras microterritorializações de convivência entre idosos no espaço urbano de Santa Maria

Diante das observações realizadas, verificou-se que alguns idosos em determinados momentos deslocavam-se para outros espaços do centro, todavia, passados alguns minutos, retornavam para a praça, onde, de preferência, estabeleciam-se no mesmo banco, interagindo

novamente com o mesmo grupo, no qual estava conformando práticas sociais vinculadas à conversação. Após presenciar diversas vezes esses deslocamentos dos idosos no espaço urbano da cidade, procurou-se observar os espaços que mais agregavam grupos de idosos.

Nesse sentido, constatou-se conforme a **indicação D** da figura 25 que os espaços das imediações da praça, como o viaduto Evandro Behr e o Calçadão configuravam-se pela presença de diversas microterritorializações de convivência entre idosos, pois, não raro, verificou-se que alguns idosos frequentadores da Praça Saldanha Marinho também frequentavam esses espaços, onde conformavam diferentes tipos de interações, pois se encontravam diante de novas configurações espaciais.

Nunes (2010), em seu estudo, afirma que os idosos, ao engendram esses deslocamentos de itinerários para pontos específicos no espaço urbano da cidade de Santa Maria, contribuem para o surgimento de novas formas de interações social, observável na dinâmica das conversas, na disposição dos indivíduos e dos aspectos simbólicos envolvidos, o que confere a cada território uma forma específica.

Desse modo, Costa (2007, p. 113) afirma que “o território é que localiza que identifica e que estabelece os limites de interação” entre os indivíduos que dele fazem parte, criando assim “um campo de interações humanas singulares”, orientadas por experiências, estilos e modos de vida que, em identificação, conduzem a uma convivência afetiva, marcada pelo sentimento de pertencimento dos indivíduos em relação a determinado grupo.

Com relação aos espaços microterritorializados por grupos de idosos, observa-se que durante uma entrevista daquelas realizadas, um dos idosos que estava conversando com o idoso (Idoso 3) entrevistado, menciona que iria dar uma volta e logo retornava. Terminada a entrevista, procurou-se localizar o idoso a fim de verificar em qual espaço das imediações da praça, conformava novas interações, assim, constata-se que este estava sentado do outro lado da praça, interagindo com um grupo formado de idosos e homens de meia idade, alguns deles estavam sentados, enquanto os outros em pé.

Nota-se que esse lugar situa-se na extremidade do Calçadão, bem ao lado das Farmácias Panvel, próximo ao viaduto Evandro Behr, que o une a Praça Saldanha Marinho. Compreende um espaço que possui sete bancos, distribuídos da seguinte forma: dois blocos de dois bancos localizados nas extremidades do espaço e um bloco de três bancos situados no centro, sendo que cada bloco está espacialmente separado por uma saliência de grade de proteção. Essa condição espacial de localização desse equipamento urbano permite aos indivíduos estabelecerem-se para a realização de práticas sociais vinculadas ao convívio social.

Desse mesmo modo, ao longo do Calçadão Isaia, novas configurações espaciais são observáveis, especialmente aqueles localizados em frente aos cafés, galerias e lanchonetes, o que sugere diferentes microterritorializações de idosos. Esse aspecto pode ser verificado nas seguintes falas:

Quase sempre venho cedo, hoje que eu vim mais tarde, mas normalmente venho cedo pra cá, e a partir das nove, a gente se encontra por aqui. [...] Olha eu a partir desse momento, aí pelas onze que eu saio daqui não venho mais pra cá, fico mais lá em baixo no Café (localizado na Galeria Chami) em frente ao Shopping Santa Maria. Esse grupo aqui de vez em quando passa por ali, mas não costuma ficar por lá. (nesse momento o amigo interfere e diz: o nosso ponto de encontro é aqui na praça) (Idoso 5).

Eu ando por todo o centro aqui, vou às lancherias, nos restaurantes, vou a tudo quanto lugar. Agora daqui a pouquinho mesmo estou me deslocando para o restaurante Guria que tem aqui na Avenida (Avenida Rio Branco), mais tarde um pouquinho. [...] caminho por todo o centro né, gosto de estar olhando os lugares, caminhando, conversando com os amigos e amigas (Idoso 7).

Nesse contexto, pode-se afirmar que os idosos frequentadores da Praça Saldanha Marinho, ao se territorializarem em outros espaços no centro da cidade, engendram processos distintos de interações, conformando múltiplas formas de sociabilidades a partir das identificações simbólicas e dos vínculos de afinidade diante dos contextos sociais e espaciais em que estão inseridos.

Assim sendo, os idosos, ao movimentarem-se entre esses diferentes lugares (palcos) na cidade, tendem a desempenhar novas estruturas relacionais, entrando em acordo com a nova agregação, devendo apresentar, de forma clara, as marcas estéticas e simbólicas que lhe identifica para com o grupo que pretende interagir. Desse modo, a partir dessa socialidade eletiva, ou seja, essa escolha realizada a partir de uma lógica da identificação entre os indivíduos conforma-se um compartilhamento das emoções e dos sentimentos, resultando num estar-junto em comum, vindo a suscitar a maioria dos espaços de convivência.

Se, por um lado, os idosos realizam deslocamentos cotidianos entre um espaço e outro no espaço urbano da cidade de Santa Maria, por outro, verificou-se a existência uma “mobilidade sazonal”, o que significa que suas práticas cotidianas estão diretamente ligadas às condições climáticas. Desse modo, no verão, preferem realizar suas práticas sociais na praça, enquanto, no inverno, se estabelecem cotidianamente no Calçadão Isaia, essa perspectiva pode ser verificada na seguinte fala:

Gosto muito das árvores e do ambiente aqui (na praça) no verão, pois no inverno vou para o Calçadão, agora tem muito sol e a gente fica aqui (na praça) sentado na sombra. Então no verão fico aqui na praça, pois tem bastante sombra e no inverno fico lá no Calçadão tem sol e espaço (Idosa 4).

Percebe-se, na fala da idosa, uma preferência sazonal por esses diferentes espaços localizados no espaço urbano da cidade, os quais estão bem próximos e que a idosa frequenta em tempos distintos do ano. Diante disso, pode-se afirmar que, no verão, a praça é considerada como o melhor espaço para estar, devido à grande quantidade de sombra provocada pela presença de muitas árvores, nos dias quentes no verão, o que, para a idosa, acaba por ser uma motivação a mais para apropriar-se desse espaço.

Porém, no inverno, o Calçadão Isaia conforma-se como o espaço preferido para o banho de sol cotidiano, ao tematizar isso, a idosa argumenta que outras pessoas idosas também costumam agir dessa forma, deslocando-se para esses diferentes espaços, conforme os períodos do ano. Esse deslocamento de territorialidades entre os idosos também foi salientado por Nunes (2010), o qual afirma que:

[...] a itinerância dos aposentados do *Recanto*¹⁶ entre outros espaços no Centro da cidade a fim de (re) configurar as suas formas de sociabilidade, pode ser traçada da seguinte forma: no verão, ficam na praça, que por ser arborizada, torna-se um espaço '*mais fresquinho*'; no inverno, entretanto, deslocam-se até o calçadão ou viaduto, cuja presença do sol torna esses locais mais '*quentinhos*' (NUNES, 2010, p. 99).

Nesse sentido, o espaço urbano de Santa Maria configura-se por apresentar múltiplas microterritorializações de convivência entre idosos, os quais, ao realizarem certos deslocamentos no centro da cidade, acabam apropriando-se de diversos lugares, expressando diferentes práticas sociais e formas relacionais que visam, principalmente, à convivência social.

5.1.2 Praça Saldanha Marinho: espaço de lazer e diversão

Percebeu-se, durante as observações realizadas, que no período entre o meio-dia para a tarde, que o espaço configura-se como ponto de encontro de adolescentes e jovens, que,

¹⁶ A autora denomina de *Recantos dos Velhos*, o espaço da Praça Saldanha Marinho onde se localizam os territórios de sociabilidade dos idosos na faixa etária dos 70-75 anos de idade (NUNES, 2010, p. 77).

geralmente, em grupos territorializam grande parte do espaço, engendrando múltiplas formas de sociabilidades, distintas das dos idosos, que ocupam o mesmo espaço no período da manhã, conforme representado na **indicação A** da figura 25.

Diante dessa constatação, passou-se a lançar as seguintes questões: Quem são esses jovens? De que bairro são provenientes? Qual a camada social que pertencem? Como e quando utilizam o espaço da praça? E quais as formas de sociabilidades engendradas? Com relação aos entrevistados jovens, tem-se no Apêndice E o perfil dos mesmos.

Verifica-se que a presença significativa de jovens no espaço urbano deve-se muito as características funcionais que a cidade de Santa Maria exerce para a região. Assim, destaca-se, inicialmente, por constituir um polo educacional, por acolher em seu território diversas instituições de ensino superior, dentre elas, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a primeira universidade federal do interior do Rio Grande do Sul, construída na década de 1960. Além disso, há várias instituições privadas como a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Universidade Franciscana (UNIFRA), Faculdade Metodista (FAMES), Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA) dentre outras. Salienta-se ainda a existência de dezenas de escolas (públicas e privadas) de ensino fundamental e médio, cursinhos pré-vestibulares e cursos profissionalizantes, o que lhe confere as seguintes designações: “cidade universitária” e “cidade cultura”, em referência ao grande número de instituições ligadas ao ensino presentes.

Por fim, por abrigar inúmeras bases do exército, inclusive uma base da aeronáutica, resquícios de um longo período de investimentos do poder público federal no município, o qual se deve a sua privilegiada localização geográfica central, utilizada como principal estratégia na defesa do território nacional, o que trás conseqüências quanto ao enorme contingente de jovens vindos de outros municípios para prestar serviços militares.

Tendo em vista os aspectos mencionados, verifica-se, no espaço urbano da cidade, a presença significativa de jovens estudantes do ensino básico (fundamental e médio), estudantes universitários e jovens militares, os quais circulam para diferentes partes do centro, microterritorializando diversos espaços como o Calçadão Isaia, os shoppings centers, as praças, os parques e, especialmente, a Praça Saldanha Marinho, espaços que são considerados, pela maioria deles, lugares de lazer e entretenimento, conforme mostra a figura 31.



Figura 31 - Grupo de estudantes microterritorializados no espaço da praça, espaço que no período da manhã é territorializado por grupos de idosos.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Observa-se que esses jovens são provenientes de diferentes bairros da cidade como de outros municípios, dentre os jovens que não são naturais da cidade de Santa Maria, verificou-se que a maioria deixou suas cidades em busca por oportunidades de ensino, além da obrigatoriedade do serviço militar. Salienta-se que alguns, sendo ainda moradores de municípios vizinhos, realizam deslocamentos diários para a cidade, a fim de realizar seus afazeres cotidianos, ou seja, vêm estudar ou realizar algum curso na cidade.

Nota-se que os jovens entrevistados são oriundos das classes médias e baixas, sendo que se constatou que os jovens estudantes que realizam suas atividades de ensino nas escolas localizadas no centro da cidade são pertencentes em sua maioria à classe média, enquanto os que estudam, nos diferentes bairros da cidade são, em sua maioria, da classe baixa.

Nesse contexto, conforme a **indicação E** da figura 25, observam-se grupos de estudantes, que logo após o período de aulas, nas escolas ou nos cursinhos pré-vestibulares localizados no centro da cidade, dirigem-se para a praça, desse modo, microterritorializam-se em diferentes pontos da praça, engendrando diferentes formas de interações sociais. Esse aspecto pode ser observado na figura 32.



Figura 32 - Grupo de jovens estudantes de cursinho pré-vestibular, após o período de aula, territorializam parte do espaço da praça.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Considerando que a praça sofre alterações espaciais ao longo do dia e nos diferentes dias da semana, verifica-se que, nos finais de semana, especialmente nos sábados, a configuração espacial do espaço urbano da cidade altera-se significativamente, pois não são mais os estudantes que se apropriam dos diferentes espaços públicos localizados no centro, como a Praça Saldanha Marinho, ao realizar seus itinerários cotidianos aos estabelecimentos de ensino, mas, sobretudo, grupos de jovens com o tempo livre buscam realizar práticas de lazer e convívio social entre jovens, implicando, assim, múltiplas microterritorializações urbanas.

Nesse sentido, as microterritorializações estabelecidas pelos jovens, no centro da cidade, conformam-se a partir de diferentes modos de usos e apropriações dos espaços urbanos, assim como distintas formas de sociabilidades e práticas sociais realizadas pelos grupos de jovens. De acordo com Turra Neto (2008, p. 406), o estudo da sociabilidade entre jovens deve considerar que existem características que são inerentes à condição juvenil, nesse sentido, afirma que “agrupar-se, construir redes de amigos, movimentar-se pela cidade em grupos, valorizar o lazer e o tempo livre” são marcas sociais que permite diferenciá-los dos demais grupos etários. Esse aspecto mencionado pode ser verificado na seguinte fala:

O nosso grupo que vem de lá de Itaára, é formado de uns 5, 6 alguns são meus vizinhos e outros são amigos daqui mesmo, da escola. A gente gosta de vir aos sábados, a gente fica aqui (na praça) curtindo um tempo. É canal aqui na praça, uma vez a gente começou a fazer brincadeiras eu e meus amigos, as pessoas que passava olhava, a gente ficava falando alto, contando piada e começava a dar risada bem alta, coisa assim. A gente não se mete com outros grupos, de repente a gente conversa se não, a gente fica aqui na nossa. (Jovem 1).

A fala do estudante demonstra que a praça apresenta-se como ponto de encontro dos jovens, que, ao reunirem-se em grupo, engendram práticas, estilos e comportamentos tipicamente juvenis, ou seja, sentam no encosto dos bancos, falam alto, dão risadas e realizam brincadeiras com os amigos. Observa-se que essas formas de expressão dos grupos ao se territorializarem, principalmente, nos espaços públicos como praças, parques, shoppings centres etc., têm como propósito criar formas agradáveis de excitação, as quais permitem uma fuga temporária da rotina cotidiana de estudos e obrigações sociais diversas.

Turra Neto (2008, p.123) explica que os jovens, ao vivenciar múltiplas realidades no espaço urbano, realizam uma “experimentação social [...], podem articular diversão genuína com contestação social” com relação à ordem social estabelecida pela sociedade, ou seja, a moda, as atitudes e diversas outras práticas podem e são vieses para a grande parte dos jovens “de uma expressão juvenil de embate com os valores instituídos”.

Para Brenner (2004), ao referir-se às práticas de lazer criadas e as atividades realizadas em grupos compostos por jovens, afirma que constituem formas descompromissadas de integração social, onde eles, inseridos em diferentes espaços, longe da esfera dominada pelos adultos (casa e escola), espaços instituídos, podem elaborar subjetividades individuais e coletivas, passando a construir suas próprias normas e expressões culturais, ritos e simbologias. Assim, a convivência em grupos remete a ideia de Maffesoli (2006) sobre “tribos urbanas”, a qual se caracteriza por constituir uma agregação de pessoas de cunho emocional, onde, através dessa proximidade sensível, processa-se o compartilhamento dos sentimentos e do território, viés que permite um estar-junto em comum.

Nesse contexto, o espaço urbano apresenta-se fragmentado por vários tipos de agregações de convivência entre jovens, que, ao se microterritorializarem, tecem múltiplos contextos de interações sociais, acabando por particularizar pequenas partes do espaço, os quais se tornam microterritórios de convivências específicas. Assim sendo, o espaço urbano é produto de várias “diferenciações” relacionais, cuja forma pode ser observável pelos diferentes modos, comportamentos, estilos e práticas sociais desenvolvidas pelos agregados de convivência, produzindo múltiplas segregações espaciais (GOMES, 2002).

Observou-se a frequência de um número significativo de grupos de jovens negros vindos dos bairros localizados na periferia da cidade, os quais adentram o espaço urbano, concentrando-se principalmente na Praça Saldanha Marinho e mantendo uma conexão bastante grande com o Shopping Independência (**indicação seta verde**), figura 25. Assim, constatou-se que a maioria desses jovens é proveniente das classes populares, para os quais vivenciarem o espaço urbano não se vincula necessariamente ao consumo. Observe a figura 33.



Figura 33 - Grupo de jovens negros, territorializando o espaço da praça, sábado à tarde.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

Ainda verificou-se a presença de jovens militares **indicação F** da figura 25, que, nos horários de descanso do serviço militar, microterritorializam-se na Praça Saldanha Marinho, considerada, por eles, o principal espaço de lazer e convivência social localizado no centro da cidade. Observa-se que os jovens desse grupo formado por militares frequentam a praça em grupos pequenos, ou seja, no máximo quatro indivíduos sendo que, raras vezes, estão sozinhos. Nota-se que microterritorializam o espaço da praça principalmente nos finais de semana, ou seja, nos sábados à tarde.

A preferência dos grupos de jovens em frequentar a praça no período da tarde deve-se principalmente à configuração espacial adquirida pela frequência significativa de jovens nesse período, essa perspectiva foi evidenciada na maioria das entrevistadas realizadas, veja a

seguinte fala: “A gente gosta desse horário porque é movimentado, não gosto de vir de manhã, tem menos movimento, não tem movimento de jovens”. (Jovem 9).

Enfatiza-se que, para os jovens, esse movimento significativo de jovens, no período da tarde e nos finais de semana, representa, de um lado, maiores oportunidades de fazer amigos, ou seja, aumentar seu círculo de amizades, por outro, oferece múltiplas possibilidades de interações voltadas para prática de lazer e convívio social entre jovens no espaço urbano da cidade. Esse aspecto, relacionado ao intenso movimento de jovens, representa um fator de grande importância para a cultura juvenil e está presente em diversas falas. Observe as seguintes:

A praça é um lugar que eu gosto tipo, onde eu consigo fazer amigos, me divertir, tento trazer amigos pra cá pra se divertir aqui. Quanto mais amigos eu trago mais eu me divirto. Quando a gente chega e enxerga bastante movimento. Eu, já comento com ela (amiga que está junto), bá, vamos ficar aqui (na praça) tá legal hoje, tem bastante galera, quanto mais gente, a gente encontra, mais amigos. (Jovem 9).

A gente chega aqui, sentamos daí começamos a puxar papo com eles, pra fazer amizade, como hoje, nós somos só três (geralmente o grupo é formado por cinco amigas) é chato ficar só em três, daí a gente tenta bater um papo dar umas voltinhas aqui com eles (amigos que fazem na praça) e somos assim. (Jovem 11).

Fico alegre, feliz do lado das minhas amigas se divertindo. A praça é uma coisa boa, quando estou aqui sai as coisa ruim da cabeça, os problemas [...]. Minha mãe não me dá muita atenção, porque ela trabalha muito, então quando eu saio com minhas amigas pra vim pro centro, pra praça, parece que eu tô indo pra um lugar muito especial, alguma coisa sai de mim. Mas quando chego em casa.. (Jovem 6).

Percebe-se, nas falas acima, que o principal elemento que marca a microterritorialização dos grupos jovens refere-se justamente às fronteiras de convivências que são bastante permeáveis, visto que a mistura entre indivíduos/grupos caracteriza-se pela tolerância quanto à diferença estabelecida. Em tais contextos relacionais, a diferença é parcialmente absorvida no processo de interação social, pois a aceitação da diferença condiz com a necessidade de um experimentar - junto, diversos aspectos relacionados à imersão dos grupos no âmbito da apropriação dos espaços urbanos da cidade. Observe o seguinte fragmento dessas microterritorializações de jovens no espaço da Praça Saldanha Marinho, exposto na figura 34.

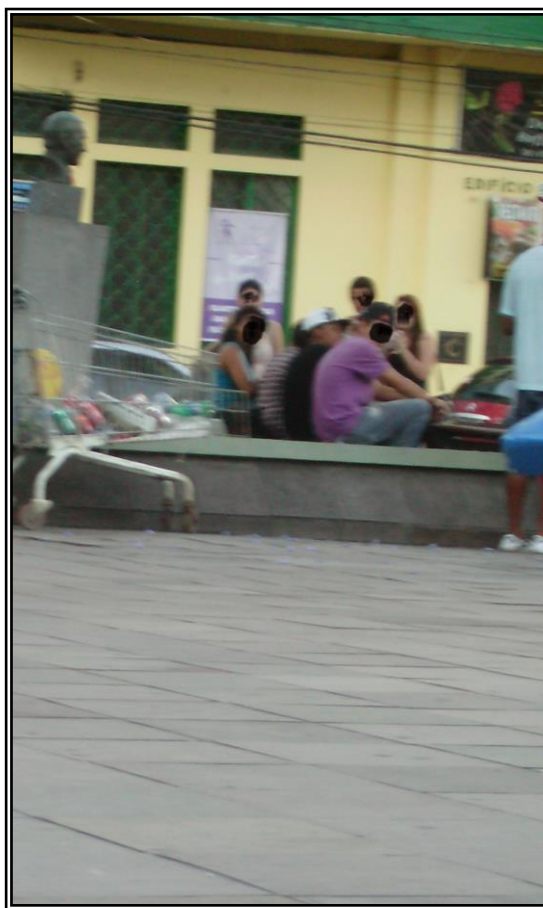


Figura 34 - Grupo de jovens sentados na beira de um canteiro na Praça Saldanha Marinho.
Fonte: Trabalho de campo 2013.

A praça constitui-se como ponto de encontro entre jovens, os quais microterritorializados conversam, trocam experiências, paqueram, namoram e “ficam”¹⁷ enquanto outros circulam para diferentes pontos do espaço, num ir e vir constante entre um grupo e outro. Sob a perspectiva do tribalismo maffesoliano, esse vai e vem entre um grupo e outro demonstra claramente o caráter efêmero e flutuante das agregações humanas, onde esse estar - junto caracteriza-se por dar importância ao presente, ou seja, o aqui e agora das interações sociais, no entanto, nos momentos que ocorrem são “objeto de um forte envolvimento emocional” dos indivíduos envolvidos (MAFFESOLI, 2006, p. 75).

Enfatiza-se que essa socialidade ocorra de forma eletiva, mediante escolha, partindo de processos de atração e repulsa entre os indivíduos, desenvolvendo-se a lógica da rede, onde a aproximação não está vinculada necessariamente à proximidade física, mas, sobretudo, pelas múltiplas identificações simbólicas e estéticas entre os indivíduos (TURRA NETO, 2008).

Nesse contexto, os processos atração/identificação produzem diferentes microterritorializações de agregados de convivência, que, ao estabelecer-se, acabam por segregar/singularizar determinado espaço por uma convivência específica, definindo

¹⁷ Namoro passageiro.

fronteiras de convivência entre eles, que, no caso dos grupos juvenis observados no espaço, é, em muitos casos, bastante permeáveis. No entanto, em determinados momentos, essas fronteiras podem fechar-se devido à diferenciação estabelecida entre os grupos envolvidos no processo de interação, originando múltiplas segregações espaciais na praça.

A seguir, reproduzem-se algumas falas, sobre as relações estabelecidas entre os grupos de jovens microterritorializados no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, a fim de evidenciar os processos de segregação espacial:

Às vezes, eu chego aqui tem umas minas se acham mais que a gente sabe, tipo patricinhas elas olham pra gente fazem pouco da gente sabe, elas olham dos pés a cabeça pra gente sabe [...] são cheias, sei lá querem ser mais que a gente. A gente bota um short (bermuda) curto, elas olham pra gente de um jeito estranho, começam a encarar a gente e cochichar da gente. (Jovem 9).

Nessa fala, observa-se que o tipo de roupa escolhida pelos integrantes desse grupo torna-se o principal elemento que o torna segregado, pois o uso de uma bermuda considerada muito curta provoca certo estranhamento por parte de alguns grupos de meninas microterritorializadas no espaço, visto que, de um lado, destoa do tipo de roupa utilizado pela maioria delas, que usa bermudas mais longas ou calças jeans.

Por outro lado, diante das entrevistas realizadas verificou-se que a escolha de algumas meninas pelo uso desse tipo de roupa expressa diferentes modos e comportamentos que não são bem vistos pelas demais meninas que compartilham o espaço da praça, pois, para elas, as meninas que dão preferência a este tipo de roupa têm como objetivo “se aparecer”, “chamar a atenção” das pessoas que passam pela praça e, principalmente, chamar a atenção dos meninos e dos jovens militares¹⁸. Essa perspectiva pode ser verificada na fala seguinte:

Há tem umas meninas que andam de mini-shorts¹⁹, a gente do nosso grupo não se relaciona com elas, elas chamam muita atenção dos gurus. Ah não sei dizer mais, é isso. (Jovem 16)

¹⁸ Verifica-se, em várias observações, certo envolvimento entre jovens estudantes (garotas) com jovens militares. Observa-se que os encontros processam-se, ora através de um amigo em comum que se comunica com ambos os indivíduos, o qual já conhece e convive com estes indivíduos em outros lugares e marca para encontrarem-se no lugar, ora se estabelece pelo encontro casual durante as inserções realizadas ao centro. Nesses encontros, observa-se que os indivíduos ficam sentados nos bancos disponíveis, conversam, trocam algumas palavras para, enfim, iniciarem algum tipo de namoro, tudo sobre os olhares atentos do grupo que ligeiramente se afasta, mas fica a observar.

¹⁹ Bermuda muito curta.

A presença dessa forma estética representada pelo tipo de roupa provoca certa repulsa por parte de outros grupos territorializados na praça, acabando por definir fronteiras de convivências entre os grupos devido ao estranhamento que é de ambos os lados, visto que o grupo em questão, ao perceber os olhares e cochichos, marcações de diferença e rejeição, acaba por segregar-se.

Observa-se que a roupa representa para as tribos urbanas/grupos de jovens um elo entre os integrantes do grupo, que, ao escolher e organizar essas formas estéticas acaba por expressar uma identidade própria e única, demonstrando, assim, um estilo, ou seja, uma forma de interação singular. Para Maffesoli (1995), o estilo corresponde a uma forma de estar - junto em comum, onde a tribo/agregação/grupos de pessoas tende a compartilhar várias identificações subjetivas: de sentir, de vestir, de ver, de entusiasmar-se, de identificar-se com tal e tal lugar. Esse aspecto pode ser verificado na fala abaixo:

Tem grupo que fica olhando dos pés a cabeça, ficam encarando largando piadinha: olha aquela guria, olha só o estilo dela e tal. Pra uns a gente é diferente, só porque a gente é de bairro, ficam olhando como se a gente fizesse algo muito estranho. (Jovem 11).

Percebe-se, nessa fala, mais uma vez, que a forma de olhar é o principal instrumento utilizado pelos grupos para expressar o estranhamento com relação aqueles com quem não se identificam esteticamente. Outro fator de estranhamento exposto remete à condição de classe social, assim sendo, constatou-se que os grupos de jovens provenientes da periferia tendem a integrar-se mais facialmente, pois, além de compartilhar o mesmo espaço, compartilham formas estéticas semelhantes que produzem identificações, conformando múltiplas formas de interações sociais. Assim, observa-se que esse estranhamento advém da forma estética apresentada pelos integrantes do grupo, através das roupas usadas, visivelmente mais simples, dos comportamentos e formas de falar e expressar-se que remetem a uma cultura da periferia. Esse sentido foi salientado na seguinte fala:

Tem grupo que fica encarando. O nosso grupo é bem legal sabe. [...]. Eu acho que eles aprendem coisas que não é pra aprender. Tem grupos que gostam de fazer bagunça acho que são da Vila Oliveira e do Sem-teto (Bairro Nova Santa Marta). A gente fica numa boa aqui no nosso canto. O nosso grupo é quieto, fechado, a gente vem curtir, tomar chimarrão. Eu me sinto bem aqui (na praça) com meus amigos a gente conversa, ri, a gente sai de casa pra vir pra um lugar diferente. (Jovem 5).

Nessa fala, verifica-se que essa microterritorialização caracteriza-se por uma convivência bastante coesa entre os indivíduos do grupo, que, ao identificarem-se, reúnem-se

para conversar, tomar chimarrão e passar momentos agradáveis. O espaço da praça coloca-se como lugar de encontro e lazer dos participantes dessa reunião de amigos, que, ao se territorializarem, realizam práticas sociais de compartilhamento de sentimentos e do espaço, características que singularizam uma pequena parte do espaço. Assim, essa microterritorialização, que se forma, define fronteiras de convivências bastante fechadas diante daqueles que se diferenciam das relações estabelecidas pelo grupo.

Constatou-se, nesse contexto, que a Praça Saldanha Marinho conforma-se por uma grande territorialização de convivência jovem, que diante de processos de identificação e formação de alteridades vão, aos poucos, segregando/singularizando pequenas partes do espaço, formando múltiplas microterritorializações. O espaço da praça apresenta-se, assim, fragmentado por diversos lugares, cada qual expressando diferentes formas estéticas e de interações de convivência entre jovens.

Com relação às microterritorializações juvenis, identificadas na praça verificou-se em grande medida que os grupos de jovens realizam movimentos constantes em direção ao Shopping Independência, onde executam outras práticas, entre elas caminhar em meio aos estantes, maneira encontrada por eles para passar o tempo e vivenciar outros espaços em grupo.

Nesse sentido, observou-se, muitas vezes, que os jovens deslocam-se para o shopping para comprar refrigerantes, salgadinhos ou doces e retornam para a praça, onde se estabeleciam em um dos bancos disponíveis para consumir os alimentos comprados. Durante esse processo, constatou-se que os jovens, enquanto saboreiam os petiscos, conversavam, dão risada, divertiam-se, enquanto outros ainda circulavam pelo espaço, realizando microterritorializações e diferentes pontos da praça.

5.1.2.1 O circuito jovem na cidade de Santa Maria: a Praça Saldanha Marinho - o nó da rede

Perante as entrevistas realizadas, constatou-se que todos os grupos de jovens que microterritorializam a Praça Saldanha Marinho, logo após processadas algumas interações de convívio neste lugar, deslocam-se para outros espaços conformando diversas microapropriações, estabelecendo, assim, novas formas relacionais, usos e práticas sociais no espaço urbano da cidade de Santa Maria.

Nesse sentido, para Magnani (1996), os jovens, ao circularem entre vários espaços na cidade, realizam escolhas entre as várias alternativas possíveis e decidem por aquelas (aqueles espaços) que melhor expressam suas motivações, interesses e intencionalidades, ou seja, trata-se de espaços que apresentam diferentes formas de uso e apropriação, constituindo ponto de encontro, de lazer, de convívio entre grupos específicos e práticas sociais diversas. Assim, a cidade não é um aglomerado de pontos (espaços), desconexões, e sim um conjunto de pontos (espaços) conectados entre si, dando a ideia de circuito estabelecido pelo uso, pela frequência ou pelas práticas desenvolvidas pelos indivíduos ou grupos em seu cotidiano. (MAGNANI, 1996; SOUZA, 2001). Nesse sentido, Magnani (1996) afirma que:

[...] a noção de circuito, que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porem não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: circuito gay, circuito dos cines de arte, circuito esotérico, dos salões de dança e shows black, circuito do povo-de-santo, dos aquários, brechós, clubes e outros (MAGNANI, 1996, p. 31).

A ideia que se expressa aqui concatena com a noção de territórios descontínuos de Souza (2001) caracterizados por não apresentarem uma contiguidade espacial entre os espaços - pontos ou nós, onde os quais são conectados entre si pelos fluxos de pessoas, informações, ou qualquer outro dado, lazer, diversão, encontros, contatos, ou seja, algo que possa ser reconhecido pelas pessoas permitindo a conexão. Assim, esse território descontínuo, formado por diversos espaços articulados entre si através do movimento de seus frequentadores ou usuários, acaba por formar um território – rede, remetendo à ideia de circuito.

Nesse contexto, percebeu-se que os grupos de jovens, ao territorializarem-se em diferentes espaços, estabelecem, entre esses diferentes espaços, pontos de conexões na cidade, cuja articulação entre eles caracteriza a formação de um circuito, onde uma rede de lugares (pontos de encontro, de diversão, de consumo e de sociabilidades entre jovens) é acessada conforme as necessidades dos grupos em operá-las formando, assim, um território-rede (HAESBAERT, 2004).

Nessa perspectiva, para usar as ideias de Massey (2008), a cidade como produto de inter-relações constitui-se a partir da articulação entre lugares, cujas conexões e desconexões contínuas possibilitam o encontro de trajetórias múltiplas, as quais irão produzir uma infinidade de microterritorializações urbanas, conforme as formas relacionais estabelecidas pelos diferentes grupos de pessoas.

Assim, os jovens, ao deslocarem-se para o centro da cidade, elegem a Praça Saldanha Marinha como ponto de encontro do grupo, constituindo o principal ponto da conexão produzida pelos grupos entre a rede de lugares que microterritorializam no espaço urbano da cidade. Observa-se que a Praça Saldanha Marinho, além de permitir o encontro entre os jovens, determina os outros lugares a serem microterritorializados pelos grupos, a partir das interações estabelecidas neste lugar específico. Tais microterritorializações realizam determinados movimentos entre diferentes lugares, aspecto que fica evidenciado nas seguintes falas:

A gente (o grupo) chega aqui começa a conversar e daí resolve dar umas voltas. Vai ali ao **Itambé**, onde a gente fica meia horinha e volta pra **Praça** (Saldanha Marinho), [...] isso depende se tem um grupo bom a gente fica mais um pouco. Vai ao shopping (**Shopping Santa Maria**) e volta. Toda à hora a gente vai lá e volta descansa um pouco e vai aos camelôs (**Shopping Independência**), às vezes a gente desce até lá no **Royal (Shopping Royal)** e assim passa à tarde. (Jovem 9, grifo do autor).

Eu chamo meus amigos pra gente vir dar uma banda no centro. A gente passa no **Calçadão** e vem pra **Praça** (Saldanha Marinho) onde a gente se encontra com o resto da gurizada (grupo composto de aproximadamente de vinte indivíduos). A gente fica aqui um pouco e desce lá pro **Itambé**, lá a gente fica um pouco e volta aqui pra praça se tiver bom o movimento de gurias a gente fica aqui. A gente ainda vai à **Praça do Brama e dos Bombeiros**, ah eu venho muito pro centro e conheço muita gente que frequentam esses espaços também. (Jovem 1, grifo do autor).

A partir das falas acima e das informações coletadas foi elaborado o croqui “A territorialidade do Circuito Jovem em Santa Maria/RS: Praça Saldanha Marinho o nó da rede” (**figura 35**), onde se procurou localizar os espaços microterritorializados pelos grupos de jovens no espaço urbano de Santa Maria. Além disso, buscou-se apresentar esses diferentes espaços e as práticas de lazer e entretenimento realizados pelos grupos ao microterritorializarem nesses espaços.

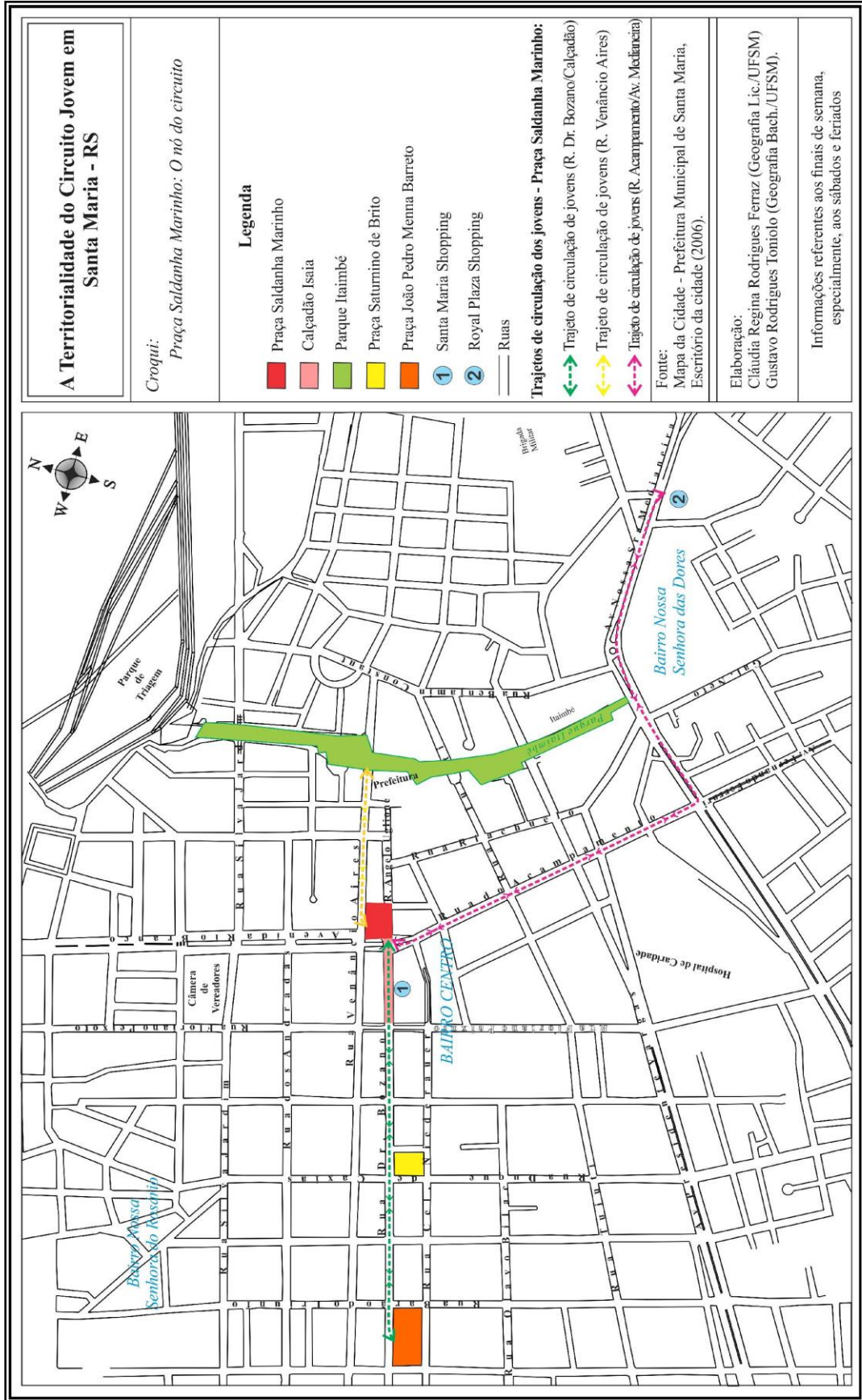


Figura 35 - Croqui: A territorialidade do Circuito Jovem em Santa Maria/RS: Praça Saldanha Maranhão o nó da rede

Na **figura 35**, observam-se os espaços microterritorializados por grupos de jovens no espaço urbano da cidade de Santa Maria, sendo que a Praça Saldanha Marinho (**indicação vermelha**) constitui o ponto de encontro e nó do circuito realizado pelos grupos de jovens, os quais apresentam características que são inerentes à cultura juvenil.

Assim sendo, identificaram-se três trajetos de circulação, que se referem aos trajetos de ligação entre a Praça Saldanha Marinho e outros espaços microterritorializados por grupos juvenis no espaço urbano. Na figura 25, as linhas pontilhadas com setas indicam as principais áreas por onde os grupos deslocam-se, nos quais criam microterritorializações muito pequenas e efêmeras ao longo do itinerário realizado, até se estabelecerem nos lugares para os quais estão se dirigindo.

A **indicação seta verde** refere-se ao eixo da rua Dr. Bozano, tradicional rua da cidade de Santa Maria, que, na década de 1970, teve duas de suas quadras bloqueadas para o trânsito de automóveis, dando origem ao Calçadão Isaia, espaço considerado um dos principais pontos de comércio e constituindo, juntamente com a Praça Saldanha Marinho, os dois principais espaços de lazer e convívio localizados no centro da cidade. Como já foi dito, estes dois espaços estão interligados desde 1992, pelo viaduto Evandro Behr. Assim, ao longo desse eixo, tem-se:

- O Calçadão Isaia (**indicação rosa**), espaço que agrega uma diversidade de microterritorializações de tribos urbanas que, primeiramente, agregam-se nesse espaço público, sentados nos bancos ou ainda em pé em frente às lojas e galerias situadas no espaço. Durante as observações, constatou-se a presença de diversas tribos ou agregações de convivência juvenil, composta principalmente de jovens estudantes de escolas e cursinhos, que, logo, terminadas as aulas, dirigiam-se para o Calçadão Isaia, onde ficavam conversando, namorando ou simplesmente à toa. Tipicamente estão sempre “uniformizados”, ou seja, cada grupo expressa uma forma estética própria do grupo, o que os torna diferentes, apresentando, assim, uma identidade própria, particularizando por alguns momentos uma pequena parte do espaço localizado na frente ao Shopping Santa Maria.

Em seguida, percebeu-se que os grupos realizavam grandes inserções, ou seja, entravam nas lojas, sorveterias, lanchonetes e no próprio Shopping Santa Maria (**indicação 1**), onde vinculavam suas práticas de lazer e diversão ao consumo de determinado produto ou serviço. No Shopping Santa Maria, além das lanchonetes e lojas especializadas em produtos para o público jovem, os grupos encontram casas de jogos eletrônicos, os quais se tornam lugares de diversão e entretenimento, principalmente para os meninos. Nota-se que essas microterritorializações de convivência agregavam principalmente meninos, visto que as

meninas preferiam ficar circulando pelo shopping, olhando as vitrines, realizando alguma compra nas lojas de bijuterias ou fazendo um lanche com as amigas. Essa divisão de preferências entre os gêneros refere-se ao consumo no espaço do shopping. Deve-se destacar que esse aspecto gira em torno das informações coletadas através das entrevistas realizadas com os indivíduos, pois a maioria das meninas relatou não gostar das casas de jogos.

- A Praça Saturnino de Brito popularmente chamada Praça do Brama (**indicação amarela**), está localizada entre os eixos das ruas Dr. Bozano, Duque de Caxias e Coronel Niederauer. Neste eixo, estão situados diversos bares e uma boate, onde o público alvo são jovens universitários. A praça apresenta-se como ponto de reunião entre jovens, os quais se agregam expressando inúmeras formas estéticas e tipos de convivência, produzindo múltiplas microterritorializações no espaço.

Valendo-se de algumas observações realizadas enquanto circulava-se pelo espaço, observou-se que tais microterritorializações expressam muito bem a noção de tribo urbana, pois apresentam formas estéticas bem definidas pelo tipo de roupa e acessórios utilizados pelos grupos, assim como, as expressões de sua existência/coexistência espaciais através das pichações encontradas nos equipamentos urbanos como bancos, orelhões postos de luz, piso e etc.

- A Praça Tenente João Pedro Menna Barreto, mais conhecida como Praça dos Bombeiros (**indicação laranja**) por estar situada bem ao lado do Quartel do Corpo de Bombeiros. Localiza-se no eixo das ruas Dr. Bozano, Barão do Triunfo e Coronel Niederauer. Esse espaço público caracteriza-se por apresentar dois espaços bem distintos: um reservado somente para as crianças, constituindo uma pracinha com brinquedos, balanços e bancos para os pais, é devidamente cercada por grades, o outro constitui um espaço aberto, bastante arborizado muito utilizado pelos moradores do seu entorno, dentre eles muitos estudantes que realizam práticas de convívio e lazer como: tomar chimarrão, conversar, namorar e caminhar com os animais de estimação.

Essas microterritorializações são facilmente observáveis em diferentes horários do dia e durante a semana, ao passo que essa configuração espacial avoluma-se nos sábados, domingos e feriados, quando diversos grupos de pessoas apropriam-se de pequenos lugares da praça.

Na **indicação seta amarela**, observa-se o eixo da rua Venâncio Aires, nele, está localizado parte da extensão do parque, a qual abrange o Parque Itambé (**indicação cor verde**), construído na década de 1980, constitui, hoje, a principal área verde urbana situado no

centro de Santa Maria, pode-se observar na figura 35, que o parque compreende uma área bastante grande, estendendo-se de norte a sul, na região leste em relação ao centro da cidade.

Segundo Cruz (2009), o Parque Itambé é um espaço que agrega, ao longo de seu perímetro, diversos lugares para prática de lazer, convívio social e recreação como: quadras de esportes, quiosques com churrasqueiras, pracinhas, pista para caminhadas, oferece, além disso, um contato direto com a natureza bem no centro de uma área nitidamente urbana. Para Cruz (2009), o parque constitui um espaço que proporciona a realização de diversas práticas de lazer, visto que oferece uma infraestrutura que pode ser utilizada pela população da cidade, no entanto, as pessoas que mais desfrutam desse espaço são os moradores de suas imediações.

Assim, observa-se que o Parque Itaimbé constitui um espaço onde são realizadas diversas atividades vinculadas a prática do lazer e convívio, dentre elas, caminhadas, passeio com os filhos e animais de estimação, ponto de encontro com os amigos e reunião de grupos que realizam esportes como vôlei, futebol, ciclismo e o bastante conhecido *parkour*²⁰ praticado por grupos de adolescentes e jovens.

O parque compreende ainda um espaço onde são realizados eventos culturais, “as mateadas”, reunindo um grande número de pessoas provenientes dos diversos bairros da cidade, pode-se afirmar que se trata de um espaço de convergência da diversidade cultural, ao passo que diferentes formas estéticas podem ser vistas, resultando em microterritorializações. No entanto, para Cruz (2009), o espaço apresenta diversos problemas de depredação dos seus equipamentos como bancos, banheiros e luminárias, assim como de violência gerados pela falta de segurança, devido às más condições de alguns lugares no parque, a frequência cotidiana das pessoas é muito pouca em relação à extensão dessa área.

Esse aspecto foi muitas vezes destacado principalmente pelos grupos de jovens, que dizem frequentar o lugar somente durante o dia, visto que, à noite, o espaço torna-se perigoso, devido à presença de diversos grupos de indivíduos usuários de drogas. Deve-se destacar ainda que a área do parque microterritorializada pelos grupos de jovens provenientes da Praça Saldanha Marinho compreende a parte central, ou seja, as imediações da rua Venâncio Aires.

Nesse contexto, o uso do parque pelos santa-marienses restringe-se aos dias de eventos e aos poucos grupos de pessoas que realizam algumas práticas de convívio. Mesmo assim, o parque constitui espaço de lazer e convívio, especialmente entre jovens, que podem ser vistos realizando esportes, caminhando, sentados nos bancos conversando ou tomando chimarrão.

²⁰ Segundo Cruz (2009, p. 112), *parkour* é uma método natural de treinar o corpo para torná-lo mais ágil, fazendo uso apenas dos obstáculos disponíveis a nossa volta. Nesse sentido, não necessita de nenhuma infraestrutura ou acessórios para praticá-lo a não ser o próprio corpo. O *parkour* é um esporte acessível a todos, porque combina capacidades naturais do corpo humano como correr, saltar, escalar.

Finalmente, o eixo das ruas do Acampamento e Avenida Medianeira (**indicação seta rosa**), as quais são as vias mais utilizadas pelos jovens para se deslocar do centro, ou seja, da Praça Saldanha Marinho até o Royal Plaza Shopping (**indicação 2**), localizado na Avenida Medianeira, já no bairro Nossa Senhora Medianeira. Percebe-se que, ao realizarem esse deslocamento, os grupos vão processando/produzindo múltiplas microterritorializações no espaço urbano, singularizando pequenas partes do espaço, por um tempo infinitamente efêmero, mas não menos visível.

Nessa perspectiva, o espaço como produto das interações sociais está sempre num processo contínuo de fazer-se, sempre aberto, onde várias combinações são possíveis diante das trajetórias realizadas pelos grupos (MASSEY, 2008). Assim, percebe-se que esses deslocamentos dos grupos de jovens entre diferentes espaços no centro representam formas distintas de vivenciar a cidade, conformando novos contextos de interações e possibilidades de compartilhamento coletivo dos espaços apropriados e dos sentimentos, remetendo a múltiplas formas de estar - junto.

Verifica-se que os shoppings centers são espaços que atraem grande público de jovens, principalmente pelo desejo de um “estar-junto à toa”, onde o que se busca são “formas lúdicas de socialização” configuradas pelas práticas sociais vinculadas à diversão, lazer e também ao consumo no que tange a esse tipo de espaço público. Nesse sentido, as microterritorializações de convivência entre jovens na cidade de Santa Maria caracterizam-se por constituir uma rede de lugares de reunião, de encontro e de trajetos que resultam no compartilhamento de formas estéticas em comum, comportamentos, gostos e necessidades relacionais subjetivas dos indivíduos, produzindo múltiplas formas de interações sociais.

5.1.3 Outras formas de interações sociais microterritorializadas no espaço da Praça Saldanha Marinho

No espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, encontram-se localizadas outras formas de interações sociais observáveis a partir dos modos de vida, das práticas sociais e dos usos do espaço pelos grupos, que, ao expressar certas particularidades quanto aos aspectos simbólicos, estéticos e identitários durante o processo de interação entre os indivíduos, acabam por definir fronteiras de convivência.

Nesse processo que perpassa as identificações, os interesses e as necessidades entre os indivíduos, o espaço encontra-se fragmentado por diversos microespaços de convivência, os quais estão sobrepostos, apropriando-se de parcelas específicas, o que torna os grupos segregados e/ou agregados de convivência.

5.1.3.1 A microterritorialidade do álcool e da droga

Na **indicação 1*** da figura 25, observou-se a presença constante de agregados sociais, homens de meia idade e idosos, em convivência com mulheres e jovens adultos microterritorializados em espaços específicos da praça, assim, esses espaços estão localizados ao lado do Banco Banrisul e nas proximidades dos banheiros. Nesse sentido, notou-se que os indivíduos circulam entre esses espaços, construindo redes de sociabilidades com outros agregados sociais territorializados, especialmente, catadores, mendigos e pedintes, mas retornam a territorializar-se nos espaços anteriores.

Desse modo, verificou-se que essa microterritorialização provoca certo estranhamento entre os agregados sociais que não se identificam com as práticas sociais realizadas pelos indivíduos e procuram estabelecer-se nos espaços mais afastados dessa agregação.

Assim, constatou-se que os indivíduos territorializados vinculam suas práticas ao consumo de bebidas alcoólicas (principalmente, cachaça misturada com refrigerante [samba] e, algumas vezes, cerveja), além disso, passam o tempo todo fumando. Com relação ao uso de drogas, esta é utilizada de forma oculta, no entanto, seus efeitos tornam-se visíveis através da aparência física dos indivíduos (principalmente nos olhos), nas suas atitudes e comportamentos. Observou-se que os indivíduos dessa microterritorialização caracterizam-se por estarem frequentemente embriagados, riem muito, falam alto, brincam, cantam e, por fim, alguns dormem nos bancos, chamando a atenção das pessoas que passam pelo espaço.

Para Maffesoli (2003, p. 27), este estar-junto representa uma visão trágica da vida, demonstrando, com todo vigor, a “exuberância pagã que se aproxima dos gozos do presente, levando a uma vida audaz, intrépida, a uma vida atravessada pela frescura do instante, no que este tem de provisório, de precário e, portanto, de intenso”, é um dizer “sim a vida”, com todas as suas precariedades.

Constatou-se, e é necessário dizer que as bebidas alcoólicas provinham, ora de um indivíduo integrante do grupo, que dispunha de algumas garrafas para vender para os seus

agregados, ora eram adquiridas nos estabelecimentos comerciais localizados no entorno da praça, principalmente nos bares no Shopping Independência, situado junto ao espaço da praça.

Destaca-se que as bebidas eram muitas vezes compradas, com dinheiro proveniente dos agregados territorializados no espaço, desse modo, percebeu-se durante as observações que os indivíduos, em alguns momentos, dirigiam-se para os frequentadores da praça com a finalidade de pedir dinheiro²¹. Observam-se, as figuras 36 e 37 onde aparecem alguns indivíduos embriagados no espaço da praça.



Figura 36 - Homem embriagado dorme em um dos bancos na Praça Saldanha Marinho, cena cotidiana no espaço.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

²¹ É interessante lembrar que, durante as observações, um rapaz, todo tatuado, aproximou-se e solicitou que lhe desse dois reais. Para me livrar daquela situação, logo lhe dei o dinheiro e fiquei a observar o desenrolar daquela cena social. Nesse sentido, verifiquei que o rapaz entregou o dinheiro para um homem, que, ao deslocar-se até o chafariz, alcançou o dinheiro para uma mulher que lhe deu uma garrafa de cachaça. Voltando, o homem entrega a garrafa para o rapaz, que mistura a cachaça com refrigerante. Depois disso, comecei a prestar mais atenção e percebi que aquela mulher e aquele homem eram presenças assíduas no espaço, sendo que o homem se microterritorializava constantemente junto ao grupo, enquanto a mulher apropriava-se de um banco próximo ao chafariz.



Figura 37 - Em destaque dois homens (o da direita catador) vistos constantemente no espaço, realizando práticas vinculadas ao convívio social e ao consumo de bebidas alcoólicas.
Fonte: Trabalho de campo, 2013.

A prática de pedir dinheiro, principalmente para o consumo de bebidas alcoólicas não é bem vista pelas pessoas, as quais se sentem incomodadas, preferindo ficar o mais longe possível desses indivíduos ou ainda se retirar do espaço de maneira a evitar constrangimentos e possíveis discussões. Esse aspecto mencionado esteve muito presente nas falas das pessoas entrevistadas, pois a recusa de algumas delas em dar dinheiro foi causa de muitos enfrentamentos entre elas e os indivíduos que acabavam irritados.

Assim sendo, os aspectos simbólicos e de identificação expressos através das relações sociais pelos indivíduos estabelecidos nessa microterritorialização convergem em elementos conflitantes facilmente observáveis na escala desse espaço, os quais definem a diferença, tornando os agregados sociais segregados no espaço.

5.1.3.2 A microterritorialidade da prostituição

Na **indicação 2*** da figura 25, verificou-se a presença de uma jovem/adolescente²², que vincula sua frequência na praça às atividades de prostituição, ou seja, o espaço é percebido como ponto de encontro com os clientes. Essa pessoa se microterritorializa no espaço nos momentos de maior circulação de pessoas, ou seja, no período entre o meio-dia para a tarde. Pode-se salientar que essa preferência em estabelecer-se nos períodos de maior fluxo permite, de um lado, aumentar as possibilidades de conseguir clientes, por outro, viabiliza que essa prática seja realizada de forma quase anônima. Nesse sentido, constatou-se que essa prática passa, muitas vezes, despercebida para a maioria das pessoas que circulam pela praça, sendo apenas apreendida por aqueles que estejam um quanto próximo, pois assim é possível observar os aspectos simbólicos que expressam essa prática desenvolvida pelo indivíduo.

Noutro sentido, trata-se de um indivíduo que, ao territorializar-se durante o dia, convive com outras agregações de convivência, sendo que, de um lado, relaciona-se com os agregados que se reúnem no espaço para consumir bebidas alcoólicas, catadores, mendigos, pedintes e engraxate, com os quais estabelece algumas interações visando a adquirir um cigarro, tomar um gole de bebida ou ainda vinculadas às práticas sexuais. Esta última torna-se perceptível pelas expressões corporais e comportamentais dos indivíduos durante a interação social.

Percebeu-se que, com estas microterritorializações estabelecidas no espaço, as fronteiras de convivência são bastante flexíveis e permeáveis, devido às identificações entre os indivíduos envolvidos na interação social. Por outro lado, com as demais microterritorializações de convivência idosas e juvenis, as fronteiras tornam-se fechadas, não havendo nenhum tipo de interação, visto que a diferença não é aceita.

Assim sendo, percebeu-se que o indivíduo circulava para diferentes espaços da praça como no entorno, com o intuito de estabelecer contatos com possíveis clientes e, assim, conseguir realizar algum programa.

De acordo com Souza (2001, p. 88), ao referir-se à territorialidade da prostituição no espaço urbano, esta se desenvolve de modo bastante flutuante, deslocando-se para diferentes pontos do espaço, que são ligeiramente apropriados por grupos ou indivíduos, o que lhes

²² Conforme alguns informantes existem diversos indivíduos que procuram a praça com o intuito de realizar programas eventuais.

confere limites instáveis e flexíveis, deslizando sobre os espaços das ruas, praças e avenidas. Em meio a isso, ocorrem casos de conflitos entre grupos (indivíduos) pela posse de determinado ponto, considerado mais lucrativo (possibilidades de arranjar grande número de clientes), assim os espaços de maior movimento são os mais disputados.

No entanto, essa microterritorialização não se vincula a uma prática voltada para a sobrevivência material cotidiana do indivíduo que a realiza, ou seja, não se estabelece como uma atividade “profissional” da pessoa. Pelo contrário, o indivíduo observado procura com essa atividade ganhar algum dinheiro para a compra de bebidas alcoólicas, drogas ou lanche. Esse aspecto foi mencionado diante de algumas conversas informais realizadas com frequentadores assíduos do espaço, diante disso, buscou-se observar essa prática com mais atenção para, de fato, confirmar essa realidade verificável no espaço da praça e também em outros lugares do centro da cidade. Observou-se que essa prática caracteriza-se por ser uma atividade efêmera dentro do espaço da praça. Vejam-se alguns fragmentos dessa microterritorialização na figura 38.



Figura 38 - A microterritorialidade da prostituição na Praça Saldanha Marinho.
Fonte: Trabalho de campo, 2012.

5.1.3.3 Espaço de descanso

Na **indicação 3*** da figura 25, pode-se observar a presença constante de um grupo formado por catadores, que se reúnem, principalmente, no final da manhã, no intervalo do recolhimento dos materiais reciclados e, à tardinha, quando finalizam seu trabalho de coleta no centro da cidade. Salienta-se que, nos últimos anos, essa atividade ganhou visibilidade na cidade de Santa Maria, devido à grande quantidade de homens, mulheres e, principalmente, crianças que recolhem materiais recicláveis nas ruas, tendo como objetivo a aquisição de renda para sobrevivência dos indivíduos. Assim, verificou-se que, na maioria das vezes, esses indivíduos chegam carregando sacos, sacolas, sendo que um deles utiliza um carrinho de supermercado para armazenar e transportar os materiais que recolhe durante o dia.

Para esses trabalhadores da reciclagem, percebeu-se que a praça representa, primeiramente, um lugar de descanso, após várias horas circulando pelas ruas da cidade, puxando seus carrinhos ou carregando os materiais que recolhem das lixeiras, muitas vezes antecipando-se à passagem dos caminhões de coleta. Na praça, eles se microterritorializam, permanecendo sentados nos bancos ou à beira dos canteiros enquanto conversam, consomem um lanche rápido, em alguns momentos são vistos consumindo bebidas alcoólicas juntamente com outros indivíduos territorializados no espaço, com os quais mantém certa convivência. Observe a figura 39.

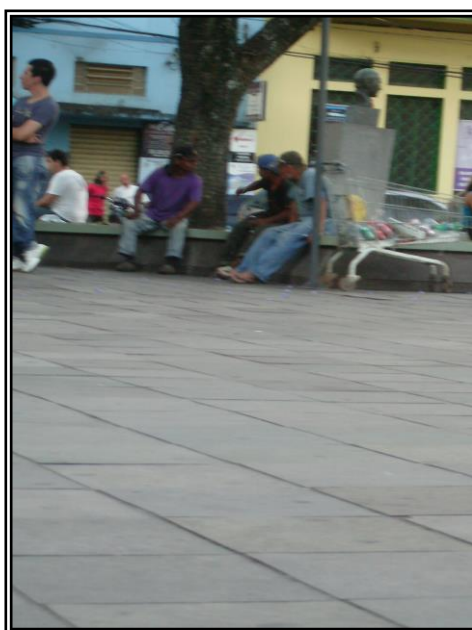


Figura 39 - Reunião de catadores, sentados na beira de um dos canteiros na Praça Saldanha Marinho.
Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Por outro lado, para os catadores, a praça representa espaço de convivência com outros agregados sociais que convivem no espaço como os bêbados, drogados, engraxate e alguns avulsos (homens e jovens que circulam pelo espaço, parando para conversar com o grupo de catadores). Esse fato pode ser verificado na figura 37 acima, onde um catador conversa com um indivíduo que mantém uma frequência constante na praça. Nessa interação observável, percebe-se certa identificação entre os indivíduos que conversam despreocupadamente, os quais cultivam uma convivência de amizade.

Noutra perspectiva, muitas vezes, observou-se que tais indivíduos constantemente verificavam as lixeiras localizadas na praça, com a finalidade de recolher algum material, principalmente, latas de alumínio, material de maior valor pago na hora da venda dos materiais coletados. Veja a figura 40.



Figura 40 - A praça como espaço de coleta dos catadores.
Fonte: Trabalho de campo, 2012.

5.1.3.4 Os microespaços de sobrevivência

Nas indicações por números do croqui da figura 25, identificaram-se algumas microterritorializações de convivência muito específicas, ou seja, vinculadas à venda de

produtos e à prestação de serviços, cujas características relacionais singularizam diferentes partes do lugar, representando, dentro do espaço, pequenas segregações. Nesse sentido, a praça conforma-se como espaço de sobrevivência, onde os indivíduos, ao estabelecerem-se, procuram desenvolver alguma atividade que lhes traga o sustento diário.

Nesse contexto, na **indicação 1**, nas proximidades do viaduto Evandro Behr com a Praça Saldanha Marinho, localizam-se algumas bancas de artesanato indígena, onde são vendidos artigos de decoração (geralmente, são artigos que remetem à natureza como pássaros, jacaré, onças etc. feitos de palha e madeira) e utensílios, principalmente, cestos feitos de palha com forma bastante rústica. Verificou-se que estes produtos são fabricados no local da praça, em meio ao trânsito incessante dos transeuntes, que passam observando essa agregação, composta principalmente por mulheres, crianças e, inclusive, observou-se a presença de muitos bebês que mamam em suas mães em pleno espaço público.

Para Costa (2007), vivenciar a territorialidade indígena no espaço urbano consiste, de um lado, manter contato com outra cultura, onde as pessoas relacionam-se de forma bem particular, por outro, remete a todas as problemáticas de exclusão e violência histórica, que envolvem essas comunidades na atualidade e que se encontram à margem da sociedade.

Na realidade, a aproximação do grupo indígena na praça e o tipo de convivência estabelecida fora da agregação, a qual gira em torno da aquisição de renda pela venda e dos produtos, caracteriza essa microterritorialização com fronteiras de convivência bastante fechadas, traçando visivelmente os limites da diferença entre o nós (indígenas) e os outros (compradores) (SOUZA, 2001).

Outro aspecto verificado nas proximidades dessa microterritorialização foi de crianças indígenas realizando práticas voltadas para a mendicância, são meninos e meninas, em idade infantil, que se estabelecem em frente às lojas, lanchonetes e bancos, com o intuito de abordar as pessoas para pedir dinheiro, inclusive essas abordagens também são realizadas na Praça Saldanha Marinho. Observou-se que essa microterritorialização é bastante efêmera, mudando constantemente de lugar no centro da cidade.

Na **indicação 2**, verificou-se a microterritorialidade da atividade de engraxate. Trata-se de um indivíduo que desenvolve, há mais de uma década, a atividade de engraxar os sapatos no centro de Santa Maria, especificamente na Praça Saldanha Marinho. Nesse sentido, através de sua atividade de trabalho, produz uma convivência com idosos²³ e homens mais

²³ Esse aspecto foi mencionado pelos idosos, pois muitos se disseram clientes fixos desse engraxate a mais de uma década, o qual mantém seu ponto de trabalho na Praça Saldanha Marinho.

velhos, os quais são clientes fixos, que assiduamente dirigem-se para a praça em busca de tal serviço.

Diante das observações realizadas em outro momento (Ferraz 2010), notou-se que o engraxate apropriava-se cotidianamente de um dos bancos localizados na praça, onde se instalava com seus instrumentos de trabalho, ficando, assim, no aguardo de seus clientes. Atualmente, após o processo de retirada dos trabalhadores informais dos espaços públicos do centro da cidade, ocorrido no ano de 2010, o engraxate permanece trabalhando na praça, porém, atende seus clientes numa estrutura móvel fornecida pela prefeitura municipal, estando esta estrutura localizada próximo ao banco onde realizava seu trabalho.

Noutro aspecto analisado, observou-se que, por estabelecer uma presença constante no espaço, mantém convívio com agregados sociais (catadores, mendigos, homens e jovens adultos que consomem bebidas), com os quais possui certas identificações que remetem a um estar-junto em comum. Nota-se ainda que o indivíduo mantém certa interação com os garis que realizam a limpeza cotidiana da praça, com os guardas e alguns policiais que realizam a segurança. Essa microterritorialização é singular e envolve múltiplas outras formas de interações caracterizadas pelas diferentes formas relacionais criadas pelos indivíduos envolvidos.

Na **indicação 3**, observou-se, em uma das periferias da praça com a Rua Venâncio Aires, uma agregação de convivência vinculada a prestação de serviço de tele-moto. Nesse sentido, constatou-se que esses indivíduos são devidamente identificados através dos coletes e das motocicletas que utilizam para prestar o serviço de transporte na cidade. Assim, verificou-se que essa convivência é formada por cinco indivíduos que se apropriam de dois bancos da praça, pois, enquanto ficam no aguardo de clientes, conversam entre si e com outros agregados sociais.

A **indicação 4** remete à territorialidade das barracas da Feira de Pequeno Produtor que ocorre a 31 anos na cidade, duas vezes por semana (terças e sextas-feiras), reunindo 17 feirantes. Tendo em vista a política de revitalização do centro no ano de 2010, os feirantes que montavam suas barracas no espaço central da Praça Saldanha Marinho, passaram a trabalhar no entrono das ruas Ângelo Uglione e Roque Callage, esquina com a praça. Nesse sentido, as estruturas são montadas nas calçadas dessas duas ruas, ou seja, somente do lado esquerdo e numa pequena parte da praça. Nesse conjunto de barracas, são vendidos pães caseiros, biscoitos, rapaduras, pastéis, cucas, verduras e frutas. No que se refere às verduras e frutas são produtos excedentes de pequenas plantações de quintais.

Essa microterritorialização reúne mulheres, donas de casa de vários bairros da cidade que, envolvidas nessa atividade de trabalho, mantêm relações muito próximas, ou seja, conversam, trocam informações sobre a fabricação e comercialização de seus produtos, tomam chimarrão e ajudam-se mutuamente, fornecendo troco ou sacolas para seus vizinhos de barracas. Esse aspecto é facilmente observável ao passar pelas barracas ou ao realizar alguma compra.

Nessa perspectiva, existem outros tipos de microterritorializações vinculadas às atividades que remetem ao ganho financeiro, podendo-se assim destacar os artistas de rua, vendedores de doces, picolés e churrasquinho. Ressalta-se que essas práticas são efêmeras no espaço, privilegiando os momentos de maior circulação, principalmente nos dias de eventos em que a configuração espacial da praça altera-se significativamente agregando centenas de pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, buscou-se investigar das formas de interações sociais microterritorializadas no espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho, Santa Maria/RS. A escolha por este tema implicou uma análise sobre as características intrínsecas à produção do espaço urbano contemporâneo, no qual múltiplas formas de interações e identificações são construídas e apresentam-se localizadas no espaço, resultando em microterritorializações urbanas.

A Praça Saldanha Marinho, espaço escolhido para esta investigação, atendeu os objetivos propostos pelo estudo, pois, possibilitou compreender uma série de fenômenos inerentes aos espaços urbanos, como as questões que envolvem os aspectos simbólicos, as expressões estéticas, culturais e de identificações, permitindo construir um entendimento sobre a complexidade desse espaço social e das microterritorialidades ali presentes. Com relação a isso, acredita-se que a perspectiva metodológica do formismo sociológico, que busca no jogo das formas sociais dar sentido as interações no espaço-tempo e da abordagem do cotidiano estético de Maffesoli (2006) utilizados, propiciou entender a complexa trama de fenômenos encontrados, os quais se identificam como elementos fundamentais para a análise das formas de interações sociais, a fim de explicar a formação das microterritorializações no espaço da Praça Saldanha Marinho.

Dessa maneira, o trabalho de investigação teve como base o estudo das formas sociais como configuração para a análise das microapropriações espaciais dos agregados/grupos no espaço da praça, identificados através das práticas sociais e dos usos estabelecidos pelos mesmos, conformando diversos microespaços de convivência bastante específicas, resultado das fronteiras de convivência estabelecidas entre eles.

Assim, o estudo das formas de interações implicou uma investigação de múltiplos fenômenos sociais, os quais constituem uma intrincada rede de socialidades que se buscam microterritorializar na Praça Saldanha Marinho. Para atender a esse propósito, foram utilizados os procedimentos metodológicos da observação participante, da fotografia e da entrevista semi-estruturada, considerados importantes instrumentos de coleta de informações e de verificação nos estudos desta natureza. Esses instrumentos possibilitaram identificar as práticas sociais, os processos relacionais, estéticos, simbólicos e de identificações, além das fronteiras de convivências produzidas.

Com o desenvolvimento do estudo, verificou-se que o espaço cotidiano da Praça Saldanha Marinho abarca um emaranhado complexo de formas de interações sociais, as quais produzem, no espaço, múltiplas microterritorializações conformadas a partir do compartilhamento de expressões estéticas, afetivas e simbólicas entre os indivíduos. Assim, os resultados obtidos no estudo permitiram identificar as formas de interações sociais localizadas na praça, a fim de explicar a formação das microterritorializações na Praça Saldanha Marinho, e também foi possível analisar as fronteiras de convivência estabelecidas entre os agregados/grupos, assim como localizar espacialmente as formas de interações observáveis no espaço.

Constatou-se que a Praça Saldanha Marinho compreende um espaço onde convergem interesses divergentes entre os agregados/grupos sociais. Assim, para os frequentadores idosos, a praça deve ser entendida como espaço da necessidade pela convivência social, onde a principal prática realizada pelos indivíduos vincula-se à conversação, forma encontrada para utilizar o tempo ocioso, enquanto que, para os frequentadores jovens, a praça compreende espaço de diversão e entretenimento, onde uma diversidade de atividades é realizada como forma de utilizar o tempo livre. Além disso, o espaço agrega visivelmente outros interesses como a necessidade pelo ganho financeiro, assim como vinculadas a distintas práticas realizadas pelos indivíduos e/ou agregados.

Neste sentido, pode-se afirmar que a configuração espacial da praça apresenta-se fragmentada por diversas segregações que representam formas de agregação social com interesses e formas relacionais bastante distintos empreendidas pelos agregados definindo as fronteiras de convivência. Em relação às fronteiras de convivências estabelecidas, verificou-se que ora se caracterizam por serem pouco permeáveis e/ou fechadas, no caso das interações estabelecidas entre as pessoas idosas, ora tornam-se bastante permeáveis e/ou abertas em se tratando dos grupos de jovens que procuram no espaço interagir com diversos grupos compostos por jovens ao mesmo tempo. Verifica-se que essas fronteiras de convivência no contexto do espaço da praça retraem-se e expandem-se conforme a proximidade entre os agregados sociais que estão sobrepostos, utilizando o mesmo espaço ao mesmo tempo ou em tempos diferentes.

Como resultado disso, constatou-se que a praça apresenta diferentes lugares de convivência, onde os indivíduos que convivem podem realizar suas práticas de convívio social, de lazer, de diversão e de usos diversos, os quais foram representados num croqui em que constam as principais microapropriações do espaço.

No que se refere aos processos relacionais estabelecidos entre os agregados no espaço público, constatou-se que se caracterizam por constituírem formas superficiais cujo tempo de duração é definido pela efemeridade, no entanto, as formas de interações verificadas possuem um caráter de pertencimento e de identificação sentimentais e afetivas muito intensas, como afirma Maffesoli (2006), sendo que esse aspecto apresentado está muito presente na apropriação dos espaços urbanos contemporâneos pelos agregados sociais.

Diante dos resultados do estudo, verificou-se ainda que os agregados que convivem na praça realizam uma rede de conexões entre diferentes lugares no espaço urbano da cidade de Santa Maria, os quais se conformam por constituírem novos contextos de interações microterritorializadas através das práticas sociais realizadas pelos indivíduos. De acordo com Massey (2008), a cidade contemporânea deve ser pensada sob uma nova política espacial, na qual a coexistência de uma multiplicidade de expressões culturais, demonstração da diferença, acaba por trazer implicações quanto à construção de distintas espacialidades, cujas trajetórias são múltiplas, fragmentadas e articuladas.

Assim sendo, a Praça Saldanha Marinho compreende um espaço de coexistência de múltiplas formas de interações que, ao se espacializarem, representam uma diversidade de expressões culturais, estéticas e afetivas, que, em identificações sucessivas, formam diversas agregações de convivência espontâneas e efêmeras, conformando microterritorializações no espaço urbano de Santa Maria. Tendo como base os objetivos desse estudo, sugere-se que os estudos futuros sobre as microterritorializações urbanas considerem os períodos noturnos, pois certamente outras formas de interações sociais poderão ser encontradas, a partir das microapropriações estabelecidas pelos indivíduos/grupos sociais. O que significa dizer que o espaço urbano contemporâneo por apresentar uma complexa rede de interações sociais torna-se fonte inesgotável de estudos e por assim dizer de conhecimento.

Por fim, destaca-se que os resultados obtidos no estudo estão de acordo tanto com os referenciais teóricos elencados para o desenvolvimento da pesquisa como com a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados colhidos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- AZEVEDO, B. R. Z. **O setor informal, a economia gaúcha e os anos 80** - Uma trajetória regional no contexto da crise brasileira. Porto Alegre: FEE, 1990.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. Trad. Estevão R. Aguiar. São Paulo: Hucitec, 2007.
- BELÉM, J. **História do município de Santa Maria**. Santa Maria: UFSM, 1989.
- BOLFE, S. A. **Transformações do espaço urbano de Santa Maria-RS e sua região: Tendências e Condicionantes**. 2003. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas de lazer e tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- CAMPOS, H. A. Refletindo sobre o papel das representações nas territorialidades urbanas: o exemplo da área central do Recife. In: **Revista GEOUSP - Tempo e Espaço**. São Paulo, n.º 11. p. 35-50. 2002.
- CASA DE MEMÓRIA EDUMUNDO CARDOSO. **Acervo Histórico e Bibliográfico**. Santa Maria, 2010.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.
- COLOGNESE, S. A; MELO, J. L. B de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.
- COSTA, B. P da. **Territorializações: ações de agregados sociais**. Canoas, n. 21, p. 67-71, jul/dez, 2002.

_____. **Por uma geografia do cotidiano: Território, Cultura e Homoerotismo na cidade.** 2007. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CRUZ, C. R. da. **Percepção e territorialidade no Parque Itambé de Santa Maria/RS.** 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papiрус, 1993.

FERRAZ, C. R. R. **O espaço público e as territorialidades da Praça Saldanha Marinho - Santa Maria/RS.** 2010. 99 f. Monografia (Graduação em Geografia – Licenciatura Plena), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1. n° 02 , p. 161-185, jul/set. 1995.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo.** 4. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1986.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos.** Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JOVCHELOVITCH, S. **Contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, M. **Contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O Instante Eterno**. O retorno do trágico nas sociedades pós- modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **O conhecimento Comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAGNANI, J. G. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, A. **Santa Maria** - Relatos e impressões de viagens. Santa Maria: UFSM, 1997.

_____. **Do céu de Santa Maria**. Santa Maria: D. Marin, 2008.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAY, T. **Pesquisa Social** - Questões, métodos e processos. 3. ed: Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORALES, N. C. **Santa Maria Memória**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

MORIN, E. **O método 4**: as idéias. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NUNES, R. B. **A boca, a esquina e o recanto**: sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados habitués do Centro de Santa Maria, RS. 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2005.

PEDROSO, L. F. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre - RS**. 2007. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PEREZ, C. B. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Escritório da Cidade. **Projeto de Revitalização do Canteiro Central da Avenida Rio Branco**. Santa Maria-RS, 2007.

RECHIA, A. **Santa Maria: Panorama Histórico-cultural**. Santa Maria: ASL, 1999.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. 2. ed. São Paulo: EDIUSP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

ROCHA, A. L. C. de; ECKERT, C. **Etnografia de rua: Um estudo de antropologia urbana**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>> Acesso em: 25 jun. 2013.

SANTA MARIA. Prefeitura Municipal. **Decreto Executivo n. 65, de 07 de junho de 2010**. Dispõe sobre a transferência dos camelôs, ambulantes e artesãos para o Shopping Independência. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br>> Acesso em: 25 jun. 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, M. J. L. de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77-116.

TEDESCO, J. C. **Memória e Cultura - O coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memória de nonos**. Porto Alegre, 2001.

_____. **Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. Passo Fundo: EDUNISC; UPF, 2005.

THUMS, J. **Acesso à realidade** - Técnicas de Pesquisa e Construção do Conhecimento. Canoas: ULBRA, 2003.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. Presidente Prudente, SP: [s.n], 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Informações sobre o entrevistado Idoso

1. Nome -
2. Idade -
3. Naturalidade -
4. Bairro onde mora -
5. Qual é a sua atividade? () aposentado () trabalha () outros
6. Se é aposentado, o que fazia antes de se aposentar?
7. Se trabalha, o que faz?
8. Descreva seu itinerário quando vem ao centro da cidade? Quais os espaços que frequenta e a praça?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

Informações sobre o entrevistado Jovem

1. Nome -
2. Idade -
3. Naturalidade -
4. Bairro onde mora -
5. Qual a sua renda familiar?
6. Qual é a sua atividade? () estudante () trabalha () outros
7. Onde estuda (bairro) ou trabalha (bairro)?
8. Se estuda, em que série está?
9. Quando vem a praça? () sozinho () grupo
10. Se vem em grupo, esse grupo é formado onde: () colegas () vizinhos () outros.
11. Descreva seu itinerário quando vem ao centro da cidade? Quais os espaços que frequenta e a praça?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista

Informações subjetivas dos frequentadores idosos e jovens sobre a Praça Saldanha Marinho

1. Com que frequência você vem à praça? Quais os horários do dia que você mais gosta de estar aqui? Quais os que você não gosta? Por quê?
2. O que costuma fazer na praça? Existe algo que te chama à atenção quando está aqui?
3. Com quem você se relaciona na praça e com quem você não se relaciona? Por quê?
4. Você pode relatar algum fato interessante que tenha ocorrido na praça, que você observou e que tenha lhe chamado à atenção?
5. Você poderia falar sobre as diferentes pessoas que frequentam a praça? O que elas fazem? Como se comportam?
6. O que você sente quando está na praça? O que leva você a permanecer nela e o que leva você a não ficar nela?

APÊNDICE D - Perfil dos entrevistados idosos

Número	Sexo	Idade	Naturalidade	Bairro (Residência)	Atividade que exercia	Atividade atual
1	Masculino	74	São Borja	Centro	Eletricista	Aposentado
2	Masculino	57	Santa Maria	Minuano	Açougueiro	Aposentado
3	Masculino	57	Santa Maria	Uberlândia	Ferroviário	Aposentado
4	Feminino	80	Santa Maria	Centro	Dona de Casa	Pensionista
5	Masculino	55	Santa Maria	Noal	Músico	Músico
6	Masculino	68	Restinga Seca	Nova Santa Marta	Carpinteiro	Aposentado/Tr abalha
7	Masculino	68	Santa Maria	Prado	Açougueiro	Aposentado
8	Masculino	78	Santa Maria	Maringá	Carpinteiro	Aposentado
9	Masculino	69	Cruz Alta	Centro	Militar	Reformado do Exército
10	Feminino	63	Santa Maria	Centro	Dona de Casa	Pensionista
11	Masculino	75	Santa Maria	Centro	Servidor Público	Aposentado

APÊNDICE E - Perfil dos entrevistados jovens

Número (Identifica o entrevistado)	Sexo	Idade	Naturalidade	Bairro (Residência)	Atividade atual	Bairro onde realiza suas atividades	Renda familiar (salários)
1	Masculino	16	Santa Maria	Itaára	Estudante de Ensino Médio e Curso Profissionalizante	Centro	2 salários
2	Masculino	18	Dom Pedrito	Centro	Estudante de Curso Profissionalizante	Centro	X
3	Masculino	19	São Gabriel	Centro	Estudante de Curso Profissionalizante	Centro	X
4	Feminino	18	Santa Maria	Camobi	Estudante	Centro	2 salários e meio
5	Feminino	15	Santa Maria	Boi Morto	Estudante de Ensino Médio	Boi Morto	5 salários
6	Feminino	16	São Vicente do Sul	Boi Morto	Estudante de Ensino Fundamental	Boi Morto	2 salários e meio
7	Masculino	17	Santa Maria	Residencial Lopes	Estudante de Curso Profissionalizante	Centro	4 salários
8	Masculino	16	Santa Maria	Uberlândia	Estudante de Ensino Médio	Centro	3 salários
9	Feminino	14	Santa Maria	Nova Santa Marta	Estudante de Ensino Fundamental	Nova Santa Marta	1 salário e meio
10	Masculino	15	Santa Maria	Santos	Estudante de Ensino Médio	Centro	3 salários
11	Feminino	16	Santa Maria	Nova Santa Marta	Estudante de Ensino Fundamental	Nova Santa Marta	1 salário
12	Feminino	26	Caibaté	Centro	Estudante de Curso Profissionalizante	Centro	1 salário
13	Masculino	19	São Sepé	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Militar	Boi Morto	1 salário e meio
14	Feminino	25	Santana da Boa Vista	Centro	Estudante de Curso Profissionalizante/ Estagiária	Centro	1 salário
15	Feminino	14	Santa Maria	Itararé	Estudante de Ensino Fundamental		X
16	Masculino	20	Sobradinho	Boi Morto	Militar	Boi Morto	1 salário
17	Masculino	21	X	São José	Estudante de cursinho	Centro	X